a revista para quem gosta de ver filmes

SET

Editora Abril

VAN DAMME
Conta como escapou das drogas e da morte

HECTOR BABENCO
Começa vida nova com Coração Iluminado

VÁ AO CINEMA
Os multiplexes invadem o país e acabam com as desculpas para não sair de casa

RONIN
Robert De Niro estrela uma aula de cinema

CHARLTON HESTON
As opiniões polêmicas do "sr. épico"

jim carrey faz o show de truman

Como o comediante virou o astro de um dos melhores filmes da década

EXEMPLAR DE ASSINANTE • VENDA PROIBIDA •

Novembro, 1998 - Ed. 137 - Ano 12 - Nº 11 - R$ 5,70 - 5633

ISSN 0104-1592 00137

9 770104 159003

SEU PIOR PESADELO AINDA ESTÁ POR VIR ...
Martha Plimpton
(Rabugentos e Mentirosos)
Kevin Anderson
(Dormindo Com o Inimigo)
DUBLADO E LEGENDADO
NEOIDÉIA
MELHOR DIRETOR
1997
AMERICAN INDEPENDENT AWARD
O OLHO DE DEUS
(Eye of God)
TRIMARK PICTURES
Exclusivamente na sua locadora.
playtime

CARTA ao LEITOR

Jim Carrey, o astro de *Debi & Lóide*, fazendo um drama? Pouco mais de um ano atrás, quando correu a notícia de que o elástico comediante seria o protagonista de O *Show de Truman*, as reações oscilavam entre a ligeira desconfiança e o descrédito absoluto. Só quem parecia seguro da decisão era o diretor desta fabulosa tragicomédia, o australiano Peter Weir. Conhecido por guiar figuras famosas na difícil tarefa que é mudar de registro (foi a ele que Harrison Ford, recém-saído das aventuras de Indiana Jones, se confiou em A *Testemunha*, e foi ele também quem revelou o potencial dramático de Robin Williams em *Sociedade dos Poetas Mortos*), o sereno e simpático Weir nem sequer cogitou outro ator para o papel de Truman Burbank, o sujeito que, sem saber, é o astro do programa de TV mais visto no mundo. "Só um astro verdadeiro teria o carisma necessário para viver outro astro", é a simples e justa explicação do cineasta. Como você poderá conferir na reportagem que começa à página 14, não se trata de um jogo de palavras: Jim Carrey é mesmo a grande surpresa deste ano. Ame-o ou odeie-o, mas não o ignore.

Os Editores

UIP

NESTA edição

Na Capa: *O Show de Truman* (UIP)

14 O Show de Truman
Jim Carrey e o diretor Peter Weir se reúnem para contar a bizarra história de um homem que nasceu para ser o maior astro da TV

22 arrebata-me, almodóvar!
O diretor espanhol volta melhor do que nunca com o drama *Carne Trêmula*

26 ronin
Robert De Niro estrela um suspense policial que é uma aula de cinema

29 conspiração entre amigos
Um trio muito inspirado passa da publicidade ao cinema com o longa-metragem *Traição*

30 formiguinhaz
Woody Allen, Sharon Stone e Stallone estão entre os astros que emprestaram sua voz a este ótimo desenho

32 charlton heston
Do profeta Moisés ao príncipe Ben-Hur, ele sempre foi o ator ideal para dar dignidade a um épico

40 cinema é o que não falta
Os multiplexes invadem o Brasil e prometem quadruplicar o número de salas nos próximos anos

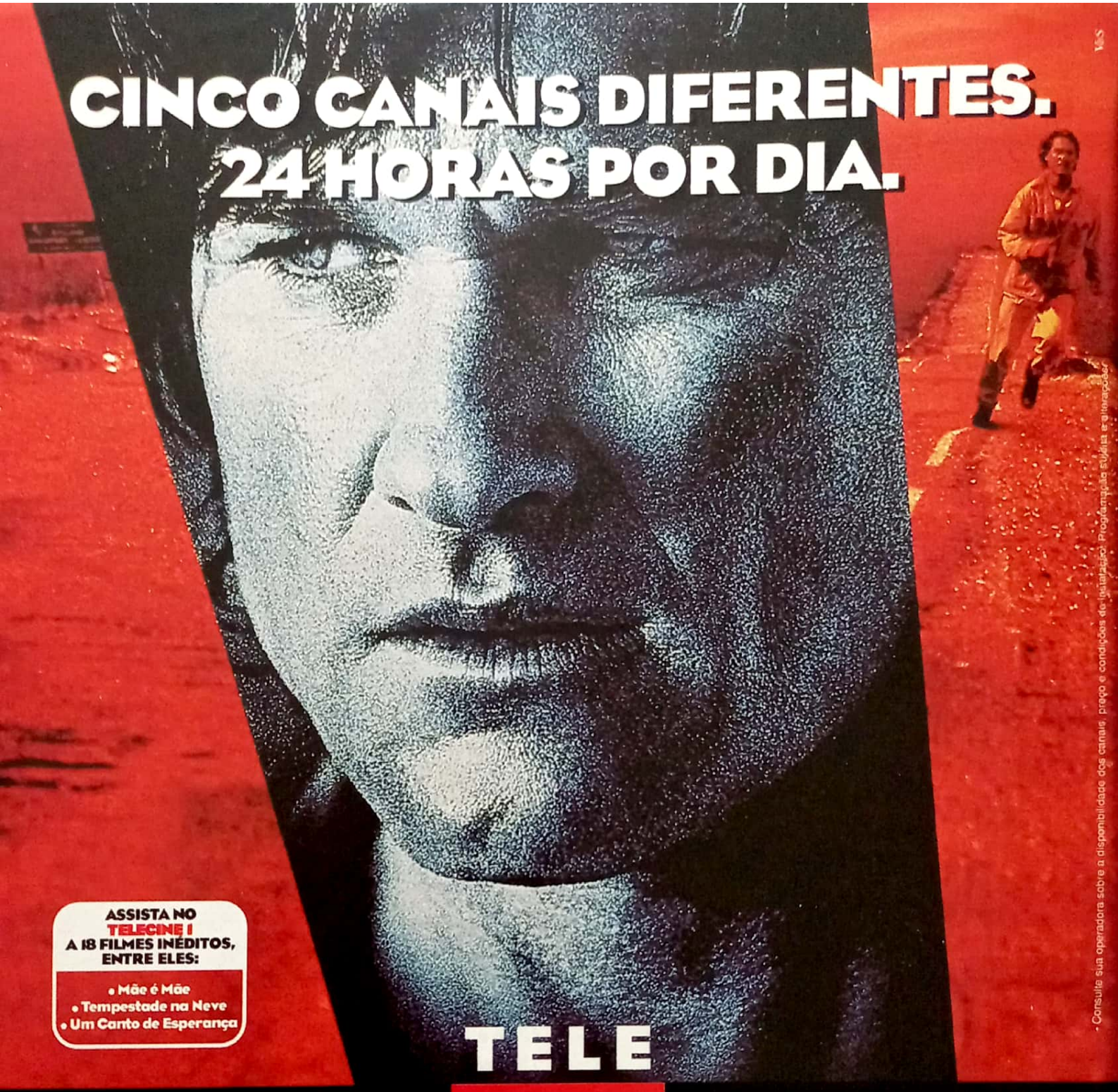
44 o último refúgio do leão da metro
Na serra do Rio, um delegado vive sua paixão: projetar filmes numa réplica de um dos grandes cinemas da MGM

46 jean-claude van damme
Livre das drogas, o musculoso astro belga diz que está em paz e faz planos para o futuro

SEMPRE em SET

5 **takes**
8 **radar brasil**
10 **atrás da câmera** com Hector Babenco
11 **sob os holofotes** com Natascha McElhone
12 **o que eles dizem**
13 **papo rápido** com Jamie Lee Curtis
50 **dúvidas cruéis** por Gabriela Aguerre
51 **por trás da tela** por Francisco Ramalho
52 **10** filmes legais que pouca gente viu
53 **novos filmes** *O Aprendiz*
58 **hollywood boulevard** por Dulce D. de Brito
59 **videolançamentos** *Cidade dos Anjos*
64 **cinema para guardar**
65 **clássico por assinatura** *Uma Rajada de Balas*
66 **o que eu amo & odeio** com Sandra Bullock
68 **cartas**
69 **próximas atrações**
70 **nostalgia**

CINCO CANAIS DIFERENTES. 24 HORAS POR DIA.



ASSISTA NO TELECINE 1 A 18 FILMES INÉDITOS, ENTRE ELES:

- Mãe é Mãe
- Tempestade na Neve
- Um Canto de Esperança

TELE CINE

*Consulte sua operadora sobre a disponibilidade dos canais, preço e condições de instalação. Programação sujeita a alterações.

Você vai ver Breakdown - Perseguição Implacável. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1, dia 28/11, às 21:00h. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando. Neste mês são 744 filmes, dos mais variados gêneros, todos com o som original, legendados e sem intervalos. Quem não tem Telecine não tem cinema.

www.telecine.com.br

TELE 1 CINE	TELE 2 CINE	TELE 3 CINE	TELE 4 CINE	TELE 5 CINE
ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INÉDITOS NA TV BRASILEIRA.	AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTÍFICA, WESTERN.	DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.	COMÉDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.	CLÁSSICOS, CULT.

TELECINE, ISTO É CINEMA

TAKES o que vem por aí

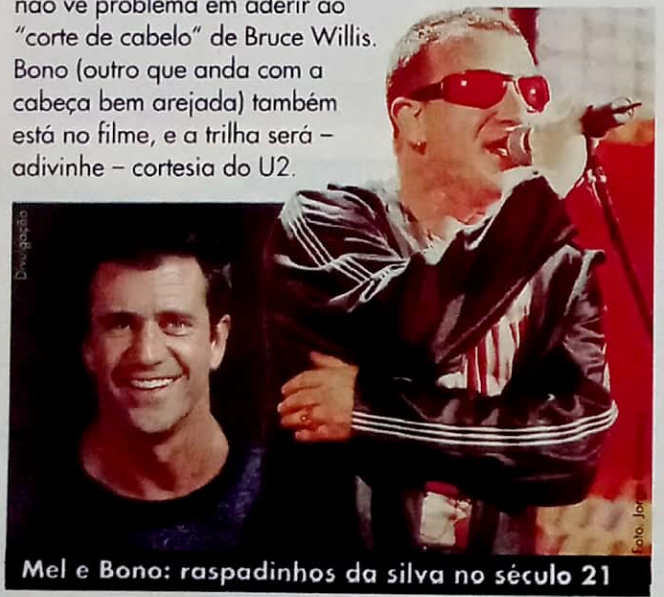
ROMANCE PERIGOSO

Sandra Bullock anda precisando desesperadamente de um sucesso para afastar o fantasma de *Velocidade Máxima 2*. Por isso, ela tratou de encontrar rapidinho uma parceira de peso para a comédia *Practical Magic* – e é aí que entra Nicole Kidman. No filme, Sandra e Nicole são irmãs e bruxas, que herdaram da família poderes mágicos e uma maldição: todo sujeito que se aproxima da dupla acaba morrendo, o que torna meio difícil para elas conseguir um namorado. A comédia, que chega às telas brazucas no ano que vem, é dirigida pelo mesmo Griffin Dunne do simpático *A Lente do Amor*.

MEL GIBSON E BONO VOX

mentes que brilham

Agora é oficial: o filme *The Million Dollar Hotel*, escrito por Bono (vocalista da banda U2) e dirigido por Wim Wenders, começa a ser rodado em janeiro próximo com Mel Gibson no papel principal. Passado em 2030, *Hotel* mostra um investigador às voltas com um crime cometido num hotel habitado por figuras bizarras – entre elas, Milla Jovovich, de *O Quinto Elemento*. A novidade é que Gibson aparecerá carequinha da silva – mas o astro garante que não vê problema em aderir ao "corte de cabelo" de Bruce Willis. Bono (outro que anda com a cabeça bem arejada) também está no filme, e a trilha será – adivinhe – cortesia do U2.



Mel e Bono: raspadinhos da silva no século 21

A criatura: em computação

FRANKENSTEIN

MONSTRO DIGITAL

A Universal está preparando seu primeiro filme feito em computação gráfica e garante que o resultado vai deixar a platéia de queixo caído. Ao contrário de *Toy Story*, seu *Frankenstein* mostrará os primeiros personagens digitais "humanos", ou seja, cem por cento realistas. O filme, produzido em conjunto com a Industrial Light & Magic de George Lucas, será uma continuação do clássico da década de 30 – a criatura terá a mesma cabeça chata e os eletrodos no pescoço do velho monstro – e deve chegar às telas americanas no Dia das Bruxas do ano 2000.

TIM BURTON

perdendo a cabeça

Os fãs do Super-Homem podem respirar aliviados. O filme do homem de aço chega no ano 2000, ainda com Nicolas Cage no papel do herói, mas com um pequeno revés: o diretor Tim Burton está fora. Cansado de esperar uma decisão sobre os rumos do novo *Superman*, ele decidiu tocar um projeto mais adequado ao seu estilo bizarro: *Sleepy Hollow*, um drama sobrenatural que conta a lenda de um cavaleiro sem cabeça. No elenco, Johnny Depp, Christina Ricci e Casper Van Dien.

Tim Burton: bizarro

AGUARDE! ***MEET JOE BLACK*, drama com Brad Pitt e Anthony Hopkins, chega ao Brasil em 4 de dezembro; e o novo *PSICOSE*, a recriação do clássico de Hitchcock, agora com Vince Vaughn, estréia em janeiro.**

CASABLANCA

SEQÜÊNCIA CAÇA-NÍQUEIS

Depois que decidiram refilmar *Psicose*, nada mais é sagrado em Hollywood. A prova é o livro *As Time Goes By*, do escritor Michael Walsh, que pretende amarrar todas as pontas soltas do clássico *Casablanca*. Um exemplo que deixou os fãs do original de cabelos em pé: no livro, os personagens Rick e Ilsa (interpretados no filme por Humphrey Bogart e Ingrid Bergman) se casam depois de uma série de eventos difíceis de engolir. A Warner ainda não disse se vai transformar *As Time Goes By* em filme, mas alguém duvida?

Humphrey e Ingrid em *Casablanca*: o romance continua

COMO É MESMO O NOME DELA?

embeth davitz

Certa noite, Steven Spielberg assistia ao telefilme *Deadly Matrimony* quando a atriz principal chamou sua atenção – e foi imediatamente escalada para ser a empregada do nazista vivido pelo inglês Ralph Fiennes em *A Lista de Schindler*. Aos 32 anos, Embeth Davidtz, que cresceu na África do Sul, estreou nas telas como a heroína de *Uma Noite Alucinante 3*. Depois de *Schindler*, porém, ela escolheu apenas projetos que combinassem com seu jeito austero e introspectivo. Participou de *Assassinato em Primeiro Grau*, *Matilda* e *O Segredo de uma Paixão*, no qual contracenou com seu atual namorado, o inglês Ben Chaplin. Depois de *Possuídos*, estrelou o ainda inédito *The Gingerbread Man*, de Robert Altman, no qual tem uma tórrida cena de sexo com o inglês Kenneth Branagh. Como ela mesma afirma, os ingleses são melhores. Em tudo.

RODDY MCDOWALL

A VIAGEM FINAL

Roddy: legado

Abril/Fox

O ator inglês Roddy McDowall morreu de câncer no dia 3 de outubro passado, aos setenta anos, deixando um legado de mais de cem filmes. Depois de estrear nas telas com apenas doze anos em *Como Era Verde o Meu Vale*, de 1941, ele atravessou a fase "ator mirim" para se tornar o astro mais simpático de Hollywood. Roddy se aventurou nos palcos americanos na década de 50 e flertou com a TV, participando de séries como *Batman*, até retornar ao cinema em seu papel mais marcante: Cornelius, o símio sensível e inteligente de *O Planeta dos Macacos*. Seu último trabalho foi na animação *Vida de Inseto*, ainda inédita no Brasil.

SHARON STONE

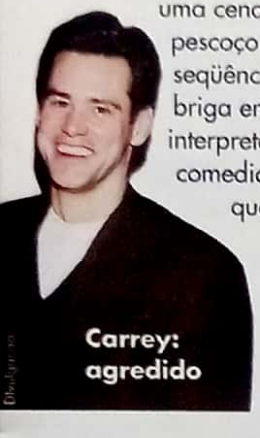
isso é que é marido

Quando se viu presa num elevador que teimava em chacoalhar violentamente e chegou a despencar dez andares, Sharon Stone achou que sua carreira e sua vida iam terminar literalmente no fundo de um poço. Se dependesse do pessoal da manutenção, iam mesmo: eles queriam anular o freio de emergência com que a estrela conseguira interromper sua descida fatal. Felizmente, o jornalista durão Phil Bronstein, casado com Sharon desde fevereiro deste ano, explicou "polidamente" – ou seja, na base do berro – que preferia uma solução menos radical. E segurou as pontas até que os bombeiros realizassem um impressionante resgate, tirando a loira do elevador condenado. Valeu, Phil.

JIM CARREY

safanão no set

Por esta o astro Jim Carrey não esperava. Ele estava filmando *Man on the Moon*, a biografia do comediante Andy Kaufman, quando levou uma gravata do lutador Jerry Lawler durante uma cena e foi parar no hospital com o pescoço machucado. Explica-se: a seqüência em questão reproduzia uma briga entre Kaufman e Lawler (que interpreta a si mesmo), na qual o comediante cuspia no rosto do lutador – que levou a coisa a sério demais, perdeu as estribeiras e partiu para cima de Carrey. O astro, que ainda não decidiu se vai ou não processar o troglodita, teve de voltar ao set e filmar mais cenas ao lado do agressor.



Carrey: agredido

Divulgação

Reprodução

GUERRA NAS ESTRELAS

A AMEAÇA QUE VEM DO ESPAÇO

Depois de meses de expectativa, George Lucas anunciou o título oficial do primeiríssimo capítulo da saga *Guerra nas Estrelas*. O filme vai se chamar *Star Wars – Episode 1: The Phantom Menace* – ou "A Ameaça Fantasma". É claro que, horas depois do anúncio, milhares de fãs invadiram a Internet em protesto contra o nome escolhido, que lembra as ficções científicas dos anos 50. Mas vale lembrar que, em 1983, Lucas jurou que a terceira parte da saga fora batizada *Revenge of the Jedi* ("A Vingança do Jedi") – e todos sabemos que o filme se chama *O Retorno de Jedi*. A verdade só será conhecida dia 21 de maio de 1999, data do lançamento americano.

TINYTANIC

pequeno filme, altíssimo astral

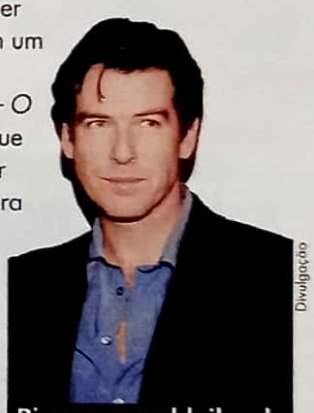
Tinytanic, a primeira paródia de *Titanic*, é genial. Criado pelo americano Rick Weber, o filme de duzentas doletas mostra o romance do pobretão Jak com a ricaça Rowze, que se encontram a bordo do menor transatlântico do mundo. Com uma produção para lá de capenga, *Tinytanic* é meia hora de pura tiração de sarro. Quem quiser comprar uma cópia do filme pode mandar um e-mail para Rick no endereço tinyt@iglou.com

Reprodução

CROWN – O MAGNÍFICO

precisa-se de um ator

A Metro está dando uma chance para qualquer mortal brilhar ao lado de Pierce Brosnan: com um lance mínimo de 10 mil dólares, o estúdio vai leiloar uma ponta na nova versão de *Crown – O Magnífico*, um filmaço com Steve McQueen que está ganhando cara nova nas mãos do diretor John McTiernan, de *Duro de Matar*. A manobra não é apenas uma jogada de marketing: o dinheiro será doado para uma instituição de pesquisa contra o câncer no ovário – doença que vitimou a primeira mulher de Pierce. Para evitar futuros problemas legais, a Metro já avisou que a cena com o pretenso astro pode acabar no chão da sala de montagem.



Pierce: papel leiloado

Divulgação

Milhões em perigo: James Cameron pode perder a grana que faturou com *Titanic*

Abril/Fox

JAMES CAMERON

fortuna ameaçada

O diretor James Cameron pode perder todos os 100 milhões de dólares que embolsou com *Titanic*. O motivo é o divórcio da atriz Linda Hamilton: ela garante que não vai sair do casamento de mãos abanando. Cameron, que é só alegria ao lado da nova namorada, a atriz Suzy Amis, não parece estar preocupado com o processo. "Minha felicidade não tem preço", diz. "Mesmo que isso me deixe duro." Só para refrescar a memória, quando Steven Spielberg acabou seu casamento com a atriz Amy Irving, ela levou exatamente 100 milhões.

CENTRAL DO BRASIL

DE OLHO NO OSCAR

Os produtores de *Central do Brasil* já estão de olho no Oscar – e não apenas na estatueta de filme estrangeiro, mas também nos prêmios principais. Para operar o milagre, convocou-se o americano Max Bercutt – que, no final da década de 60, conseguiu que *Z*, de Costa-Gavras, fosse indicado a melhor filme e também a melhor filme estrangeiro, categoria em que saiu vencedor. A Sony, que distribui *Central* nos Estados Unidos, já começou uma campanha avassaladora na mídia, lembrando de outros filmes estrangeiros que foram indicados na categoria principal. Agora é só cruzar os dedos e esperar o resultado.

Lumiere

***Central*: rumo ao Oscar?**

MIX BRASIL 98

festival itinerante

A sexta edição do festival Mix Brasil chega às telas de norte a sul do país. O evento teve seu ponto de partida em Curitiba, em 29 de outubro, e deixa sua marca em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Recife, até aportar em Salvador, já no finalzinho do mês. O festival é uma das principais vitrines de expressão do movimento GLS no país, e ainda abre espaço para seus participantes em festivais internacionais, como o OutFest em Los Angeles e o Mix New York. Vale uma conferida.

MOSTRE SUA CARA

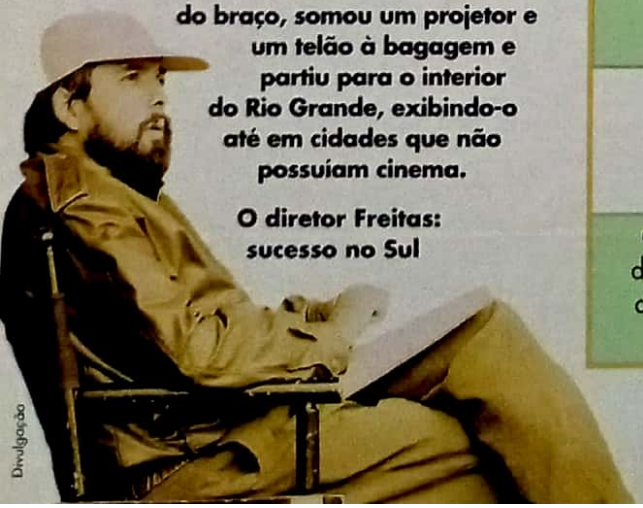
profissionais do cinema, uni-vos

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica está lançando uma campanha de cadastramento dos profissionais de cinema e vídeo no estado de São Paulo. O objetivo da campanha – batizada "Mostre Sua Cara" – é formar um banco de dados que será divulgado em produtoras de cinema no Brasil e em outros países. O cadastro será realizado até o dia 30 de novembro, e os interessados podem conseguir mais informações pelo telefone 0800-551806 ou pela Internet, no endereço www.mostresuacara.yc.com.br

LUA DE OUTUBRO

MERCOSUL CHEGA ÀS TELAS

O drama *Lua de Outubro*, de Henrique de Freitas Lima, é o primeiro filme do Mercosul a chegar aos cinemas. A co-produção entre Brasil, Argentina e Uruguai adapta três contos do uruguaio Mario Arregui e é ambientada nos pampas gaúchos. Após onze semanas em cartaz no Rio Grande do Sul, *Lua de Outubro* atingiu um público de sessenta mil pessoas – o diretor colocou seu filme debaixo do braço, somou um projetor e um telão à bagagem e partiu para o interior do Rio Grande, exibindo-o até em cidades que não possuíam cinema.



Divulgação

O diretor Freitas: sucesso no Sul

Os nacionais que estão para chegar às telas:

FILME	SINOPSE
Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro, de Sylvio Back, com Kadu Carneiro, Maria Ceiça, Guilherme Weber, em filmagem.	Biografia de Cruz e Sousa, poeta negro catarinense morto há um século, construída a partir de suas cartas e poemas.
A Grande Noitada, de Denoy de Oliveira, com Othon Bastos, Esther Góes, Ítalo Rossi, pronto.	Um industrial morre nas mãos de uma prostituta, que é obrigada a esconder o corpo contando com a ajuda de outras criaturas noturnas.
Guerra e Liberdade – Castro Alves em São Paulo, de Nelson Pereira dos Santos, elenco a definir, em preparação.	O premiado diretor de *Memórias do Cárcere* conta a vida do poeta Castro Alves durante a segunda metade do século 19.
Paixão Perdida, de Walter Hugo Khouri, com Antônio Fagundes, Mylla Christie, Maitê Proença, pronto.	Um garoto, isolado do mundo após a morte de sua mãe, redescobre a alegria de viver com a chegada de uma nova enfermeira.
O Viajante, de Paulo Cezar Saraceni, com Marília Pêra, Jairo Mattos, Leandra Leal, Nelson Dantas, pronto.	Um jovem desperta paixão e inveja numa cidade do interior de Minas Gerais, numa trama que acabará em tragédia.
O Xangô de Baker Street, de Miguel Faria Jr., com Joaquim de Almeida, Maria de Medeiros, Marco Nanini, em filmagem.	Sherlock Holmes investiga um crime em solo brasileiro na época do Império. Baseado no romance de Jô Soares.

BRUNO BARRETO E AMY IRVING

O RIO DE JANEIRO CONTINUA LINDO...

Bruno Barreto, diretor de *O Que É Isso, Companheiro?*, deixa o cinemão americano de lado depois do fracasso do policial *One Tough Cop* nos Estados Unidos e volta a filmar no Brasil – desta vez, acompanhado de sua mulher, a ex-sra. Spielberg, Amy Irving. O filme é *Bossa Nova*, uma adaptação do conto *A Senhorita Simpson*, de Sérgio Sant'Anna, que mostra o romance de uma professora de inglês com um advogado abandonado pela mulher – interpretado por Antonio Fagundes. *Bossa Nova* será ambientado em um Rio de Janeiro idealizado, sem espigões atrapalhando a paisagem ou balas perdidas em tiroteios nos morros. E a vida em celulóide continua linda.

Marcos Rosa

Bruno e Amy: juntos em uma produção nacional

Patrícia Pillar premiada em Brasília

BRASÍLIA 98

a vitória do amor

Amor & Cia., do diretor Helvécio Ratton, foi o grande vencedor do último Festival de Brasília, levando os Candangos de melhor filme, atriz (Patrícia Pillar), direção de arte e cenografia. Mas o festival foi marcado por prêmios no mínimo surreais: depois de não laurear quatro categorias nobres – roteiro, fotografia, montagem e som –, o júri, que tinha o poder de criar novos troféus, foi para lá de original. O resultado foi o Prêmio Colagem Antropofágica (!) para *Tudo É Brasil*, de Rogério Sganzerla, e o prêmio de Melhor Letreiro (!!) para o *Kenoma* de Eliana Caffé. Além disso, Claudio Torres foi escolhido o melhor diretor de longa-metragem por seu trabalho no curta "Diabólica" (!!!), um dos episódios de *Traição*. Vai entender.

OS CAMARADAS

correndo o mundo

Enquanto alguns cineastas brasileiros ainda reclamam da falta de espaço para exibir seus filmes, outros dão uma volta ao mundo. É o caso de Bruno de André, diretor do curta-metragem *Os Camaradas*. Desde que estreou no circuito de festivais nacionais em 1997, o filme, uma produção Brasil/Alemanha, foi exibido em doze festivais pelo mundo – inclusive os prestigiados eventos de Havana e Los Angeles. E a viagem de *Os Camaradas* está longe do fim: este mês, o curta será exibido num festival em Milão, e em outro na França. E ponto para o Brasil.

Nitrofilm

O curta: globalizado

A OSTRA E O VENTO

EXIBIÇÃO ARGENTINA

O drama *A Ostra e o Vento*, de Walter Lima Jr., marca a volta das produções brasileiras aos cinemas argentinos. O filme, que mostra a amizade entre uma menina isolada em uma ilha e seu amigo invisível, é o primeiro brasileiro a entrar em circuito comercial na Argentina em seis anos – ele estreou em cinco salas de Buenos Aires em outubro. Para diminuir ainda mais as barreiras entre o cinema dos dois países, a Fundação Centro de Estudos Brasileiros prepara uma mostra em vídeo das obras que iniciaram a retomada da produção nacional. Os últimos filmes brazucas exibidos na Argentina haviam sido *Lua de Cristal* e *Super Xuxa Contra o Baixo Astral*.

Rio Film

A Ostra: em cartaz em Buenos Aires

CANAL BRASIL

ESPAÇO NACIONAL NA TV PAGA

Os assinantes da rede de TV paga Net/Multicanal têm um motivo a mais para encher o peito de orgulho ufanista: desde setembro passado a rede abriga o Canal Brasil, dedicado à produção cinematográfica brazuca. O canal foi criado pela Globosat em parceria com os principais produtores de cinema do país: Luiz Carlos Barreto, Roberto Faria, Zelito Vianna, Aníbal Massaini Neto e Marco Altberg. O destaque de novembro é a retrospectiva da carreira de Cacá Diegues – serão exibidos desde sua estréia em *Ganga Zumba*, de 1963, até um dos episódios de *Veja Esta Canção*, de 1994.

Ari Logo

Cacá Diegues: destaque na TV por assinatura

Digitalizado com CamScanner

hector babenco

A SEGUNDA VIDA

Com seu novo filme, *Coração Iluminado*, Hector Babenco redescobre o prazer de viver e enterra o passado

André Penazzo

O cineasta Hector Babenco está começando sua segunda vida – e em clima de expectativa. "O que tem me entusiasmado é poder aguardar a resposta das pessoas em relação a *Coração Iluminado*. Não consigo imaginar qual será, já que é um trabalho anticonvencional, atípico em minha filmografia."

Curado do câncer no sistema linfático, que o obrigou, em 1995, a se submeter a um transplante de medula óssea, Babenco comemora uma espécie de ressurreição. Ele não acreditava que sobreviveria nem à doença nem à fase de convalescença. "É pior ser convalescente do que doente. Você não se conforma em estar bem, e mesmo assim não conseguir viver normalmente."

O câncer foi diagnosticado em 1986: o cineasta argentino, naturalizado brasileiro e radicado em São Paulo desde 1969, dirigia então *Ironweed*, um filme marcado pelo fantasma da morte. Foi em 1994, porém, que sua resistência física entrou em colapso. Ele acabara de escrever, em parceria com o escritor argentino Ricardo Piglia, a primeira versão do roteiro de *Coração Iluminado*. A pré-produção foi interrompida. Dois anos se passaram. Babenco percebeu então que só sobreviveria caso se dedicasse inteiramente ao seu maior desejo: concluir o filme. Mesmo não sendo integralmente autobiográfico, esse trabalho é o registro de um estado de espírito muito pessoal. "O filme representa a despedida de uma etapa que foi esquecida, a minha adolescência, e o meu próprio renascimento."

Coração Iluminado revela, em sua primeira parte, a descoberta do cinema, a ruptura com a família e o terror do anti-semitismo. "Percebi, porém, que foi uma paixão avassaladora o que de mais importante aconteceu comigo." O filme trabalha com a memória emocional, e não com a factual. Babenco apresenta seu alter ego, Juan (Walter Quiróz), vivendo os conturbados anos 60 entre Buenos Aires e Mar del Plata. É nesse período que o personagem alimenta uma relação autodestrutiva com Ana (Maria Luisa Mendonça), uma jovem mentalmente instável.

REVENDO O PASSADO Vinte anos depois, já um cineasta consagrado residente em Los Angeles, Juan (agora interpretado por Miguel Angel Solá) retorna a Buenos Aires para visitar o pai moribundo. "Teria sido cômodo mostrar o protagonista voltando doente à terra natal. A minha dor pessoal impregnou o filme, mas não permiti que invadisse a história. Juan volta para rever a família, mas acaba obrigado a rever o passado." Babenco é o primeiro a concordar que o desfecho do filme é hermético. "Estava em um momento da minha vida no qual não tinha jogo de cintura. Não queria facilitar nada a ninguém. Nem a mim mesmo."

O cineasta, com esse filme, está reavaliando seu lugar no mundo. "É estranho, aos 52 anos, ter de descobrir uma nova identidade. Não sou apenas o realizador de *Pixote* e de *O Beijo da Mulher Aranha*. Quando fui participar do júri no Festival de Veneza, em setembro último, me vi como um artista que estava reencontrando a Europa e os amigos." Mas o que importa mesmo, agora, é ver como as pessoas reagirão ao seu "novo coração" – para quem sabe, no ano que vem, morar uns tempos no Rio de Janeiro. "Minhas bermudas estão pedindo para sair do armário – e não apenas nos fins de semana."

Christian Petermann

natascha mcelhone

LIGEIRA COMO UM FOGUETE

Ela só trabalha com astros, mas não se intimida: "Eles já são da família"

Muitos astros adoram discorrer sobre sua vida de fome e pobreza antes de alcançar a fama, e de como tiveram de ralar até chegar ao topo da cadeia alimentar hollywoodiana. Mas esse não é o caso da bela e talentosa Natascha McElhone. Há apenas três anos, a atriz interpretava peças de Shakespeare em parques londrinos. Hoje, aos 27 anos, ela tem no currículo filmes com atores do porte de Anthony Hopkins, Brad Pitt e Harrison Ford.

Natascha estudou na Academia de Música e Drama de Londres por três anos antes de estrear no teatro inglês. Mas sua experiência com os palcos era anterior: vinda de uma família de artistas, desde criança ela apresentava danças típicas irlandesas em festivais por toda a Inglaterra. Mas nem a inspiração artística impediu que as famosas crises de adolescência se manifestassem. "Raspei todo o meu cabelo quando tinha quatorze anos", lembra. "E mantive o visual punk até os dezesseis. Eu passava o dia ouvindo aquelas bandas que deixavam a gente bem para baixo."

A rebelde careca e deprimida deu lugar à atriz de teatro amador no começo da década de 90, quando Natascha participou de montagens de peças famosas, como *Ricardo 3º*, *O Conde de Monte Cristo* e *Sonhos de uma Noite de Verão*. Foi em uma dessas apresentações que o diretor James Ivory, de *Retorno a Howard's End*, a descobriu. Ivory estava em busca de uma parceira para Anthony Hopkins em *Os Amores de Picasso*, e não se deixou intimidar pelo fato de que a experiência de sua candidata frente às câmeras resumia-se a uma ponta na anárquica série da TV britânica *Absolutely Fabulous*.

SEMPRE EM BOA COMPANHIA

No mesmo ano, Natascha passou a ser uma das mulheres mais invejadas do mundo quando namorou Brad Pitt no polêmico *Inimigo Íntimo* – que lhe deu também a oportunidade de contracenar com o astro do século, Harrison Ford. Mesmo assim, ela não guarda as melhores recordações das filmagens. "Foi decepcionante. O set era um caos, e o roteiro era modificado todos os dias", justifica. "O engraçado é que, quando vi o filme pronto, achei o resultado bem mais coerente do que poderia esperar."

Neste mês, ela estará em dose dupla nas telonas brasileiras. No comecinho de novembro, Natascha será vista ao lado de Jim Carrey no elogiadíssimo *O Show de Truman* – e a atriz trata de derrubar rapidinho qualquer boato sobre o gênio difícil de seu companheiro famoso. "Ao contrário do que possam imaginar, trabalhar com Jim foi maravilhoso", elogia. "Ele é um sujeito de verdade, e não um pedaço de plástico." Logo depois, ela volta à cena com Robert De Niro e Jean Reno no explosivo *Ronin*, do veterano John Frankenheimer, no qual interpreta uma terrorista irlandesa que se envolve com um grupo de ex-agentes da CIA.

Apesar de ser uma novata na linha de produção hollywoodiana, a atriz garante que se sente completamente à vontade trabalhando com os maiores astros do cinema. "Nunca fiquei nervosa ao lado de nenhum deles", garante. "Muito pelo contrário. Acho que, de tanto a gente ver filmes, os rostos deles se tornam tão familiares que parece que a gente está do lado de um parente."

Roberto Sadovski

O QUE eles dizem

"Fico feliz de ser católico: o sexo sempre vai ser melhor, porque sempre vai ser sujo."
O diretor **John Waters** *conta como a religião melhora sua vida*

"Digamos que tenha sido uma ótima chance de visitar o Brasil – e vamos parar por aí."
Natasha Henstridge *comenta sua participação em* Bela Donna

"Puseram meu rosto numa mulher com seios magníficos. Eu é que não vou reclamar."
Gillian Anderson *se alegra com os truques fotográficos que sua imagem recebe na Internet*

"As pessoas são completamente obcecadas por ele. Nunca me fizeram tantas perguntas sobre um único sujeito – e olhe que sou casada com o Tom Cruise."
Nicole Kidman *se fascina com o poder de Stanley Kubrick, que a dirigiu no ainda inédito* Eyes Wide Shut

"Sou sexy em todos os meus filmes. As pessoas é que não notam."
Whoopi Goldberg

"Se tenho um arrependimento, é quando me vejo sem maquiagem e amaldiçoo aqueles tempos de bebedeiras e ácido."
Cameron Diaz *jura que não é perfeita*

"Do jeito que vão as coisas na América, hoje Martin Scorsese nunca conseguiria fazer *Taxi Driver*, e Louis Malle não teria a menor chance com *Menina Bonita*."
Adrian Lyne *reclama da censura a seu* Lolita

"Nosso ramo é transporte. Levamos a platéia de um lugar para outro."
O produtor **Jerry Bruckheimer** *explica* A Rocha *e* Armageddon

"Dissemos ao Ben Stiller que aquilo era uma mistura de cremes para as mãos. Mas era tudo meu."
O diretor **Bobby Farrelly** *faz uma confissão sobre a famosa cena do esperma confundido com gel e cabelo em* Quem Vai Ficar com Mary?

"A razão pela qual nós não temos nenhum problema com James Bond é que ele aprontou no mundo inteiro, mas nunca entrou no Harlem."
Wesley Snipes *discute a relação dos afro-americanos com o agente 007*

"Não gosto de fazer planos, mas uma coisa eu sei: quero distância daqueles papéis de mordomo inglês."
Anthony Hopkins

"Quando eu parar de fumar, vou ser perfeito."
Tom Sizemore

jamie lee curtis

NINGUÉM GRITA COMO ELA

Ela é engraçada e boa atriz – e agora quer voltar a ser a rainha do terror

Ela estava na mira de um assassino maluco – e ele era seu irmão: vinte anos atrás, Jamie Lee Curtis virou a rainha do terror com *Halloween*, no papel de uma babá que tem de fugir do psicopata Michael Myers. Agora, ela está de volta com *Halloween: H20*. E será que ele também? A própria Jamie produz o sétimo filme da série e reassume o papel de Laurie Strode, que não é mais babá mas não consegue esquecer o pesadelo daquele Dia das Bruxas. Também, pudera: Michael – ou um outro doido muito parecido com ele – não larga do seu pé.

"Odeio filmes de terror, porque não gosto de sentir medo. Mas devo a eles tudo o que sou"

Foi sua a idéia de celebrar os vinte anos da série *Halloween* com um filme?

Foi. Eu me lembrei de que esse aniversário estava chegando e, bem, *Halloween* é um marco. Acho que esse tipo de comemoração não é uma coisa muito comum – certamente não por parte de uma atriz que é, digamos, mais viável hoje do que há vinte anos. Além disso, depois de *Pânico* o terror hoje está ainda mais em alta.

Você vê filmes de terror?

Não – odeio filmes de terror! Eles me apavoram, e não gosto de sentir medo. Mas achei que *Halloween: H20* era a chance de abordar o gênero de forma responsável, mostrando o que acontece com uma pessoa que é perseguida e submetida a esse tipo de horror na juventude. Depois daquele Dia das Bruxas fatídico, minha personagem tentou reconstruir a vida – ela fez faculdade, casou-se, teve filhos –, mas, por dentro, ainda está destruída. Enfrentar o assassino é, então, a chance dela de recuperar sua alma, mesmo que isso coloque sua vida em risco.

Recentemente, Steven Spielberg quase foi vítima de um maníaco. Você já enfrentou algo parecido?

Nem é bom falar nesse assunto. Comentá-lo seria quase um convite a que algo acontecesse, eu acho.

***Halloween: H20* tem sido um sucesso. Você está surpresa em ver que ainda tem tantos seguidores entre a garotada?**

Não, porque os filmes de terror me deram tudo o que tenho hoje. Se não fosse por eles, eu teria passado despercebida, como tantas outras jovens atrizes. Naquela época, Meryl Streep, Sally Field e Jane Fonda estavam na casa dos trinta anos e no auge da carreira, e não era fácil para uma garota de dezoito anos conseguir um papel. Ter uma plataforma só minha – mesmo que num gênero meio desprezado – me permitiu me manter em pé enquanto eu procurava trabalhos diferentes, sem ter de topar a primeira coisa que aparecesse.

Sua mãe, Janet Leigh – que foi a vítima no *Psicose* de Alfred Hitchcock –, tem um papel em *Halloween: H20*. Foi difícil convencê-la?

Na verdade, foi bem fácil. Inicialmente queriam dar a ela uma ponta meio besta, mas eu disse que só faria o convite se o papel fosse mais bem-escrito. O que eu queria é que Janet, que é um ícone do suspense, pudesse virar para minha personagem, que é um ícone do terror, e dizer: "Sabe, coisas ruins acontecem para todos nós".

Você tem uma das silhuetas mais famosas de Hollywood – ninguém vai esquecer tão cedo aquela cena de dança em *True Lies*. A idéia de ficar mais velha a incomoda?

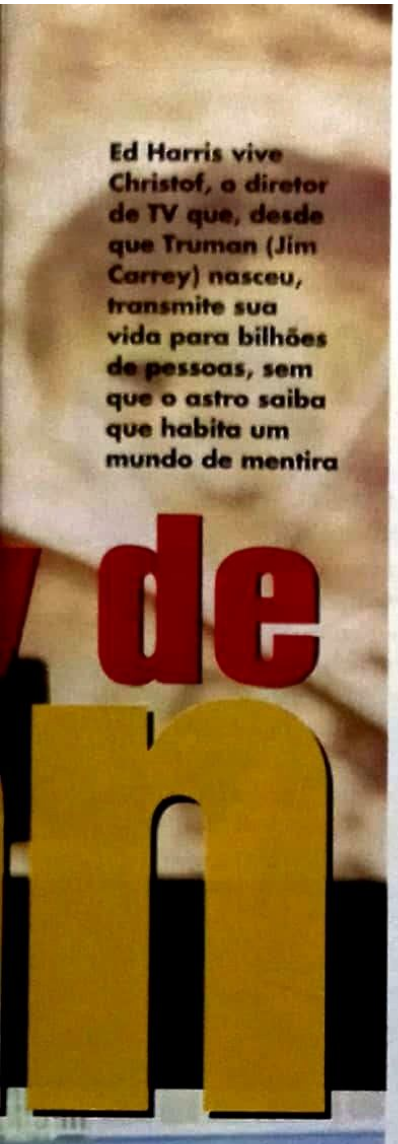
É claro que sim – eu estaria mentindo se negasse. Mas estou bem longe de ter um corpo perfeito. Não sou uma malhadora compulsiva: tenho bons genes, faço dieta, não como sorvete, pratico esportes, mas não sou neurótica. Agora, você nunca vai me ver de maiô por aí, a não ser que um papel exija – e aí vou tratar de malhar.

Mas você não vai à praia com seus filhos?

Não costumo ir à praia. E, quando vou, uso shorts e camiseta. Não quero ser medida por estranhos além do que o meu trabalho já exige.

Bud Winter

o show
truma



Ed Harris vive Christof, o diretor de TV que, desde que Truman (Jim Carrey) nasceu, transmite sua vida para bilhões de pessoas, sem que o astro saiba que habita um mundo de mentira

de

n

Por Isabela Boscov

Fotos UIP

Truman é o astro do programa de TV mais visto em todo o mundo. Só uma pessoa não sabe disso: ele próprio

A vida de Truman Burbank é tão normal que chega a ser surreal: dia após dia ele acorda com o sol que brilha na pequena cidade de Seahaven, despede-se de sua mulher arrumadinha e bem-disposta, cumprimenta os vizinhos encantadores, ruma no tráfego infalivelmente civilizado para seu emprego como corretor de seguros e, de noite, conta com o ombro e as providenciais cervejas do amigo Marlon, com quem troca inocentes confidências. O dia de número 10.909 na vida de Truman, no qual o vemos pela primeira vez, é, assim, idêntico a todos os outros que o antecederam. Mas não aos que virão.

Nesse dia, Truman começa a detectar sinais de que há algo estranho na imaculada perfeição de Seahaven. É um holofote que, de repente, cai do céu sem nuvens a seus pés. Outra vez, o rádio do carro interrompe a música para irradiar os movimentos do próprio Truman. E, certo dia, ele pensa reconhecer em um mendigo que vaga pela cidade – e é logo arrastado para longe – a figura de seu pai, afogado numa tempestade no mar quando Truman ainda era menino.

A platéia descobre o porquê desses fatos inusitados bem antes do protagonista: Truman não sabe, mas, desde que nasceu, é o astro de um programa de TV campeão de audiência que segue cada passo seu, 24 horas ao dia. Todas as pessoas que ele conhece, de seus pais à sua mulher e os rostos familiares com quem cruza pelas ruas, são atores contratados para desempenhar esses papéis ao longo das próprias vidas.

Também a idílica Seahaven não passa de um cenário, abrigado sob uma imensa redoma. O dia, a noite, o clima, tudo é controlado por computadores, que ajudam a coordenar também as cinco mil câmeras espalhadas pelo set para que o público não perca nem um movimento do astro involuntário. Nem o mar que cerca a ilha é de verdade: ele está lá para impedir que Truman vá embora – assim como o trauma da morte paterna (forjada, claro), que provocou no rapaz um invencível medo de água. →

crítica

Um filme essencial

Lúcida e enxuta, esta é uma fábula para o século 21

Quando o diretor Peter Weir contava a seus amigos australianos o enredo de *O Show de Truman*, eles ficavam confusos e perguntavam se esse programa existia mesmo na TV americana – sinal de que poucos filmes chegaram em tão boa hora quanto este. Não é difícil imaginar que uma invasão de privacidade tão monstruosa possa se tornar real; mais difícil é conceber a inteligência e a dedicação capazes de transformar essa idéia em um filme limpo, enxuto e visceralmente anti-elitista.

Nas mãos de um cineasta menos lúcido que Weir, *Truman* poderia fácil fácil ter virado um manifesto daqueles em que os intelectuais bradam contra o poder descontrolado e a falta de escrúpulos da mídia. Weir, porém, trata de deixar claro que somos nós, o público, que tornamos esses abusos possíveis: se aqueles inocentes guardas-noturnos, garçonetes, professores e aposentados desgrudassem da tela por um minuto, o pobre protagonista estaria livre dos desmandos da corporação que controla seu destino.

Mais fácil falar do que fazer? Ora, se Truman, que foi criado dentro de uma redoma, consegue imaginar que há um outro mundo para além de sua ilha de felicidade artificial, qualquer outro poderia também. Inclusive a Paramount, que produziu *O Show de Truman* – e que é associada da Viacom, um dos gigantes da TV a cabo.

(The Truman Show. EUA, 1998) **Direção** Peter Weir. **Com** Jim Carrey, Ed Harris, Laura Linney, Noah Emmerich, Natascha McElhone. 102 min. **www.truman-show.com**

truman por quem

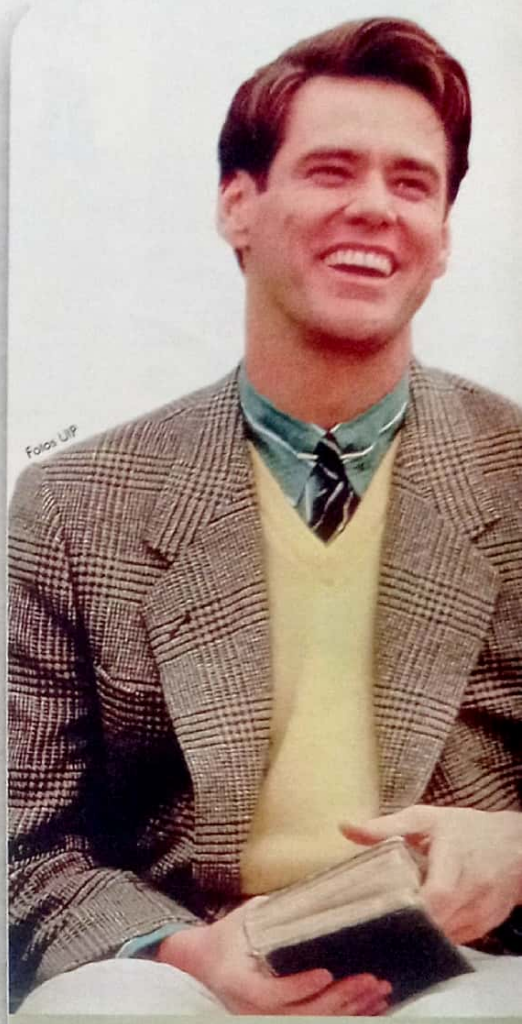
UM DEUS MODERNO Quem preside esse mundo ensolarado e estacionado num idílico (e sufocante) pré-Segunda Guerra de mentirinha é um deus bem moderno: Christof, criador do programa *O Show de Truman*, que o planeta inteiro acompanha há trinta anos e que ele supervisiona nos mínimos detalhes. Ele é também o "pai" de Truman, que concebeu como o único *true man*, ou "homem verdadeiro" (ironicamente, com uma dieta bem pobre em TV, já que o rapaz não pode saber o que se passa no mundo). Do alto da redoma, oculto pela Lua falsa, Christof comanda a falsa natureza de Seahaven e molda cada faceta da vida de seu "filho", movido em parte pelo afeto, em parte pelo espírito empresarial – como a transmissão da vida de Truman não pode ser interrompida nem por um segundo para comerciais, o dinheiro vem dos produtos expostos no programa. Em outras palavras, todo o mundo de Truman está à venda.

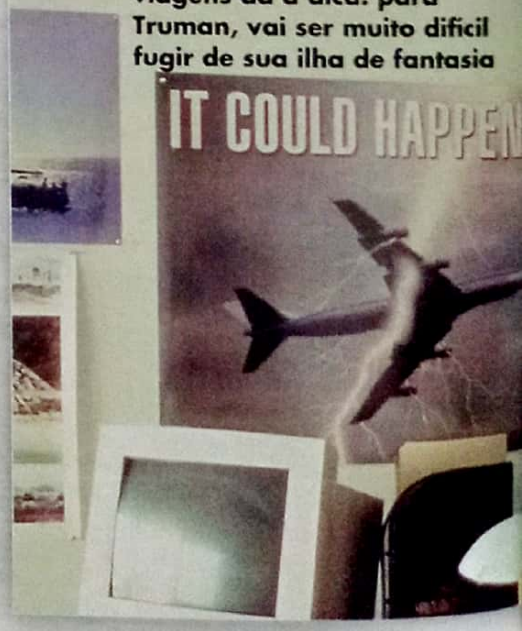
Poucos filmes saídos de Hollywood criticaram a televisão, a arqui-rival do cinema, com tanta impiedade e lucidez: em *Truman*, essa guerra que a mídia trava todos os dias para destruir a privacidade e borrar a fronteira entre realidade e ficção já está ganha. Ninguém melhor do que Jim Carrey, portanto, para viver um sujeito que, até quando está dormindo, é observado por bilhões de pessoas. Saído do anonimato para o superestrelato em questão de um fim de semana graças à comédia *Ace Ventura*, Jim não tem só o carisma que o papel pedia: tem também a experiência de quem vive tendo suas latas de lixo reviradas por repórteres e não pode dar um passo sem que um *paparazzo* estoure um flash em sua cara.

Se hoje não dá para pensar em *Truman* sem Jim, no início sua escalação causou surpresa – seu humor anárquico, exercitado em comédias como *Debi & Lóide* e *O Mentiroso*, não era bem o tipo de credencial que se espera para um papel dramático. Quem enxergou seu potencial foi o australiano Peter Weir: "Só um astro pode convencer na pele de outro astro", explica o diretor – que já fizera de Robin Williams um ator de respeito em *Sociedade dos Poetas Mortos*.

E ninguém melhor do que Weir também para dirigir a trama delirante de *O Show de Truman*. Certa vez, ao ser chamado para integrar um comitê que bolaria programas melhores para as crianças, ele recusou taxativamente: "Precisamos é de programas piores, para que elas saiam de frente da TV", justificou o cineasta, que conseguiu criar seus filhos sem recorrer à babá eletrônica. O único aparelho disponível na casa era preto-e-branco, pequeninho e ficava guardado num armário, para uso exclusivo da empregada. Crescidos entre bons filmes, boa música e muita brincadeira, seus filhos até hoje não vêem charme no eletrodoméstico. "Tanto que, agora que eles já moram sozinhos, continuaram optando por não ter TV em casa", conta Weir.

SEM MENSAGENS Apesar de ter uma idéia tão forte, *Truman* não é um aborrecido filme-denúncia: é, sim, uma deliciosa tragicomédia, conduzida com leveza por Weir e pelo roteiro do neozelandês Andrew Niccol (que dirigiu a igualmente paranóica ficção científica *Gattaca*). Sabendo que a crítica enxergaria toda espécie de metáfora em seu filme – sobre Deus, sobre a ilha de fantasia em que se converteram os EUA e muito mais –, Weir preferiu não passar nenhuma "mensagem": ele conta a história de maneira clara, direta, com muito humor – e, depois, quando o protagonista vai se desesperando com suas tentativas frustradas de deixar Seahaven, com uma boa dose de tristeza. →





O cartaz na agência de viagens dá a dica: para Truman, vai ser muito difícil fugir de sua ilha de fantasia

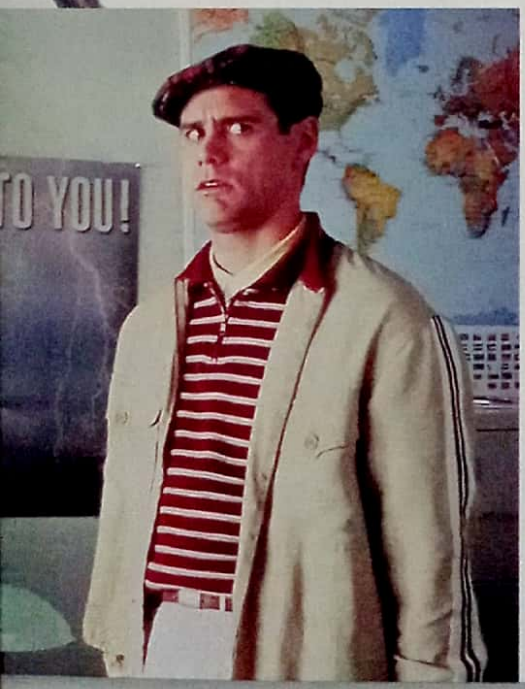
fez o show: Jim Carrey

"JÁ VIVO EM UM PROGRAMA DE TV"

Para cada pessoa que ama Jim Carrey, há outra que o odeia. E pelos mesmos motivos: o humor insano que flerta perigosamente com o mau gosto, as caretas elásticas e o carisma sem modéstia, que nunca faz pouco de si mesmo. Pois *Truman* pode surpreender tanto seus fãs quanto seus detratores. Nele, Jim usa seus colossais dotes cômicos (mas de forma bem mais contida) e também talentos dramáticos que a maioria desconhece. É uma ótima surpresa.

Mas não foi só em sua tumultuada convivência com o sucesso que Jim se inspirou para viver Truman Burbank. Foi, mais ainda, da longa sucessão de fracassos que compôs sua vida até o estouro de *Ace Ventura*.

Jim tinha treze anos quando seu pai, Percy, perdeu um emprego de três décadas. Foi um mergulho na miséria: o futuro astro e seus irmãos largaram a escola para trabalhar como faxineiros, enquanto iam mudando de casa para um hotel, dali para um trailer e depois para uma tenda armada no quintal de uma tia. Sem energia para se recompor dos golpes que recebia, Percy foi abaixando cada vez mais a cabeça. A mãe de Jim, enquanto isso, vivia mil doenças imaginárias, que o garoto tentava aliviar entretendo-a com quadros cômicos. É um sinal de que, se quiser, Jim tem material de onde tirar muitos outros papéis dramáticos.



Por que você decidiu fazer um filme sério?

Porque sou capaz – e porque me deixaram fazê-lo. Não que eu tenha planejado dar uma guinada; basicamente, a gente vai recebendo os roteiros e separando aqueles que podem se tornar algo de especial. E, quando li o script de *Truman*, mal pude acreditar que ele tivesse ido parar nas minhas mãos. Conheço de perto algumas das coisas de que o filme fala – o fato de ser observado e, até certo ponto, esse verniz de sucesso e intocabilidade que todos assumimos quando saímos de casa de manhã. É uma mentira, mas todos nós a contamos.

Há algum programa de TV no qual você gostaria de passar a vida?

Sabe, acho que já estou vivendo meu próprio programa (*risos*).

Você já disse que o sucesso colocou-o dentro de uma bolha. É por isso que você se identifica com Truman?

É, com certeza, mas a questão crucial é que Truman não sabe que está dentro de uma bolha. Ele é um inocente. Eu não. Eu entrei nessa para ficar famoso, ser amado, aceito e todas aquelas coisas doentes que faltavam na minha vida (*risos*), e consegui. Ele não teve escolha. E isso acontece no mundo hoje. Há pessoas que levam vidas muito reservadas e, de repente, se vêem varridas por uma intriga qualquer, até estar no centro da mídia.

Você acha que *Truman* vai mudar alguma coisa?

Ele certamente não vai destruir a mídia. Talvez, na saída do cinema, as pessoas reflitam por um segundo e concluam que não precisam ver gente trocando socos num programa de TV. Eu vejo essas coisas também. Não porque precise, mas porque elas estão lá. As pessoas querem ver gente apanhando, querem ver o Steven Seagal partindo o braço de um cara em dois, porque todos guardamos essa raiva reprimida que não temos como expressar. Não sei qual é a cura para isso.

Como você conseguiu passar a inocência de Truman?

Há algo na minha natureza que ainda acredita em milagres. Vejo-os todos os dias. Acredito nas pessoas, no mundo, acredito que há um pouco de mal em tudo, mas também há um pouco de bem.

O que faz você se emocionar?

Quando vejo um filme, o que me faz chorar não é o personagem que diz "Eu sofro muito" – é o que está sofrendo mas diz "Está tudo bem", alguém que está tentando tirar o melhor de uma situação ruim e não quer ser um peso para o resto do mundo. Para mim, isso representa a minha família, o meu pai. Meu pai era um homem magnífico que queria que todos fossem felizes, mas ele tinha esse lado, que hoje vejo como uma forma de covardice: ele nunca expressava seus sentimentos, por medo do que os outros pudessem pensar dele.

Amanda Kale

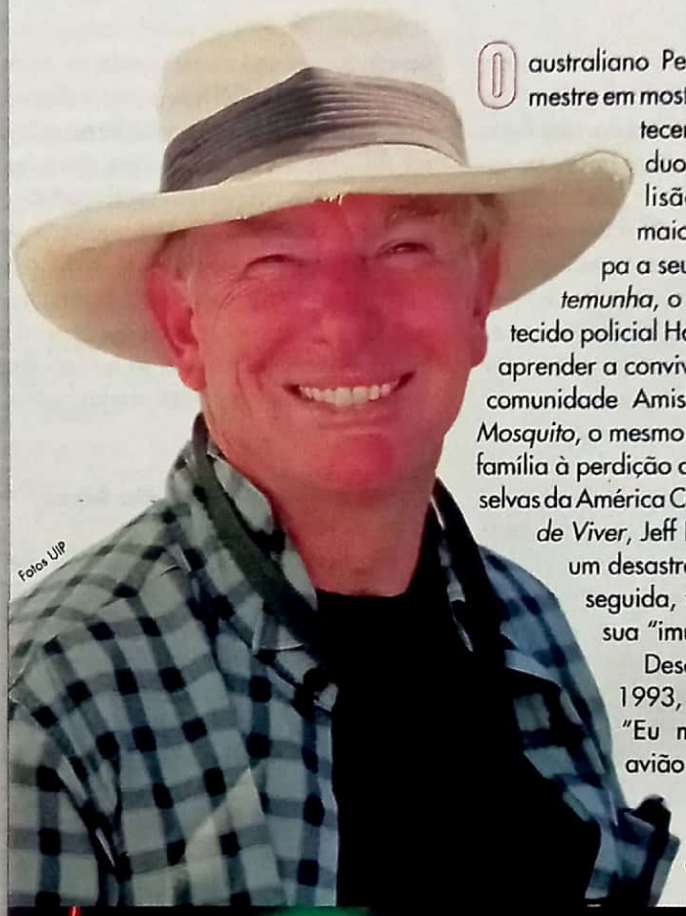
truman por quem

Simplicidade, porém, não significa falta de sutileza, e tudo foi calculado para que a própria platéia se sentisse bisbilhotando a vida de Truman. Com a ajuda do diretor de fotografia Paul Biziou, Weir bolou uma série de ângulos e tomadas que transmitissem aquela sensação de câmeras ocultas, mas sem dar ao filme o aspecto de obra "experimental" – que certamente cansaria o público. A iluminação de O *Show de Truman* também é um capítulo à parte: tudo em Seahaven é banhado por uma luz clara e intensa, até o interior das casas. Primeiro, porque a cidade é um cenário; segundo, porque todos os objetos e produtos lá estão à venda e precisam ser vistos; e, mais importante, porque Weir usa o excesso de luz da mesma forma que os suspenses *noir* usavam a falta dela – ou seja, para criar um clima sinistro e opressivo.

UM PARAÍSO PLANEJADO Curiosamente, O *Show de Truman* foi filmado numa cidade de verdade: Seaside, na Flórida, planejada para reproduzir em suas ruas esse ar de uma América ideal. Depois de longas negociações com os moradores – que não deixaram de perceber no roteiro um olhar satírico sobre seu estilo de vida –, a equipe se mudou para lá durante o inverno e conquistou a simpatia dos locais: muitos aparecem como figurantes, e o dinheiro embolsado pela comunidade pagou uma nova escola. Até a casa em que Truman mora no filme – enfeitada por uma cerca branca, como *todas* as outras de Seaside – foi rebatizada com seu nome.

Muito mais complicado que dobrar os moradores de Seaside foi explicar para Dennis Hopper por que, depois de apenas um dia de trabalho, ele estava perdendo o papel de Christof. Hopper entrara em *Truman* para cumprir aquela rotina de vilão à➔

"FIZ ESTE FILME PORQU



Fotos UIP

O australiano Peter Weir sempre foi mestre em mostrar o que pode acontecer quando um indivíduo entra em rota de colisão com algo muito maior que ele, e que escapa a seu controle. Em *A Testemunha*, o desiludido e embrutecido policial Harrison Ford tinha de aprender a conviver com uma austera comunidade Amish; em *A Costa do Mosquito*, o mesmo Harrison levava sua família à perdição ao se embrenhar nas selvas da América Central; em *Sem Medo de Viver*, Jeff Bridges sobrevivia a um desastre de avião para, em seguida, testar sem descanso sua "imunidade" à morte.

Desde *Sem Medo*, de 1993, Weir não filmava. "Eu me sentei naquele avião com Jeff – no sentido figurado, claro –, e demorei a me recobrar da experiên-

Amor platônico: Christof, o criador de Truman, nina a imagem de seu "filho"

fez o show: Peter Weir

E ESTAVA PROCURANDO ENCRENCA"

cia", explica o diretor. Mas essa não era a única razão para a distância das câmeras. Ele queria que seu próximo filme fosse arriscado e imprevisível, e nenhum dos roteiros que chegava às suas mãos correspondia a essa descrição. "Eu estava procurando encrenca", ele lembra, sorrindo. Bem, conseguiu. Mas, depois de três anos de trabalho árduo, Weir não só fez um dos filmes pelos quais os anos 90 serão lembrados, como provou que é possível ser ao mesmo tempo autoral e popular – e tudo isso dentro do esquema de um grande estúdio.

Como você encontrou *O Show de Truman* – ou como ele o encontrou?

Lá por 1995, eu estava desesperado para achar alguma coisa que não fosse um drama de tribunal, uma biografia ou uma história verídica – e só me mandavam essas coisas. Pedi então que me enviassem roteiros que ninguém mais quisesse ver. O produtor Scott Rudin *(responsável também por A Firma e Será que Ele É?)* foi quem finalmente me ouviu e me enviou o script de *Truman*.

Qual foi sua primeira reação?

"Difícil demais – talvez eu devesse fazer um drama de tribunal" (*risos*). Qualquer diretor pode te dizer que um cineasta que tope uma empreitada como esta estará sendo testado em todas as facetas do seu ofício. Deixei o roteiro de lado por uns dias, mas descobri que não conseguia parar de pensar nele. A partir daí, tudo dependia de encontrar o ator certo.

O que mais o surpreendeu em Jim Carrey?

Sua criatividade implacável. Ele nunca pára. Desde a pré-produção até o final das filmagens, ele deu idéias, sugeriu mudanças e bolou diálogos. A contribuição de Jim foi decisiva – não só por sua atuação, mas também para o roteiro.

Ele foi a sua primeira escolha para Truman?

A primeira e a única. Não que a idéia tenha partido de mim – ele é que manifestou interesse, num momento em que eu me desesperava pensando quem poderia interpretar Truman. Tinha de ser um astro, ou o filme não faria sentido – se não, por que o público passaria trinta anos de olhos grudados nele? Investiguei uns seis atores na faixa dos trinta anos, mas nenhum parecia adequado. Até que Rudin me ligou para perguntar se eu conhecia um sujeito chamado Jim Carrey – àquela altura, ele só havia feito *Ace Ventura*. "Aquele do topete, com os papagaios? Ele é brilhante! É um astro do cinema mudo!" Tomei o primeiro vôo para Los Angeles.

Você é conhecido como o cara que faz comediantes malucos brilharem em papéis sérios.

Pois é, que destino estranho. O público pode vir a me apedrejar: dentro de alguns anos, terei acabado com o humor em Hollywood (*risos*). Mas não é como parece. Tanto Robin quanto Jim *queriam* mudar – e não por amargura, ou por achar que a comédia é uma forma menos válida de entretenimento. A vantagem é que, quando você trabalha com alguém que quer tentar algo diferente, há um sentimento de tudo ou nada – é uma forma de energia, e eu a adoro.

Como você conseguiu que Jim baixasse seu cachê de 20 milhões para 12 milhões?

Não tenho idéia – tudo o que fiz foi apertar a mão dele e selar o acordo (*risos*). Mas imagino que isso deva ter envolvido uma sala cheia de advogados.

Você acha que um programa como *O Show de Truman* está perto de se tornar realidade?

Espero que não, e que este filme seja só uma advertência. Mas, se você ligar a TV agora, verá que algo fugiu ao nosso controle. Essa indefinição entre realidade e ficção, para as gerações mais jovens, é algo que nem somos capazes de medir ainda – mas que definitivamente está ocorrendo.

Você poderia comparar Christof, o "deus" que rege o mundo de Truman, a você mesmo?

Que diretor não gostaria de poder obrigar o sol a nascer? Mas, à parte qualquer piada, vi esta como a oportunidade excitante de criar um novo tipo de personagem, um sujeito um pouco adiante no futuro. Alguém com senso estético muito desenvolvido, de uma inteligência feroz, mas sem ser insano, e que fosse também um homem de negócios. Aqui está um homem que tem uma filosofia no que faz, e que se manifesta principalmente na idéia de criar um *true man*, um "homem verdadeiro".

Você chegou a pensar em representar Christof, não é?

Foi, mas graças a Deus desisti (*risos*). Falei nisso como brincadeira – desde os anos 70 eu não atuo. Mas eu sentia que compreendia Christof.

Porque ele é um diretor?

Exato. Um ótimo diretor – mas um péssimo ser humano.

O que aconteceria com Truman Burbank se ele escapasse daquele cenário?

Bem, acho que ele acabaria se tornando Jim Carrey.

Bud Winter

truman

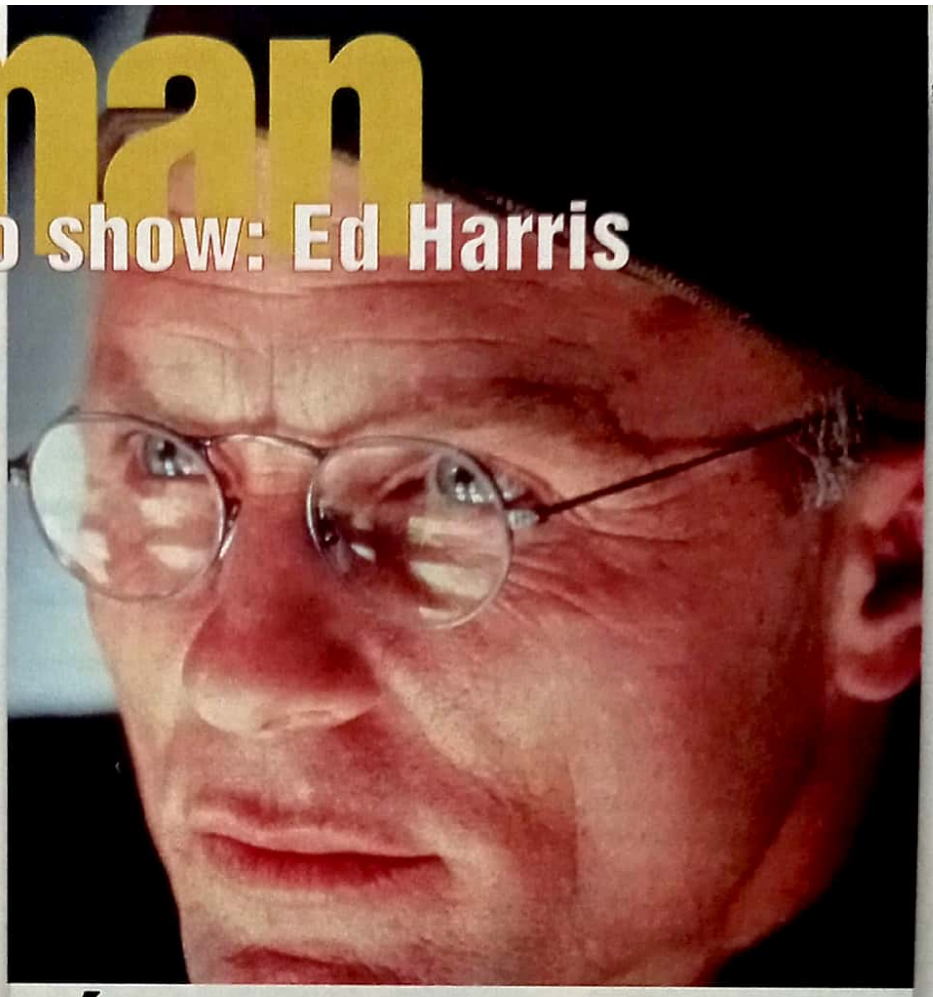
por quem fez o show: Ed Harris

qual já se habituara em *Velocidade Máxima*, *Waterworld* e tantos outros filmes. Mas, à medida que as filmagens prosseguiam, Peter Weir ia mudando de idéia sobre o personagem. A certa altura, descobriu que, de tanto "transmitir" a vida de Truman, ele próprio era Christof – um sujeito manipulativo e megalomaníaco, mas que ama sua criação.

Aí o diretor percebeu que Hopper já não lhe servia mais. E, em seu lugar, chamou Ed Harris, que teve de entrar no set a toque de caixa, sem nenhuma preparação. Ninguém diria. Com seu estilo discreto mas incisivo, o ator dá a Christof uma sinceridade e racionalidade incomuns nos vilões do cinema. Mais até do que Jim Carrey, ele é uma boa aposta para o Oscar – ao qual, aliás, já foi indicado uma vez, em 1996, pelo papel do chefe de vôo de *Apollo 13*.

"EU SOU TRUMAN" Ed Harris, é claro, não teve tempo de imaginar uma história pregressa para seu personagem, como fizeram seus colegas de elenco. Laura Linney, por exemplo, gosta de pensar que a calculista sra. Truman teria sido uma atriz mirim que não emplacou – o que explicaria tanta frieza e ambição, a ponto de ela negociar 10 mil dólares adicionais em seu contrato para cada noite em que transa com o marido. Noah Emmerich, que faz o melhor amigo de Truman, supõe que seu personagem esteja destruído pela culpa de ter que mentir e, por isso, lute há anos com uma grave dependência de drogas.

Entre todos os atores do filme, porém, quem menos precisou usar a imaginação foi Jim Carrey. "De certa forma, minha vida é como a de Truman", disse Jim ao diretor Peter Weir ao final do encontro que selou sua colaboração. "Eu também não posso fugir para lugar nenhum." ■



UIP

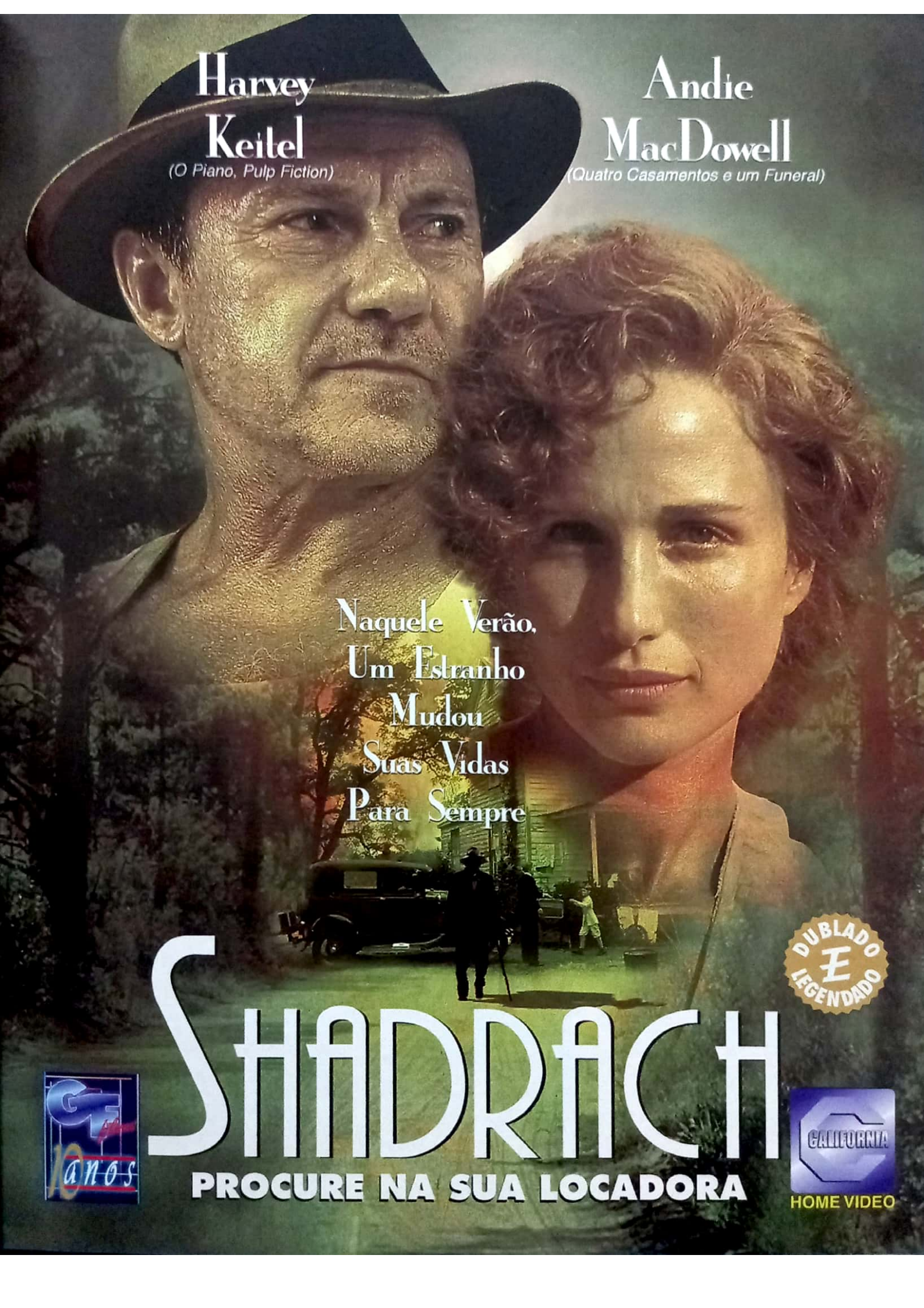
TÍMIDO, CALVO E ESPETACULAR

Um crítico já disse que, se tivesse mais cabelo, Ed Harris certamente seria um astro. Salve a calvície, então: graças a ela, Ed faz parte de um time muito mais seleto e bem mais estável que o dos campeões de bilheteria – o dos atores que se podem dar ao luxo da versatilidade, que roubam a cena dos protagonistas pela sua simples presença e aos quais se pode aplicar o adjetivo "espetacular" sem medo de vexame.

Não que Ed já não tenha desempenhado o papel principal – ele foi, por exemplo, o atormentado cientista de *O Segredo do Abismo*, seis anos depois de ter chamado a atenção do público com o papel do astronauta John Glenn em *Os Eleitos*. Mas, estranhamente, é como coadjuvante que sua luz é mais intensa – caso do policial que desafia a inteligência de Clint Eastwood em *Poder Absoluto*, o militar rebelde de *A Rocha*, o terrível gângster irlandês de *Tiro de Misericórdia*, o psicopata assassino de *Justa Causa* e, agora, o maquiavélico Christof de *Truman*.

"Ed se tornou Christof de tal maneira que eu às vezes me pegava perguntando a ele com deferência se ele consideraria a hipótese de repetir uma cena", diverte-se o diretor Peter Weir. Essa concentração absoluta é o denominador comum de qualquer relato sobre o ator – ela e a honestidade visceral de Ed, que, por mais que faça e desfaça, será sempre identificado com o pioneiro espacial John Glenn, conhecido tanto pela ousadia quanto pela retidão.

Segundo revelou à *Première* o ator e dramaturgo Sam Shepard – que escreveu a peça *Louco de Amor* para Ed, no início dos anos 80 –, Harris tem ainda um outro segredo: a timidez quase intransponível. "Ed, como todos os grandes atores, é extremamente tímido, quase constrangido com sua personalidade. Mas, no momento em que encontra um personagem, ele toma vida."


Harvey Keitel
(O Piano, Pulp Fiction)
Andie MacDowell
(Quatro Casamentos e um Funeral)
Naquele Verão,
Um Estranho
Mudou
Suas Vidas
Para Sempre
DUBLADO E LEGENDADO
SHADRACH
PROCURE NA SUA LOCADORA
GF 10 anos
CALIFORNIA
HOME VIDEO

¡arr
¡almodóvar!

ebata-me!

É pura matemática: com ***Carne Trêmula***, Almodóvar ensina como somar sobriedade sem subtrair de seu cinema o que ele tem de febril, colorido e apaixonado

Até o meio dos anos 80, o público estrangeiro achava que a expressão "cinema espanhol" tinha dois sinônimos: Luis Buñuel e Carlos Saura. Embora o estilo anárquico de Buñuel tivesse pouco em comum com a austeridade de Saura, ambos tiravam muitos de seus temas de um fantasma que assombrou a Espanha entre 1939 e 1973 – a tirania de Francisco Franco, o ditador que acabou com as liberdades civis, instaurou uma censura rigorosíssima, perseguiu sem piedade seus inimigos e impôs uma moral católica ultraconservadora. Ou que, enfim, fez da Espanha um país triste e amargo.

Mas, entre 1986 e 1990, o resto do mundo descobriu um cineasta que os espanhóis já adoravam havia uma década: o fervilhante Pedro Almodóvar de *A Lei do Desejo*, *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* e *Ata-me!*, autor de filmes coloridos, *kitsch*, deliciosamente exagerados e explosivamente sensuais, nos quais a trama era impulsionada por loucas coincidências.

Há algum tempo, porém, Almodóvar vinha dando sinais de mudança. Menos feéricos e mais tristes, *Kika*, de 1993, e *A Flor do Meu Desejo*, de 1995, confundiram sua platéia fidelíssima, gerando uma certa angústia: para onde, afinal, Pedro estava indo?

Se depender de *Carne Trêmula*, a resposta é simples: para a maturidade. Adaptado muito livremente de *Live Flesh*, um romance policial da inglesa Ruth Rendell, o novo filme começa por um assunto que Almodóvar sempre fez questão de evitar: o franquismo. Na noite de Natal de 1970, em meio ao tumulto da convocação de um estado de emergência (a voz que o anuncia é do ministro franquista Manuel Fraga, ainda hoje um político ativo), uma prostituta dá à luz em um ônibus madrileno. O menino, Victor (Liberto Rabal), cresce sem eira nem beira, e acaba se apaixonando por Elena (a italiana Francesca Neri), uma ricaça viciada. Chapada demais para saber o que se passa, ela deixa Victor entrar em seu apartamento certa noite, pensando tratar-se de seu fornecedor. Segue-se uma briga, a chegada dos policiais David (o excelente Javier Bardem) e Sancho (José Sancho), um tiroteio e uma tragédia: David é atingido e paralisado da cintura para baixo.

Quando Victor deixa a prisão, seis anos depois, descobre que não só David se tornou um atleta – ele joga basquete em cadeira de rodas – como se casou com Elena, que abandonou as drogas. Disposto a se vingar, Victor inicia um romance com a mulher de Sancho, Clara (Angela Molina, estrela de *O Obscuro Objeto do Desejo*, de Buñuel), que resultará em algumas revelações bombásticas e outras tantas reviravoltas na trama. Que, numa simetria rara nos filmes do diretor, terminará novamente numa noite de Natal, quase três décadas depois, em que mais uma vez se ouve uma voz – agora, porém, a de Victor, que anuncia: "Há muito tempo nós deixamos de ter medo na Espanha".

Os policiais: rumo à tragédia

ÚLTIMOS DIAS DE SODOMA "Desde que me coloquei atrás de uma câmera, eu não queria que Franco estivesse presente ali de forma nenhuma – nem sequer uma sombra de sua memória", recorda o cineasta, que no início dos anos 70 escapava da repressão aos seus paupérrimos super-8 registrados no submundo de Madri dizendo que estava fazendo um filme chamado *Os Últimos Dias de Sodoma* – o tom bíblico pegava bem e a polícia o deixava em paz. Mas, se insistisse na investigação, ela descobriria que aquele estranho rapaz de cabelos compridos e roupas extravagantes, funcionário da telefônica de dia e cineasta marginal à noite, rodava filmes com títulos bem pouco religiosos, como *Foda-me*, *Tim* e *Duas Putas, ou uma História de Amor que Termina em Casamento* – obras que fariam dele uma estrela da Movida, o ➜

¡almodóvar!

"Todos os meus filmes são sobre eu mesmo. *Todos*", entrega o diretor

movimento cultural que varreu Madri após a morte do ditador.

Almodóvar, contudo, mudou de idéia e decidiu suspender seu veto à lembrança de Franco. "Agora que temos um governo de direita na Espanha, achei que devíamos relembrar nosso passado – por um lado, ele é horrível; por outro, não está tão distante quanto nos parece", alerta.

Pedro pode ter cedido "às tentações da austeridade", como diz, rindo, mas também não virou escandinavo. Iluminado pelas cores quentes do cinegrafista brasileiro Affonso Beato, *Carne Trêmula* tem o mesmo brilho, a sensualidade, os diálogos perfeitos e as paixões transgressoras de seus filmes mais famosos. Com uma vantagem: mais sóbrio e ainda mais seguro, é a prova de que Almodóvar não ficou congelado num momento que passou. Livre para usar seu talento colossal, ele é hoje um dos dois cineastas europeus – ao lado do francês Luc Besson – que têm distribuição garantida em todo o mundo.

Ao contrário do diretor de *O Profissional* e *O Quinto Elemento*, porém, ele conseguiu esse feito sem recorrer ao dinheiro americano ou a atores de língua inglesa: seu negócio é mesmo a Espanha, com a qual briga e se desentende desde que nasceu na miserável vila de Calzada de Calatrava, na Mancha, em 1951, mas da qual admite ser um produto consumado. Por isso, diz, é lá que ele continuará filmando mesmo que aceite uma das inúmeras propostas que já recebeu de grandes estúdios americanos. "Todos os meus filmes são sobre eu mesmo. Todos. Por isso acho que é melhor eu evitar Hollywood", explica. "Acho que a minha natureza e a deles não se entenderiam muito bem." ■

O marginal Victor e sua musa: o despertar do desejo

crítica

Um drama intenso, barroco e sensual

Almodóvar filma um conto de Natal que faz qualquer um sair alegre do cinema

O livro policial *Carne Trêmula*, da escritora Ruth Rendell, encaixa-se bem na frase "este livro dá um filme". E deu, pelas mãos de Pedro Almodóvar, o cineasta conhecido por *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* e por filmes exibidos no circuito de filmes de arte. *Carne Trêmula* é o seu décimo segundo longa-metragem, considerando sua carreira a partir dos anos 80 (antes, ele filmava em super-8). Aqui, os elementos anárquicos de seus filmes anteriores não estão descaradamente presentes, como era sua marca. Aparentemente, este é um filme policial por se basear num romance policial. Entretanto, o livro foi uma fonte de inspiração longínqua para o diretor. Basta lê-lo e ver o filme para descobrir que mesmo um romance "pronto para o cinema" pode ser extraordinariamente modificado, gerando uma obra própria.

Almodóvar diz que *Carne Trêmula* é um drama intenso, barroco e sensual, totalmente independente da novela que o inspirou: "Não é um filme de suspense nem policial, embora haja policiais e tiros com culpados que são inocentes. Não é um faroeste crepuscular, ainda que eu gostaria de algum dia rodar um. Tampouco é uma película erótica, embora a história transcorra no terreno do desejo carnal". Difícil contradizê-lo: de fato, *Carne Trêmula* é tudo isso – e é também uma obra de maturidade na construção do roteiro, na direção e na atuação do elenco.

No livro, há um maníaco sexual, criminoso e culpado; no filme, ele se transforma num inocente e intenso amante, cuja aproximação com o policial que o condenou rende uma história de desejos amorosos – na qual a sinceridade dos personagens trará a fatalidade. *Carne Trêmula* começa e termina nas ruas de Madri, às vésperas do Natal, cobrindo um período que vai da ditadura franquista aos dias de hoje.

Fotografado por um brasileiro, Affonso Beato – que colaborara com Almodóvar em *A Flor do Meu Desejo* e está agora novamente trabalhando com ele –, teve, como qualquer outro, problemas de produção (depois de uma semana de filmagem, Almodóvar parou tudo para trocar o ator principal). Mas o filme está aí, um conto de Natal, como diz seu diretor – conto que fará qualquer espectador sair do cinema com uma imensa alegria. Mais ainda, é um canto à liberdade, à liberdade do homem e de seus sentimentos. Que mais se pode esperar de um filme?

Francisco Ramalho

(Carne Trémula. Espanha/França, 1997) **Direção** *Pedro Almodóvar.* **Com** *Javier Bardem, Francesca Neri, Liberto Rabal, Angela Molina, José Sancho, Penélope Cruz, Pilar Bardem. 101 min.*

INFIDELIDADE
E SINCERIDADE
DEFINITIVAMENTE
NÃO COMBINAM!
MELHOR
ROTEIRO
1995
Sincera
e
Infiel
(PANTS ON FIRE)
Trair é fácil...
admitir pode ser hilariante!
Exclusivamente na sua locadora.
playtizz

Depois de uma série de fracassos, o diretor John Frankenheimer dá a volta por cima neste excelente thriller protagonizado por Robert De Niro

Por André Barcinski

Ronin

Balas e intrigas: Jean Reno e Natascha McElhone mergulham na espionagem internacional

John Frankenheimer tornou-se um dos maiores cineastas americanos com os thrillers que dirigiu nos anos 60 e 70, como *O Homem de Alcatraz*, *Sob o Domínio do Mal*, *O Segundo Rosto* e *Operação França 2*. Eram filmes claustrofóbicos, nos quais o soberbo trabalho de câmera realçava a paranóia dos personagens. Todo esse sucesso, porém, não evitou que sua carreira sofresse uma queda livre nos anos 80, causada por problemas com o álcool e brigas com estúdios. Nos últimos anos, ele vinha se dedicando a trabalhos para a TV – como *Attica: A Solução Final*, sobre a rebelião no presídio de Attica, e *Amazônia em Chamas*, uma biografia ruinzinha do seringueiro Chico Mendes – e parecia estar destinado a amargar para sempre um exílio em filmes de terceira categoria.

Mas o novo *Ronin*, um excelente suspense de espionagem protagonizado por Robert De Niro, pode recolocar o diretor no time de elite do cinema americano. Trata-se de uma daquelas aventuras típicas dos anos 70, ao estilo de *Operação França* e *Um Dia de Cão*, que ignora efeitos especiais em favor da montagem e que não precisa recorrer ao computador para criar imagens fantásticas.

Em *Ronin*, De Niro e Jean Reno (o agente secreto de *Godzilla*) lideram uma equipe de mercenários que se reúne na França para uma missão perigosa: recuperar uma valise de conteúdo não-identificado que está em poder de um bando de assassinos malencarados. O roteiro, escrito pelo estreante J.D. Zeik e pelo dramaturgo e cineasta David Mamet (sob o pseudônimo Richard Weisz), é uma pérola de concisão: o espectador não se aborrece com informações supérfluas e tem sua curiosidade atiçada justamente pela falta de dados concretos. A trama deixa a platéia no escuro de propósito, já que ninguém sabe quem são os mercenários, quem está por trás deles e o que contém a tal valise.

ENERGIA CINÉTICA Mas o que importa, na verdade, são as espetaculares cenas de ação orquestradas por Frankenheimer, que comanda em seu novo trabalho alguns dos melhores tiroteios já filmados. E, para quem achava que nenhum diretor conseguiria superar a energia cinética da perseguição de carros filmada por William Friedkin no clássico *Operação França*, *Ronin* tem nada menos do que três seqüências que merecem entrar para o cânone dos filmes policiais. "Foi uma delícia filmar aquelas cenas," conta Frankenheimer, com a experiência de quem compete em automobilismo amador há mais de quarenta anos.

O diretor usou mais de quatrocentos motoristas profissionais e destruiu pelo menos cem automóveis durante as filmagens. "O único jeito de filmar acidentes de maneira realista é destruir os carros", brada o diretor. "Eu poderia ter usado um computador, mas o efeito não teria sido o mesmo." Frankenheimer jura odiar cenas geradas em computador: "Você olha para as explosões em filmes americanos e percebe imediatamente que aquilo não pode ser verdade. Hoje em dia, o cinema de ação é tão irreal e antiséptico que lembra histórias em quadrinhos". Ele tem toda razão: um choque de carros em *Ronin* é mais poderoso que a destruição da Terra em *Armageddon*.

COM ELE NÃO TEM MOLEZA Aos 68 anos, Frankenheimer é conhecido como um sujeito durão, porém extremamente profissional. Entre 1954 e 1960, dirigiu 152 filmes para a TV, onde aprendeu a trabalhar rápido e sem frescura. Não foi por acaso que o chamaram para completar as filmagens do pavoroso *A Ilha do Dr. Moreau*, quando o diretor original, Richard Stanley, abandonou o barco por ser incapaz de suportar a batalha de egos entre Marlon Brando e Val Kilmer. Já Frankenheimer, que não leva desaforo para casa, deu uma de xerife e botou a casa em ordem. Segundo alguns membros da equipe técnica, por pouco ele não saiu no braço com o insuportável Kilmer – e domou até mesmo Brando, dono de um ego maior

que a própria pança. "*A Ilha do Dr. Moreau* foi uma experiência terrível", afirma o diretor. "Não quero nem lembrar desse filme."

Em 45 anos de trabalho, Frankenheimer já viu de tudo. Sua carreira subiu e desceu mais que uma gangorra, e ele sabe muito bem que os elogios e o sucesso de *Ronin* são passageiros. "Hoje eu sou o rei, mas, se meu próximo filme for uma bomba, volto para o banco de reservas", admite. "São as regras do jogo." O cineasta lembra que, na década de 60, depois de fazer *Sob o Domínio do Mal* e *O Segundo Rosto*, ficou cheio de moral e poderia ter feito o filme que quisesse, com os atores que quisesse. "Mas o tempo passou, fiz algumas escolhas erradas e quase destruí minha carreira", lamenta. "Trabalhar em Hollywood é isso mesmo, uma tensão constante."

O LUGAR CERTO, A HORA CERTA

Hoje, Frankenheimer se considera um homem de sorte por ter tido a chance de dirigir *Ronin*, uma produção cara – custou cerca de 60 milhões de dólares – e com um elenco de primeira linha. Ele conta que o convite foi uma surpresa total. "Eu estava discutindo outro projeto com o estúdio quando alguém comentou sobre esse filme", lembra. "Como eu já havia dirigido filmes de espionagem e ação, eles me pediram que lesse o roteiro. Li e gostei bastante. É o meu tipo de história, com personagens misteriosos – ninguém confia em ninguém."

Depois da boa recepção nas bilheterias americanas em seu fim de semana de estréia, *Ronin* pode significar a ressurreição de John Frankenheimer. Agora só resta esperar que algum executivo esperto ajude a colocar nos eixos as carreiras de outros cineastas talentosos que estão dando sopa por aí. Para quem acha que falta diretor bom no mundo, um lembrete: Sidney Lumet, John Boorman e Arthur Penn estão vivinhos da silva. E loucos para trabalhar. ■

uma aula de cinema

Em *Ronin*, Frankenheimer faz um suspense que vale cinco vezes o preço do ingresso

Desde que o chinês John Woo fez o acelerado *Fervura Máxima*, em 1992, não surgia um filme de ação que merecesse palmas pelo brilhantismo da coreografia e pela perfeição da montagem. São ingredientes básicos, partes de um todo chamado "técnica cinematográfica", mas que nos últimos anos vinham sendo ignorados por diretores de videoclipe que acham que fazer um filme de ação significa juntar uma montagem turbinada a uma câmera com mal de Parkinson (qual o ser humano que não fica com dor de cabeça vendo *A Rocha*?).

Bem, amigos, a espera acabou. Chegou *Ronin*, de John Frankenheimer, um desses filmes de sábado-à-tarde-com-um-balde-de-pipoca que valem cinco vezes o preço do ingresso. Robert De Niro faz um ex-agente da CIA que é contratado para ajudar um bando de mercenários (incluindo Jean Reno e Stellan Skarsgård, de *Ondas do Destino*) a roubar uma valise misteriosa, em poder de uma turma barra-pesada.

E é só. Falar mais sobre a trama é estragar a surpresa. Digamos apenas que *Ronin* envolve traições múltiplas, mafiosos russos, terroristas irlandeses, tiroteios ensurdecedores e inacreditáveis perseguições de automóvel pelas ruas estreitas de Nice e Paris. Precisa de mais? É verdade que a coisa degringola um pouco perto do desfecho, que não faz jus ao início arrasador do filme, mas nada compromete o resultado final.

Robert De Niro há muito não parecia se divertir tanto. Ele continua interpretando sua especialidade – o veterano solitário e cínico –, mas dessa vez com um senso de humor mordaz, cortesia dos diálogos espertos de David Mamet. E as perseguições de carro? Coisa de louco. Se houver justiça neste mundo, daqui a cinqüenta anos alunos de cinema estarão freqüentando o curso "John Frankenheimer e a técnica de montagem de cenas de perseguição de automóveis em *Ronin*." Que venha *Ronin 2*, e rápido.

(EUA, 1998) **Direção** *John Frankenheimer.* **Com** *Robert De Niro, Jean Reno, Jonathan Pryce, Natascha McElhone, Stellan Skarsgård, Sean Bean, Skipp Sudduth. 118 min.*
www.ronin-movie.com

conspiração entre amigos

Com *Traição*, um trio invade os cinemas com o pé direito

Era uma vez três amigos que tinham uma paixão em comum: o cinema. No início da década, a vontade de fazer filmes os levou a criar a Conspiração, uma produtora que tinha tudo para ser a cara do cinema nacional dos anos 90. Mas vieram as primeiras eleições diretas do país, e o presidente da República recém-eleito decretou o fim da Embrafilme. Resultado: a produção cinematográfica brazuca naufragou.

Hoje, quase dez anos depois, são os mesmos três amigos – os diretores Arthur Fontes, José Henrique Fonseca e Claudio Torres – quem dão a última risada: eles são os responsáveis por *Traição*, uma coleção de três curtas-metragens baseados na obra de Nelson Rodrigues, que marca a primeira produção da Conspiração para a telona. Mesmo com pouca experiência em cinema, o trio estréia trazendo na bagagem uma premiada carreira em publicidade e realização de videoclipes.

"Fernando Collor abortou qualquer possibilidade de fazer filmes no país", lembra Fontes, que dirigiu "O Primeiro Pecado", episódio de abertura de *Traição*. "O que nos salvou foi a MTV." Ele se refere ao canal musical da TV americana que chegou ao Brasil no início da década e abriu uma nova forma de mídia na televisão: o videoclipe.

Os vídeos nacionais tinham de ser feitos em película para se adequar ao padrão de qualidade da emissora – justamente o tipo de experiência almejada pelos sócios. A Conspiração passou a produzir clipes de artistas como Marisa Monte e Skank, ao mesmo tempo que se voltava para o mercado publicitário. Foi nessa época que o trio começou a pensar em *Traição*.

LIBERDADE TOTAL Arthur Fontes conta que o filme seria lançado como uma minissérie para a TV, mas a vontade de fazer cinema falou mais alto. "A idéia de adaptar Nelson Rodrigues foi do Lula Buarque, um dos sócios da produtora, e era anterior ao interesse do público pela obra de Nelson, atiçado pela televisão", diz, referindo-se aos contos exibidos pela Rede Globo. "Cada um de nós teve total liberdade para escolher e tratar seu episódio da maneira que achasse melhor. A gente até pensou em ambientar todos os curtas nos anos 50, mas a idéia de cada um acabou criando uma cronologia."

José Henrique Fonseca, que dirigiu o segmento "Cachorro!", afirma que a experiência com a publicidade foi essencial para imprimir uma identidade visual única ao projeto. "As pessoas estão acostumadas a um certo padrão de qualidade visual por causa da televisão", diz. "E não dá mais para fazer no Brasil filmes com visual capenga."

Para Claudio Torres, responsável pelo episódio "Diabólica", o filme ainda teve sabor de reunião familiar: ele escreveu o roteiro junto com sua irmã, a atriz Fernanda Torres, e a dirigiu ao lado de sua mãe, Fernanda Montenegro. "Trabalhar com minha mãe foi assustador", brinca. "A primeira cena que filmamos foi a última do episódio, e, quando eu disse 'Ação!' o bicho pegou. Minha mãe ao vivo e em cores é um rolo compressor."

Roberto Sadovski

Lumiere/Zeca Fonseca

Sangue novo: os diretores Arthur Fontes, Claudio Torres e José Henrique Fonseca (*da esquerda para a direita*)

Fotos: Lumiere/Carolina Fernandes

Formiguinhaz

Woody Allen empresta sua voz para uma formiga neurótica no primeiro desenho animado do estúdio de Spielberg

Quem poderia imaginar que Woody Allen, o *nerd* supremo, iria interpretar um herói numa superprodução hollywoodiana, com incríveis cenas de ação e milhares de figurantes? Pois é isso mesmo que acontece no desenho animado *Formiguinhaz*: Allen participa de batalhas, apaixona-se por uma bela princesa e salva sua raça do extermínio. A raça das formigas, é claro.

Formiguinhaz conta a história de Z, uma formiga neurótica, engraçada e cínica (alguma coincidência com o Allen de carne e osso?) que mora em uma colônia regida com mão de ferro pelo violento general Mandible (voz de Gene Hackman, ótimo como sempre). Os planos do militar não são nada pacíficos: ele pretende matar a rainha e assumir o comando absoluto do formigueiro.

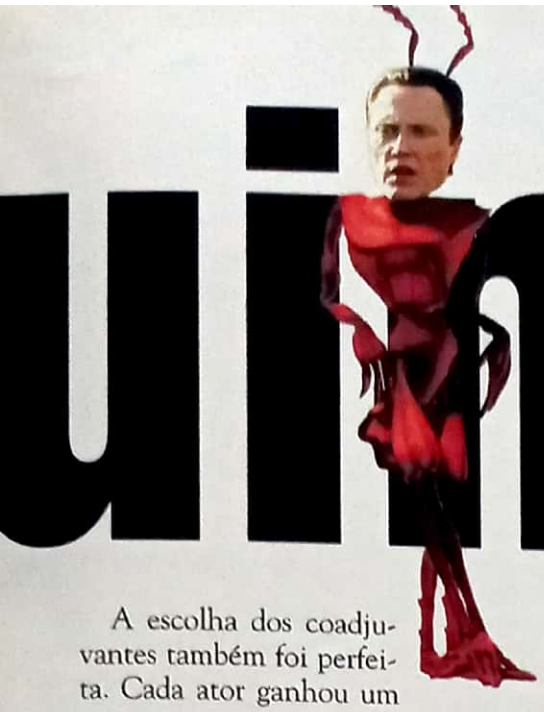
Numa bizarra série de acontecimentos, Z é confundido com uma formiga-guerreira e acaba enviado para uma batalha contra um exército de cupins. De volta ao formigueiro, ele cai de amores pela princesa Bala (Sharon Stone). O problema é que a belezinha está de casamento marcado com o tal déspota, e o sujeito manda seus capangas (incluindo um engraçado Christopher Walken) exterminarem Z. O coitado não tem outra opção senão raptar a princesa e sair pelo mundo. Essa fuga rende algumas das melhores seqüências do filme, incluindo encontros com baratas hippies e com duas vespas pedantes.

CARNIFICINA NO GRAMADO *Formiguinhaz* é o primeiro desenho animado da DreamWorks, o estúdio fundado há três anos por Steven Spielberg, Jeffrey Katzenberg (ex-chefão da Disney) e pelo megaempresário David Geffen. Todo realizado por computação gráfica, o filme tem um estilo que lembra o bem-sucedido *Toy Story*. Os movimentos dos personagens não são perfeitamente fluidos – na verdade parecem até um pouco robóticos —, mas a qualidade dos cenários e o texto inteligente compensam esse pequeno defeito.

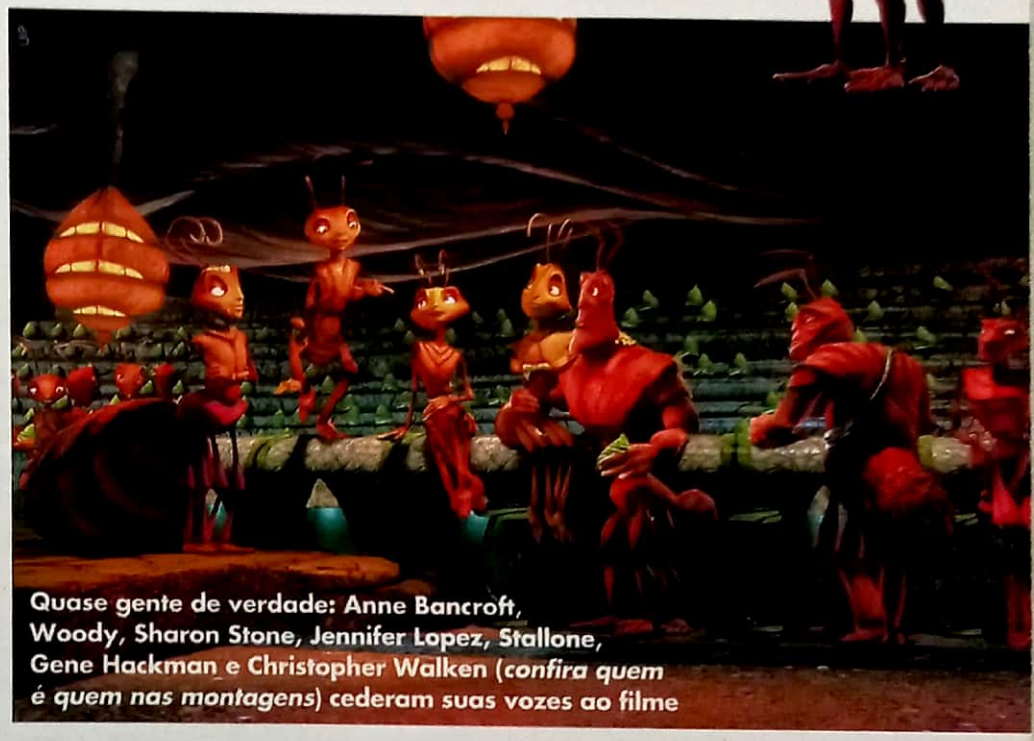
E é no roteiro que está o grande trunfo de *Formiguinhaz*: o humor. A idéia de convidar Woody Allen foi uma cartada de gênio. Os roteiristas criaram um personagem sob encomenda para ele – um anti-herói tímido, deprimido e cínico, sempre com uma piada na ponta da língua. No meio da batalha contra os cupins, quando um de seus colegas diz que pretende "matar o maior número possível de inimigos", Allen/Z retruca: "Mas precisa ser tão violento? Por que não tentamos desestabilizar a ordem social dos cupins através de mensagens ideológicas?". Engraçado, apesar de incompreensível para o público infantil.

Aliás, parece que o público-alvo de *Formiguinhaz* não tem dentes de leite há algum tempo, já que algumas cenas são bem violentas para a criançada. A tal batalha contra os cupins é uma carnificina que lembra o recente *Tropas Estelares*, de Paul Verhoeven. Os cupins, monstrengos horrorosos e de garras afiadas, cospem um ácido verde que derrete as pobres formigas. O conflito termina com um dos amigos de Z, o soldado Barbatus (voz de Danny Glover), morrendo em seus braços, depois de ter a cabeça separada do corpo. Vixe!

uinhaz



A escolha dos coadjuvantes também foi perfeita. Cada ator ganhou um personagem muito parecido com a *persona* que está acostumado a interpretar no cinema: Sharon Stone faz a princesa metida e glamourosa; Christopher Walken interpreta um psicopata; Sylvester Stallone é um marombeiro amigo de Z; e Jennifer Lopez ganhou o papel de Azteca, uma fogosa formiga latina.



Quase gente de verdade: Anne Bancroft, Woody, Sharon Stone, Jennifer Lopez, Stallone, Gene Hackman e Christopher Walken (*confira quem é quem nas montagens*) cederam suas vozes ao filme

GUERRA DE INSETOS *Formiguinhaz* rendeu pouco mais de 17 milhões de dólares em seu fim de semana de estréia nos Estados Unidos (mais que o total de qualquer filme de Woody Allen no país) e pode significar mais um golpe no monopólio da Disney, que nos últimos anos tem dominado o mercado de desenhos animados em Hollywood – e há pouco foi desafiada pelo bem-sucedido *Anastasia*, da Fox.

Na verdade, *Formiguinhaz* teve sua estréia antecipada exatamente para bater um filme da Disney, *Vida de Inseto* – por coincidência ou não, outro desenho em computação gráfica sobre a vida numa colônia de formigas. A aventura protagonizada por Woody Allen deveria chegar às telas ianques apenas em março de 1999, mas Jeffrey Katzenberg, numa óbvia manobra de desafio a seu ex-patrão (com o qual está brigadíssimo), resolveu passar na frente e estrear sete semanas antes do concorrente.

Para retaliar, o estúdio do Mickey escalou *Vida de Inseto* para novembro, na mesma data em que a DreamWorks havia marcado o lançamento de seu desenho animado mais ambicioso, *O Príncipe do Egito*, uma megaprodução de 65 milhões de dólares sobre a história de Moisés. Com medo de bater de frente com a Disney, Katzenberg e seus associados mudaram a data de estréia de *O Príncipe do Egito* para dezembro, evitando assim não só a concorrência direta com *Vida de Inseto*, mas também se livrando de um conflito com *Babe – Pig in the City*, a continuação do filme com aquele simpático porco falante.

O mais curioso dessa história é que o alto escalão da Disney ainda não parou de reclamar de Katzenberg, dizendo que ele teria roubado deles a idéia de um filme com formigas – o que ele nega. E você sabe que as idéias andam escassas *mesmo* em Hollywood quando os executivos passam a brigar pela autoria de um épico sobre... insetos!

André Barcinski

(Antz, EUA, 1998) **Direção**: *Eric Darnell, Lawrence Guterman, Tim Johnson.* **Com** *as vozes de Woody Allen, Sharon Stone, Sylvester Stallone, Gene Hackman, Christopher Walken, Jennifer Lopez, Anne Bancroft, Danny Glover, Dan Aykroyd. 83 min.* ***www.pepsi.com/antz***

charlton heston

O maior profeta bíblico, o príncipe judeu que não se dobrou diante de Roma, o gênio que pintou a Capela Sistina: todos eles ganharam vida na pele de um sujeito alto, de traços fortes e opiniões idem

o ator que é um épico

Por Suzana Uchôa Itiberê

Uma vez perguntaram a Fraser Heston qual era a profissão de seu pai. "Ele finge que é outras pessoas", respondeu o menino. Charlton adorou a tirada do filho. Ele mesmo conta que sempre viveu no faz-de-conta. Na infância, passava os dias caçando coelhos nas matas de Michigan. Quando fazia frio e seu nariz começava a escorrer, ele já sabia que a caça seria fraca. Nessas ocasiões, imaginava-se um valente desbravador perseguindo índios sioux. A mania continuou na adolescência, com intermináveis sessões de cinema: "Nem sei quantas vezes fui Errol Flynn ou Gary Cooper", relembra.

Foi assim que ele descobriu que atuar era o que mais queria na vida – um ideal um tanto romântico para alguém cuja imagem sempre foi de praticidade, rigor e até arrogância. Ele próprio, porém, prefere se descrever como um legítimo quadradão, pai de família fiel e correto, que traçou seus passos guiado sempre por uma palavra: responsabilidade. Soa pouco hollywoodiano, não? Heston de fato ergueu uma muralha ao seu redor, mas não por esnobismo. Ele não gosta de multidões. Não vê graça no agito de Hollywood. E tem mais amigos fora do meio cinematográfico.

Vira e mexe, tentam arrancar um depoimento mais polêmico do ator, Republicano convicto. "Precisamos voltar aos valores daqueles rapazes sábios, velhos, mortos e brancos que inventaram este país", declarou, para ser imediatamente tachado de racista, sexista e elitista. Há pouco, só piorou as coisas ao se eleger vice-presidente da famigerada Associação Nacional do Rifle (NRA), que defende o uso de armas de fogo nos EUA. Mas também já assumiu postos de prestígio, como a presidência da Associação dos Atores de Cinema e do American Filme Institute.

Heston jura não ser do tipo que procura confronto. Mas, como não mede palavras, acaba encontrando-o. Ele não poupa críticas à nova geração, e seu conservadorismo bateu de frente com a ousadia de Quentin Tarantino. "James Cagney viveu maníacos que tiveram finais violentos, como mereciam, ao contrário do que ocorre com os filósofos-assassinos que o sr. Tarantino nos dá em *Pulp Fiction*", alfineta.

Para ele, todo ator deveria se dedicar, pelo menos uma vez, a um texto de Shakespeare. Heston (que já fez cinco vezes Macbeth, Mercúrio e Petrúcio e duas vezes Marco Antônio) chegou a abordar Robert De Niro para conscientizá-lo da "temeridade" de nunca ter feito Shakespeare. "Sei, sei", foi a resposta indiferente. "É ridículo um astro de seu talento ficar se escondendo em Las Vegas", provocou então o veterano. Não é à toa, portanto, que Heston venere sir Laurence Olivier, por quem foi dirigido na peça *The Tumbler*. Fulminado pela crítica, o espetáculo saiu de cena após cinco apresentações. "O produtor perdeu →

charltonheston

dinheiro, o autor perdeu dinheiro, Olivier perdeu dinheiro. Só eu saí ganhando", diz. "Aprendi com ele o que jamais teria aprendido na vida."

SEM SOPAPOS Outra coisa que ele despreza é sensacionalismo. "Os fãs querem que sejamos maiores que a vida, que dancemos nas fontes de Roma e que briguemos em bistrôs de Paris, para depois aparecermos bêbados numa entrevista na TV", polemiza. Ele acha que a platéia quer ver artistas que sofrem, são infelizes no amor e têm passado trágico – e lembra o caso de Frank Sinatra, cuja carreira estagnada decolou quando Ava Gardner o largou.

Por isso, Heston se denomina uma antiestrela. "Fico feliz por ganhar o mesmo que os outros astros, mas as pessoas vão ao cinema para ver meus personagens, e não a mim", conjectura. "Afinal, sempre levei uma vida respeitável, sou casado com a mesma mulher há 54 anos, tenho dois filhos normais e nunca saí por aí distribuindo sopapos depois de uma noitada."

É aí que ele se engana. Heston é uma estrela no sentido literal da palavra – e exatamente por ser o oposto de tudo o que Hollywood representa.

Acima de suas opiniões e da regrada vidinha caseira, foi essa aura de majestade e respeitabilidade que fez com que personagens como o profeta Moisés, Michelangelo, Ben-Hur, João Batista, El Cid ou o Cardeal Richelieu se ajustassem como uma luva a seu corpo musculoso de 1m88 e o rosto forte, de ossos salientes.

Décadas atrás, Heston almoçava na Paramount quando dele se acercou, com ar misterioso, Cecil B. DeMille. O célebre cineasta estendeu-lhe um papel e ordenou: "Leia isto!". O ator despreocupadamente começou a recitar: "É necessário que eu vá reconhecer essa grande maravilha...". DeMille deu-lhe um tapinha nas costas. "Como eu esperava!", celebrou, anunciando: "Eu te enviarei ao faraó para fazeres sair do Egito os filhos de Israel". Semanas depois, com barbas postiças e uma túnica colorida, Heston interpretava Moisés na superprodução *Os Dez Mandamentos*.

Um membro da equipe lembra que Heston ficava totalmente absorto durante as filmagens: "Ele só queria falar sobre Moisés e ler o Antigo Testamento, enquanto nossa maior preocupação era achar uma cerveja no Egito". Em sua autobiografia, DeMille lembra que, antes de gravar uma cena importante, o astro ficava sozinho, já caracterizado, concentrando-se. "Nunca perguntei o que fazia, mas quando ele entrava no set e passava pela multidão de figurantes, os olhos dos nativos o seguiam", conta. "E então murmuravam: 'Moussa! Moussa!'."

Ele próprio, contudo, não se leva tão a sério assim. Quando um jornalista perguntou-lhe quais eram seus pensamentos enquanto partia o Mar Vermelho, respondeu: "Eu estava rezando para que o bendito tanque de água funcionasse" (anos mais tarde, confessou que, se encontrasse Moisés no céu, pediria-lhe desculpas). No fundo, o astro gosta de simplicidade – a começar pelo fato de detestar que o chamem de sr. Heston. Prefere Chuck.

Em sua casa no alto de Coldwater Canyon, Chuck gosta de levantar

"Aquele com cara de medo na corrida de bigas de Ben-Hur sou eu mesmo"

Warner

com quantos filmes se faz um mito

Aqui estão os filmes que o ator Charlton Heston já fez para o cinema – e também os poucos que dirigiu. Conheça melhor um dos grandes mitos ainda vivos de Hollywood:

1998 • Town and Country
1996 • Hamlet (*idem*)
• Alaska – Uma Aventura Inacreditável (*Alaska*)
1995 • À Beira da Loucura (*In the Mouth of Madness*)
1994 • True Lies (*idem*)
1993 • Tombstone – A Justiça Está Chegando (*Tombstone*)
• Quanto Mais Idiota Melhor 2 (*Wayne's World 2*)
1990 • As Aventuras da Ilha do Tesouro (*Treasure Island*)
• Quase um Anjo (*Almost an Angel*, não creditado)
• Solar Crisis (*idem*)
1988 • O Homem que Não Vendeu Sua Alma (*A Man for All Seasons*, também direção)
1982 • A Montanha do Ouro (*Mother Lode*, também direção)
1980 • Os Homens da Montanha (*The Mountain Men*)
• Reencarnação (*The Awakening*)
1978 • O Príncipe e o Pobre (*The Prince and the Pauper*)
• S.O.S. Submarino Nuclear (*Gray Lady Down*)
1976 • Os Últimos Machões (*The Last Hard Men*)
• Midway (*idem*)
• Pânico na Multidão (*Two-Minute Warning*)
1975 • A Vingança de Milady (*The Four Musketeers*)
1974 • Terremoto (*Earthquake*)
• Aeroporto 1975 (*Airport 1975*)
• Os Três Mosqueteiros (*The Three Musketeers*)
1973 • No Mundo de 2020 (*Soylent Green*)
• À Sombra das Pirâmides (*Antony and Cleopatra*, também direção e roteiro)
1972 • Catástrofe nas Selvas (*Call of the Wild*)
• Vôo 502 em Perigo (*Skyjacked*)
1971 • A Última Esperança da Terra (*The Omega Man*)
1970 • De Volta ao Planeta dos Macacos (*Beneath the Planet of the Apes*)
• O Senhor das Ilhas (*The Hawaiians*)
• Júlio César (*Julius Caesar*)
1969 • Number One

cedo. Nada uns dez minutos, faz ginástica e sauna e depois encara uma refeição na qual não pode faltar o concentrado Tiger's Milk, acompanhado por suco de tomate, ovos, frutas e café. Quando tem tempo, ouve Bing Crosby, anda a cavalo e joga tênis – sempre com grandes adversários. "Sou o tenista ruim que mais tem jogado com os melhores", diverte-se.

BICHO DO MATO John Charlton Carter nasceu em Evanston, Illinois, a 4 de outubro de 1923. Teve um começo complicado: os pais se divorciaram quando era bebê. Do pai, Carter, conserva poucas e vagas memórias. Sua mãe, Lilla, casou-se novamente com um sr. Heston. Com o padrasto, um comerciante de madeiras, mudou-se para as florestas do Alto Michigan. "Adorei viver junto à natureza selvagem", lembra. "Quem ler as primeiras obras de Hemingway entenderá meus sentimentos, assim como a solidão em que eu vivia." Chuck fez o primário numa escola que tinha treze alunos e uma única sala.

Dez anos depois, em situação mais próspera, os Heston mudaram-se para Chicago, onde o ator diz ter sido profundamente infeliz. "Eu era um bicho do mato; o tráfego dos automóveis me apavorava, e os ruídos urbanos flagelavam meus nervos." Na escola, sentia-se desgostoso. Até os dezesseis anos, era bem mais baixo que os colegas. Depois, disparou a crescer. "Tive de aprender a dançar para não fazer fiasco em meu primeiro baile. Mesmo assim, era um dos mais encabulados da escola." Ele até tentou se enturmar no time de futebol, mas tudo o que ganhou foi um nariz quebrado.

Nada mais confortável, portanto, que viver no mundo da fantasia. As coisas começaram a melhorar quando ele percebeu que a realidade também poderia ser interessante, pelo menos durante as aulas de interpretação na universidade. Foi nessa época que bateu os olhos numa moreninha que sentava à sua frente, Lydia Clarke. "Eu me declarava a ela semanalmente – perdi a conta de quantas vezes falei em casamento", revela.

Assim que os EUA entraram na Segunda Guerra, ele foi chamado para a Força Aérea. A notícia de que seria enviado para a frente de batalha chegou junto com o telegrama de Lydia, aceitando o pedido de casamento. A cerimônia, em 1944, foi improvisada, na base do sanduíche e refrigerante, já que Heston se preparava para a guerra. "Todo mundo diz que o primeiro ano de casamento é o mais difícil", comenta. "O meu foi facílimo, pois não a vi por um ano e meio, período no qual Lydia terminou seus estudos e eu tratei de não ser baleado." Pode parecer maldoso, mas ele agradeceu pelo bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, já que pôde voltar para casa.

Decidido a tentar carreira na Broadway, o casal foi para Nova York. Para garantir as despesas, Lydia trabalhava como modelo. A primeira oportunidade pegou-os de surpresa, quando foram contratados como diretores e atores de um teatro na Carolina do Norte. Em vez de uma peça, →

"Dirigir é dor de cabeça", diz o astro, que à esquerda pode ser visto em uma de suas poucas incursões atrás das câmeras, *À Sombra das Pirâmides*. Ele prefere mesmo é atuar, como em *O Maior Espetáculo da Terra*

charltonheston

fizeram seis, o suficiente para Heston aprender que não gostava de dirigir. "É muita dor de cabeça", justifica.

De volta a Nova York, ele debutou na Broadway em *Antonio e Cleópatra* – e então veio a fase da TV, da qual tem lembranças felizes. "Eu, Paul Newman, Anne Bancroft, Jack Lemmon e diretores como Arthur Penn e John Frankenheimer éramos um bando de jovens em busca de emprego, e fazer TV ao vivo era um desafio", diz. "Nos quinze meses que passei nela, pude fazer clássicos como *Macbeth* e *O Morro dos Ventos Uivantes*." Foi sua atuação como Antonio na versão em 16 mm de *Júlio César* que chamou a atenção do produtor Hal Wallis.

Hollywood abria-lhe as portas, mas de forma diferente: junto com Marlon Brando, foi um dos poucos atores independentes da época. Escapou dos contratos-prisão dos estúdios e preservou o direito de trabalhar com quem quisesse. Pouco depois, DeMille o escalou para a oscarizada saga circense *O Maior Espetáculo da Terra*. Ainda assim, por falta de cacife, fez muito filme B, até que a inusitada visita de DeMille selou seu destino. Como Moisés, ele viu não só o Mar Vermelho abrir-se diante de seus olhos – ao fundo, já podia vislumbrar a Calçada da Fama.

Apesar de o sucesso tê-lo transformado num homem cobiçado, ele não cedeu às tentações hollywoodianas, especialmente aquelas representadas por estrelas insinuantes – "Não agüento aquelas que fazem o gênero sedutora", censura. Parte do crédito, porém, pertence à paciente Lydia – o astro é bem machista. "Chuck acredita que o homem é o chefe da casa e que toda mulher inteligente deve fazê-lo sentir-se como tal", ela observa. Ele mesmo assume que não gostaria que a esposa tivesse levado a carreira adiante. "Quando Fraser nasceu, ela largou tudo para cuidar dele. Melhor assim – basta a rivalidade no trabalho", declarou. Fraser, que faz o bebê

"Fiz True Lies porque era preciso alguém capaz de intimidar Schwarzenegger"

Sygma

Moisés, chegou após onze anos de vida conjugal. Seis anos depois, o casal adotou uma menina, Holly Ann.

Lydia conta que o marido é tão calmo que às vezes o provoca só pelo prazer de uma briguinha. Por outro lado, lamenta a forma extrema como Chuck mergulha no trabalho. "Não é brincadeira ouvir ele falar horas sobre o Império Romano ou narrar uma passagem inteira da Bíblia." Pior mesmo é quando Heston passa os dias vestido com o figurino de seus personagens. "Mas eu não posso aparecer no set com jeito de quem usa uma toga pela primeira vez!", ele argumenta. Houve épocas, diz Lydia, em que a única coisa que se ouvia na casa era a trilha de *Ben-Hur*. "Se você tivesse ganho tanto dinheiro quanto eu com o filme, sentiria um prazer enorme em ouvi-la", ele se defende.

Vencedor de onze Oscar (recorde equiparado só por *Titanic*), o épico de

com quantos filmes se faz um mito

1968 • E o Bravo Ficou Só (*Will Penny*)
• Os Heróis Não se Entregam (*Counterpoint*)
• O Planeta dos Macacos (*Planet of the Apes*) video
1966 • Khartoum (*idem*)
1965 • O Senhor da Guerra (*The War Lord*)
• Juramento de Vingança (*Major Dundee*) video
• A Maior História de Todos os Tempos (*The Greatest Story Ever Told*) video
• Agonia e Êxtase (*The Agony and the Ecstasy*) video
1963 • 55 Dias em Peking (*55 Days at Peking*) video
• Os Tiranos Também Amam (*Diamond Head*)
1962 • O Pombo que Conquistou Roma (*The Pigeon that Took Rome*)
1961 • El Cid (*idem*) video
1959 • Ben-Hur (*idem*) video
• O Navio Condenado (*The Wreck of the Mary Deare*)
1958 • A Marca da Maldade (*Touch of Evil*) video
• Da Terra Nascem os Homens (*The Big Country*) video
• Lafite, O Corsário (*The Buccaneer*)
1956 • Os Dez Mandamentos (*The Ten Commandments*) video
• Trindade Violenta (*Three Violent People*)
1955 • Aventura Sangrenta (*The Far Horizons*)
• Lucy Galante (*Lucy Gallant*)
• A Guerra Íntima do Major Benson (*The Private War of Major Benson*)
1954 • A Selva Nua (*The Naked Jungle*)
• O Segredo dos Incas (*The Secret of the Incas*)
1953 • Ambição que Mata (*Bad for Each Other*)
• O Último Guerreiro (*Arrowhead*)
• As Aventuras de Buffalo Bill (*Pony Express*)
• O Destino me Persegue (*The President's Lady*)
1952 • O Maior Espetáculo da Terra (*The Greatest Show on Earth*) video
• Trágica Emboscada (*The Savage*)
• A Fúria do Desejo (*Ruby Gentry*)
1950 • Cidade Negra (*Dark City*)
• Julius Caesar
1941 • Peer Gynt

William Wyler é um marco. Foi na pele do príncipe transformado em escravo, Judah Ben-Hur, que Heston levou a estatueta. Antes das filmagens, passou dois meses aprendendo a dirigir bigas. "Aquele com cara de medo na corrida era eu mesmo", ri.

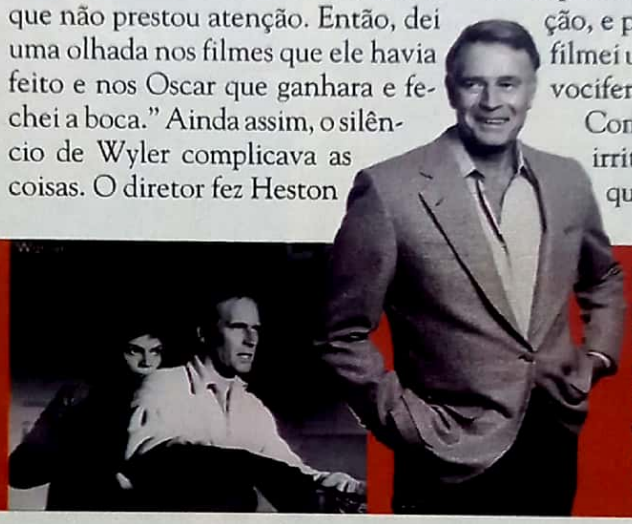
AQUELE TROPEÇÃO O relacionamento com Wyler não foi fácil. No início, Chuck se aproximou do diretor para trocar idéias. "Ele foi educado, mas vi que não prestou atenção. Então, dei uma olhada nos filmes que ele havia feito e nos Oscar que ganhara e fechei a boca." Ainda assim, o silêncio de Wyler complicava as coisas. O diretor fez Heston repetir oito vezes a cena em que Ben-Hur volta para casa e a encontra abandonada. "Na última, perguntei-lhe como poderia melhorar", recorda. Foi quando Wyler explicou que, na primeira vez, o ator havia esbarrado em um pote – e ele estava esperando que aquilo acontecesse de novo.

O curioso é que, embora o apelido de Heston seja "sr. épico" e seu nome seja sinônimo de personagens bíblicos ou históricos, ele fez muito mais filmes de outros gêneros. Basta lembrar da ficção O *Planeta dos Macacos* ou dos filmes-catástrofe *Aeroporto 75* e *Terremoto*. "Eu não tenho cara de alguém deste século", diz. "Não há dúvida de que tenho mais físico para filmes de época que a maioria de meus colegas. Alguém consegue imaginar Humphrey Bogart como apóstolo?"

Nem por isso ele deixou de interpretar outros tipos. Agora, não traga um roteiro com cenas de sexo ou de violência explícita porque Heston não vai nem ler – e sempre se negou também a fazer westerns em que teria de matar índios. Por isso, é fácil imaginar sua ira quando o escritor Gore Vidal, que teve uma participação não creditada no roteiro de *Ben-Hur*, afirmou que havia um subtexto homossexual na relação entre seu personagem e o cruel Messala. "Besteira! Vidal colaborou muito pouco com o filme para fazer esse tipo de insinuação, e posso garantir que jamais filmei uma cena escrita por ele", vociferou.

Com seu jeito certinho, ele irrita muita gente – como quando devolveu seu salário aos produtores de *Juramento de Vingança* para garantir que as cenas que lhe desagradavam fossem refilmadas. "Ele abriu um precedente inacreditável", acusa um colega.

Protegido por sua vida de reclusão, Heston mantém-se forte e ativo aos 75 anos. Só em 1998, participou de quatro filmes, entre eles *Armageddon*, e há pouco marcou presença no sucesso *True Lies*. "James Cameron disse que precisava de alguém que parecesse capaz de intimidar Schwarzenegger", brinca. Heston conta que ainda recebe muito carinho dos fãs, mas lembra de um caso que o deixou desnorteado. Ele esperava Lydia no bar Sardis quando um homem se aproximou e perguntou se ele era Charlton Heston. "Respondi que sim. Então o sujeito olhou bem para mim e disse: 'Não é não'. E o disse com tamanha convicção que corri para o banheiro dos homens atrás de um espelho." ■



Ele é conhecido pelos papéis bíblicos e históricos, mas fez duas ficções clássicas: *O Planeta dos Macacos* e *A Última Esperança da Terra* (à esquerda, com Rosalind Cash)

Porto Alegre
ENCONTRE & COMPRE

"Toda A População da Cidade Está Dentro da Minha Casa"

Fernando Silveira,
redator publicitário,
usuário da Lista LISTEL

O pessoal foi chegando aos poucos. Primeiro um eletricista. A seguir um encanador. Quando o Fernando Silveira viu, lá estavam também um advogado, um pintor, um cozinheiro, a cidade inteira. Porque cada vez que ele abre a Lista Telefônica LISTEL, toda uma população vai para dentro de sua casa. E todos se vêem na Lista, como num álbum de fotografias.

A cada ano que passa, a cidade cresce, se expande, os telefones mudam, os endereços trocam. Mas o Fernando não se aperta. Porque ele tem uma certeza: entra ano, sai ano, a Lista LISTEL está chegando na

porta de casa, atualizada. Na próxima edição, lá estarão novos serviços, estabelecimentos comerciais e amigos.

A LISTEL faz parte da vida do Fernando. Só com a Lista LISTEL ele resolve o seu dia-a-dia, encontrando as informações mais seguras, organizadas de forma inteligente e fácil de consultar. Na LISTEL, as pessoas se encontram e se reconhecem; é o espaço mais amigável de cada cidade brasileira.

A LISTEL faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de milhões de brasileiros, que todos os dias precisam se comunicar, se localizar, realizar negócios ou simplesmente bater um papo pelo telefone.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esporte e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na vida dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · Quatro Rodas · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV

Guia Quatro Rodas · Fluir · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Playboy Channel

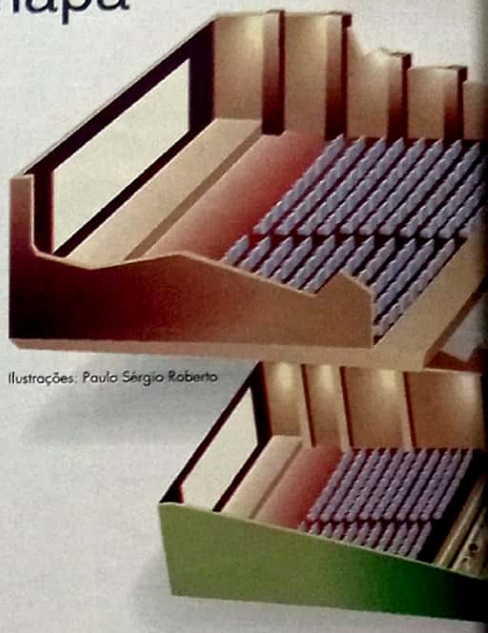
HBO BRASIL · Atari Games · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BravoBrasil · HOROSCOPO · AD · Universo Online · Terra · EURO CHANNEL

CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

cinema é o que

É uma invasão: com várias salas por conjunto, os multiplexes estão salpicando o mapa do país de cinemas

Por Deborah Peleias



Ilustrações: Paulo Sérgio Roberto

Impressionante – assim o curitibano André Godinho Cunha, doze anos, define um multiplex, onde foi pela primeira vez para ver *Godzilla*. "O enredo é uma porcaria", diz. "Ainda bem que o áudio é ótimo."

Assim como André, milhares de brasileiros sabem que ir ao cinema já não é um programa de risco. Pode ser até que o espectador acabe não gostando da fita, mas as condições desses conjuntos, que têm em média de oito a doze salas, compensam: as poltronas são reclináveis (suportam até os filmes com intermináveis três horas de duração sem provocar dores nas costas); têm porta-copos; a qualidade do som e projeção de imagem tem a garantia da mais alta tecnologia; têm uma bonbonnière ou um café, com comidinhas, cappucino, expresso, sanduíches, pipocas-jumbo, refrigerantes; além, é claro, de oferecerem opções variadas de filmes e horários e a promessa de quase não haver filas nas bilheterias automatizadas. Ou seja, todas aquelas maravilhas que até há pouco tempo só víamos em filmes americanos – e que agora já existem nas principais regiões metropolitanas do Brasil.

Coincidência ou não, os multiplexes chegaram ao país junto com o renascimento do cinema brasileiro e num momento de situação econômica mais estável, quando a população tem maior poder aquisitivo e as salas existentes já não comportam tanta gente. Esses foram os dados que levaram os investidores a somar 1 + 1 e encontrar um "ovo de Colombo".

A primeira empresa a testar o potencial do mercado brasileiro de exibição foi a Cinemark, que inaugurou um multiplex em São Paulo em 1997. Com sede nos Estados Unidos, ela está presente em treze países, é líder do setor na América Latina, quinta empresa do mercado norte-americano e opera mais de 2 mil salas em todo o mundo. A Cinemark do Brasil já investiu 50 milhões de dólares em seus doze novos multiplexes – que, juntos, devem somar 120 salas até o final deste ano. Nos próximos dois anos, pretende investir o dobro. De acordo com Valmir Fernandes, seu diretor-presidente, até o ano 2000 a empresa estará contabilizando trezentas salas nas principais cidades brasileiras, divididas em aproximadamente trinta multiplexes.

A segunda a incentivar esse pipocar de multiplexes por aqui é a United Cinemas International Brasil (UCI Brasil), sediada em Londres e divisão dos grupos Viacom e Seagram, que gerenciam produtoras, distribuidoras, canais de televisão, empresas discográficas e mais de 4 mil salas de cinema no mundo. No Brasil, a UCI atua sozinha ou em parcerias – como com o Grupo Severiano Ribeiro e a Orient Filmes –, e inaugurou seu primeiro multiplex em Curitiba, em novembro de 1997, no Estação Plaza Show. Atualmente, a UCI tem dez salas em Curitiba, doze em Salvador, dezoito no Recife e onze em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. →

a cada ano...

... passam por um

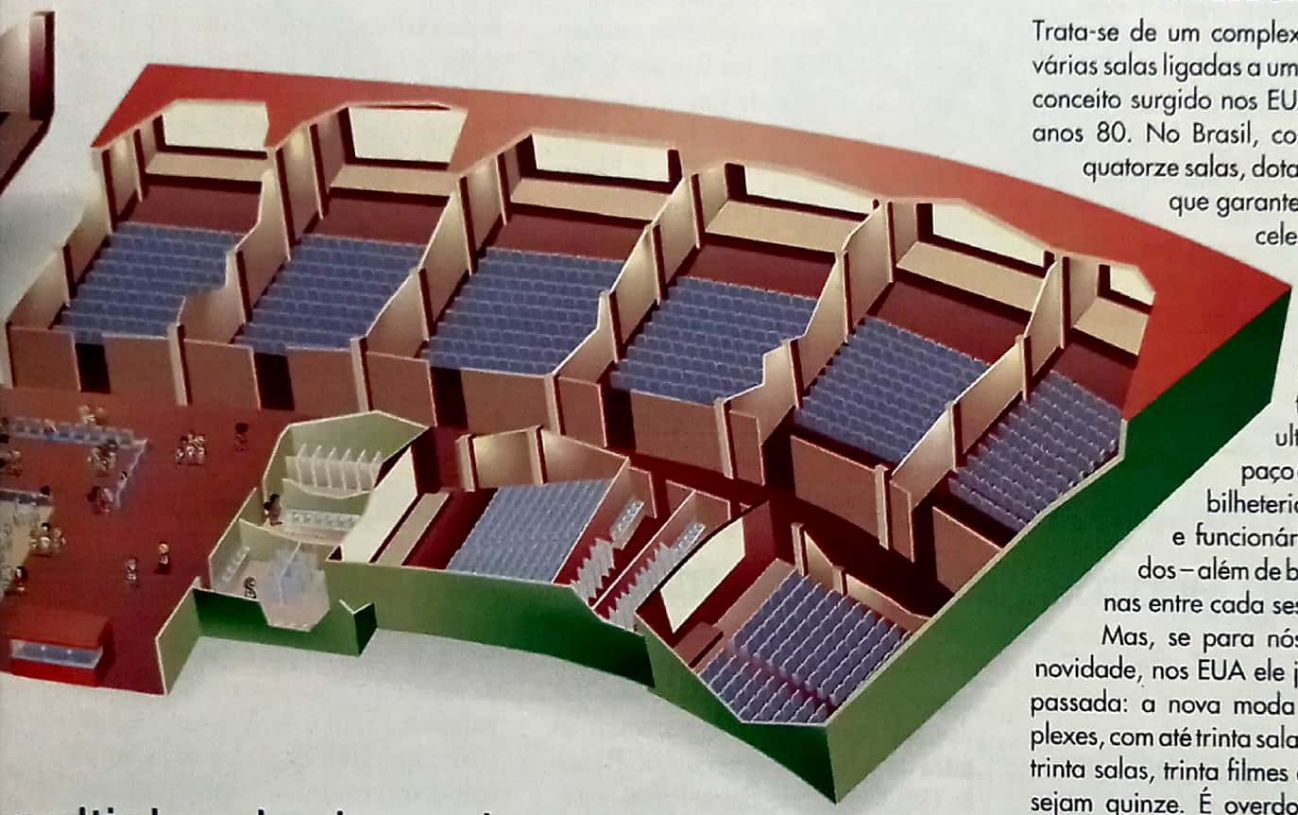
...1milhão

DE ESPECTADORES...

(ou pouco menos que a população de uma cidade como **Porto Alegre**)

não vai faltar

o que é um **multiplex?**



Trata-se de um complexo formado por várias salas ligadas a um lobby comum – conceito surgido nos EUA no início dos anos 80. No Brasil, costumam ter até quatorze salas, dotadas de recursos que garantem conforto, excelente visibilidade, tela gigante com alta qualidade de imagem, isolamento acústico, som ultra-estéreo, espaço de alimentação, bilheteria automatizada e funcionários uniformizados – além de bem-vindas faxinas entre cada sessão.

Mas, se para nós o multiplex é novidade, nos EUA ele já é coisa ultrapassada: a nova moda são os megaplexes, com até trinta salas. Imaginem só: trinta salas, trinta filmes diferentes. Que sejam quinze. É overdose. Então, que venha a overdose cinematográfica.

multiplex de dez salas...

...que consomem

9 toneladas

DE MILHO DE PIPOCA...

(ou **50 mil** baldes de três litros; é como se todos os torcedores fossem ver um jogo no estádio do Pacaembu de pipoca na mão)

...e assistem a

45.625 QUILÔMETROS

DE FILME...

(é o suficiente para enrolar a Terra na altura do Equador, seu ponto mais largo, e ainda deixar uma "sobra" de mais de 5 mil quilômetros, ou a distância entre Manaus e a **Cidade do México**)

...o resultado de cinco sessões diárias de noventa minutos de duração em dez salas, 365 dias do ano

Fonte: Cinemark

multiplex

Novos conjuntos abrem a cada mês: são mais salas, mais filmes, mais público, mais espaço para a produção nacional. Por outro lado, o multiplex pode matar o "cinema de rua"

Se também somarmos 1 + 1, veremos que o resultado dessa invasão é: mais salas, mais espectadores, mais filmes e mais espaço para a produção nacional. Para ter uma idéia da importância que a "multiplexmania" representa para o mercado exibidor, basta computar que o número de salas no Brasil subirá das cerca de mil atuais para 4 mil em quatro anos. Prevê-se que, nesse mesmo período, passaremos de 52 milhões de ingressos vendidos ao ano para 150 milhões. E o melhor: com o aumento da oferta e da procura, o preço da entrada tende a cair.

Mapear o efeito multiplex no Brasil não é tarefa fácil. Os conjuntos estão sendo inaugurados em ritmo acelerado, e a cada mês surge um novo. Além da Cinemark e da UCI, os grupos brasileiros PlayArte e Severiano Ribeiro e a australiana Hoyts General Cinemas também já estão executando seus planos de instalação.

A PlayArte inaugurou seu primeiro multiplex em 1997, em Santo André (SP), e em 1999 reabrirá os tradicionais Liberty, Bristol e Marabá, na capital paulistana, reformados para comportar várias salas. Abrirá multiplexes ainda no Mappin Itaim (também na capital) e nas cidades paulistas de Ribeirão Preto e Mogi das Cruzes. A PlayArte planeja ter quinze multiplexes no ano 2000, totalizando 180 salas e um investimento na casa dos 90 milhões de dólares.

Os investimentos são altos, e o retorno só vem em cinco a sete anos; mas o negócio é rentável, pois o custo operacional é menor e a freqüência costuma ser maior. Tanto que, com mais de oitenta anos no mercado exibidor e quase 160 cinemas em treze estados, o Grupo Severiano Ribeiro está entrando, segundo o gerente de marketing Arturo Neto, de "corpo e alma" no segmento. Hoje o grupo tem dois multiplexes, em parceria com a UCI, no Recife. Serão mais dois no Rio de Janeiro e estão projetados, mas não totalmente acertados, outros oito até 2001. A Hoyts General Cinemas é a última a chegar ao mercado brasileiro, mas com velocidade relâmpago: em dezembro, deve inaugurar seu primeiro multiplex em Guarulhos (SP).

E o usuário, o que pensa desse empreendimento? Em algumas cidades, ele não pode mais reclamar da falta de salas. O universitário Renato C. Gaiarsa, de Salvador, é testemunha do sofrimento do cinéfilo antes da era multiplex. "Com poucas salas de real qualidade técnica, muitos filmes passaram batido por aqui", diz. "Então, chegou o Iguatemi, com doze salas. De cara, foi um susto ver dez filmes diferentes em cartaz num mesmo lugar. Fiquei babando, queria ver tudo ao mesmo tempo. Minha média pulou para três, quatro e às vezes cinco filmes por semana."

"EFEITO DEVASTADOR" Outro cinéfilo inveterado, Rodrigo Salem, jornalista do *Diário do Recife*, atesta os benefícios do multiplex. Ele também deixou de assistir a vários títulos por falta de salas disponíveis no Recife, mas agora comemora o maior número de filmes que entram em cartaz fora do eixo Rio–São Paulo.

Nem tudo, porém, é perfeito. "O multiplex tem som e projeção perfeitos, cadeiras confortáveis e variedade de filmes. Mas faltam ajustes", pondera Rodrigo. "Ainda tem muita fila. Uma das principais características do multiplex é não ter filas, devido à diversificação de horários e filmes, e isso ainda não acontece aqui." Renato Gaiarsa é mais compreensivo: "Mesmo que às vezes a imagem tenha saído de foco, o som tenha sumido e o filme tenha parado, acredito que esse tipo de problema não acontecerá mais". O baiano Renato, contudo, reclama que o preço do multiplex que freqüenta saltou de 3 reais de segunda a sexta-feira e 4 reais nos fins de semana e feriados para, respectivamente, 3,50 e 4,50 reais. "Agora, tenho que tirar do bolso mais de 13 reais para continuar minha rotina de ir ver o que pudesse às sextas-feiras."

Ao coro das reclamações justas dos usuários, juntam-se outras críticas: fala-se muito do efeito devastador que os multiplexes, equipados com aparelhos de som e imagem de última geração, exercem sobre os chamados "cinemas de rua", que usam equipamentos mais antigos. Essas salas tradicionais não conseguem enfrentar a concorrência e muitas estão fechando as portas.

Ainda assim, os multiplexes têm um lado positivo: eles devem dobrar o público e a renda no Brasil em 1999. Essa explosão beneficia o exibidor, abre salas para a efervescente produção nacional e gera empregos. Mas, acima de tudo, faz com que em muitas cidades o cinema deixe de ser uma relíquia para, de novo, tornar-se um bom programa. ■

O TAMANHO DA FILA

Como o público de cinema vai crescer no Brasil nos próximos anos

*número de ingressos vendidos no ano

Os **52 milhões de espectadores*** que foram ao cinema no Brasil em 1997, se colocados numa fila como aquela que se forma diante da bilheteria, poderiam ir de Brasília a Tóquio, num trajeto de mais de 17 mil quilômetros...

...para percorrer essa distância num jato comercial, seriam necessárias quase **19 horas**

Daqui a quatro anos, porém, calcula-se que o país vai ter **150 milhões de espectadores***: a fila sairia de Brasília, passaria por Tóquio, voltaria à capital brasileira e ainda seguiria até Sídney, na Austrália, numa distância de 50 mil quilômetros...

...ou mais de **55 horas** de vôo

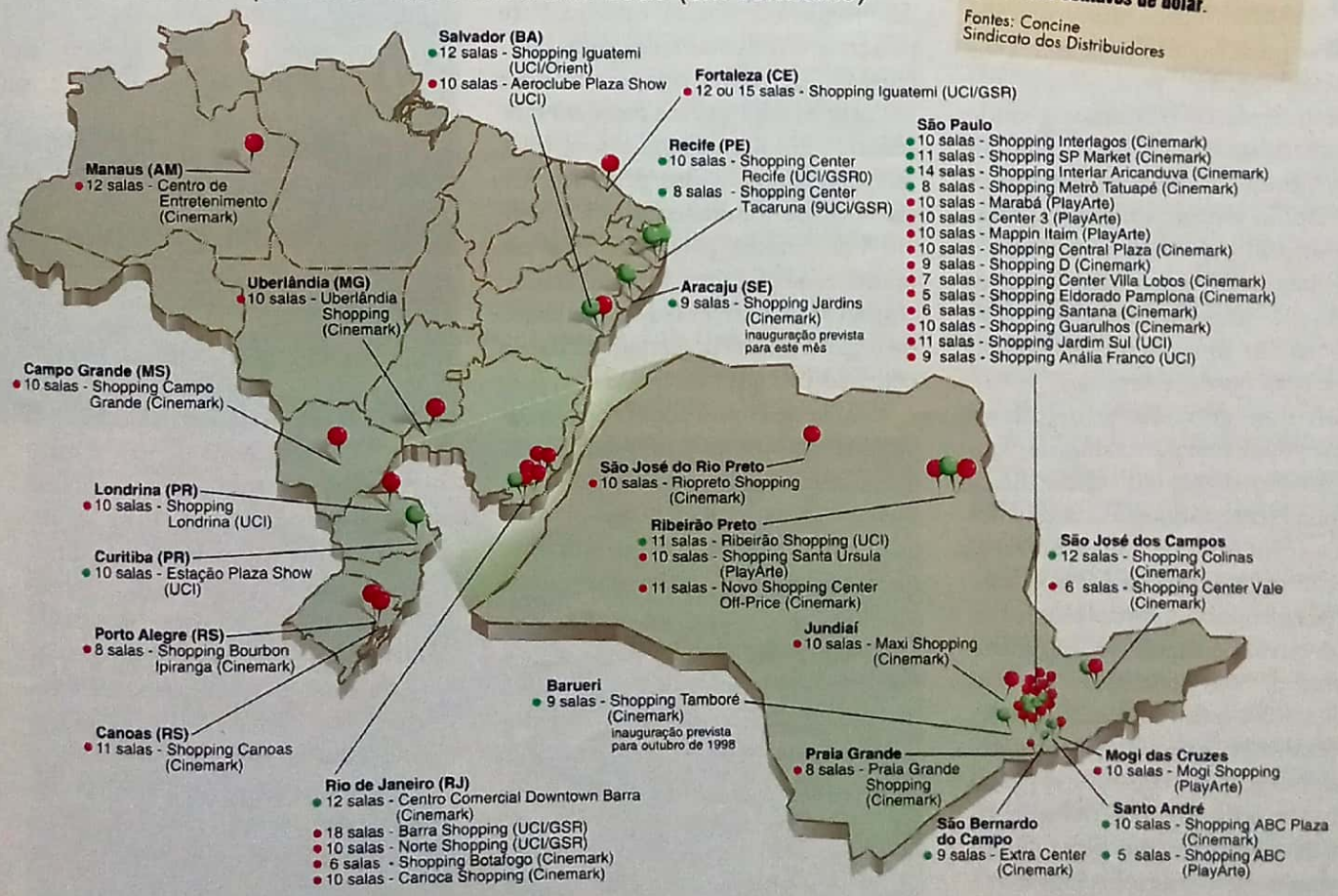
EM OUTROS TEMPOS...

Por incrível que pareça, o público de cinema no Brasil já foi maior: vinte anos atrás, em **1978**, foram vendidos quase **212 milhões de ingressos** no país. E a entrada, que em **1997** custou em média **4,60 dólares**, em **1978** não chegava a **70 centavos de dólar**.

Fontes: Concine
Sindicato dos Distribuidores

quem serão os sortudos

Onde ficam as 160 salas em multiplexes já inauguradas (em verde) e as outras 289 que devem abrir até o ano 2000 (em vermelho)



Fontes: Cinemark, UCI Brasil, PlayArte, Grupo Severiano Ribeiro, Filme B

Ilustrações: Paulo Sérgio Roberto

O último refúgio do leão

Na serra do Rio, um delegado vive sua maior paixão: projetar filmes numa réplica perfeita das salas da Metro Goldwyn Mayer

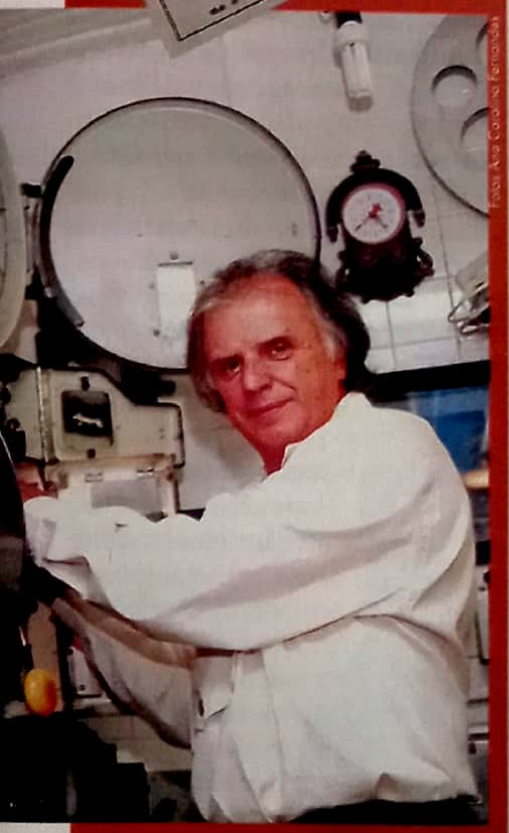
Ele chorou quando viu *Cinema Paradiso*. Tinha motivos: o que se passava na tela lembrava sua própria biografia. Apaixonado por cinema desde os três anos, quando ganhou da tia e madrinha um projetor de brinquedo, o advogado carioca Ivo Raposo Júnior, 53, poderia também ser um personagem de Ingmar Bergman, com uma infância solitária, na qual preferia a companhia das imagens em movimento às brincadeiras com outras crianças.

Aos treze anos, ele já trabalhava como operador de um cinema da Tijuca, tradicional bairro de classe média da Zona Norte carioca. À luz azul dos projetores a carvão, cultivou a admiração pelos filmes da Metro Goldwyn Mayer que o acompanha até hoje. Tinha ouvido o rugido do leão e atualmente é, com certeza, um de seus maiores entusiastas ao redor do mundo.

"Era um garoto isolado e, na cabine, soube de muita coisa que se passava no mundo. Em um radinho de pilha ouvi, entre outras coisas, a notícia do assassinato de John Kennedy", lembra. Ao assistir a musicais como *Cantando na Chuva*, Ivo se converteu de cinéfilo a devoto do estúdio. Para preservar o universo feérico das películas da Metro, há vinte anos reúne um acervo com grande parte do mobiliário das salas da empresa no país, que divertiram várias gerações. Os tesouros de cinemateca estão hoje em um cinema particular que ele mantém na pequena Conservatória, conhecida como "cidade da seresta", na região serrana do Estado do Rio, a cerca de 150 quilômetros da capital.

É lá, onde Dom Pedro II descansava e um dia correram os índios araris, que o leão da Metro continua à solta. Nos fins de semana, Ivo revive ali os tempos de projecionista, relaxando da rotina agitada como delegado de um distrito da Zona Sul carioca. "Sofro de 'metrite': sou louco pelos filmes da Metro. Dos quatro cinemas, entre Rio e São Paulo, restou apenas um 'Centímetro' em Conservatória, atual e eterno refúgio do Leão", diz, solenemente, repetindo trecho do texto que criou como abertura para a projeção de filmes no local.

Centímetro, nome da sala de Ivo, é uma designação modesta para o espaço com vinte poltronas, cortina elétrica, sala de espera, urna de ingressos, telefone, bebedouro, luminoso, tapetes e até pá de lixo dobrável – todos provenientes das salas da Metro, que Ivo foi ganhando ao longo dos anos, graças a seus contatos com empresários do setor. Tudo isso é pouco diante do som dolby stereo e dos projetores Simplex, fabricados em Chicago, doados a ele pelo grupo Severiano Ribeiro, para o qual presta assessoria técnica e jurídica. Cuidadoso em recuperar os antigos rituais,



Fotos Ana Carolina Fernandes

antes das "sessões", Ivo coloca a trilha adequada: versões orquestradas de sucessos da tela grande, como "The Sound of Silence", de Simon & Garfunkel.

"Quando exibo um filme, mantenho o jogo de luz , o gongo tocando e a cortina se abrindo antes da projeção", explica. "Tudo isso me lembra os bons tempos do Metro Tijuca, do porteiro com guarda-chuva na entrada, o cheiro de pipoca e a bala toffle", revela ele, que aos domingos saía da cama cedo para não perder o *Festival Tom & Jerry*.

Fã ardoroso dos filmes de entretenimento e defensor do western ("de onde vem o grande cinema americano"), ele consegue as fitas emprestadas das distribuidoras, às vezes antes de chegarem ao circuito comercial. Um dos recentes filmes pelos quais se empolgou é *Seis Dias, Sete Noites*, com Harrison Ford, "romântico como os dos velhos tempos". E efeitos especiais, diz, não substituem uma boa história: "O cinema é a arte das artes, porque mexe com todos os sentimentos e faz rir, chorar e ter medo", resume, citando Chaplin e Disney como os maiores gênios de todos os tempos.

O *décor* da sala se estende, claro, à cabine de projeção, onde Ivo exerce sua primeira vocação junto às máquinas, abençoado por um pôster de *Marcelino, Pão e Vinho*, filme-símbolo da misericórdia cristã e primeiro em 35 mm exibido pelo advogado.

"Quando trabalhava como operador, até os dezenove anos, os filmes tinham geralmente seis, sete latas de rolo. No fim do rolo, fazia passagem para o outro a partir de um sinal na tela, que só os operadores conheciam", revela, fascinado pelo antigo ritual, hoje automatizado.

Ivo começou a trabalhar como operador em 1958, quando o Rio ainda era um balneário pacato, inspirando os acordes da Bossa Nova. No Santo Afonso, antigo cinema da região da Tijuca hoje ocupado pelas Casas da Banha, ele entrou pela primeira vez na sala escura – sempre olhando para o alto, à cata da fenda que deixava escapar o mundo que tanto o encantava, e crivando o gerente de perguntas.

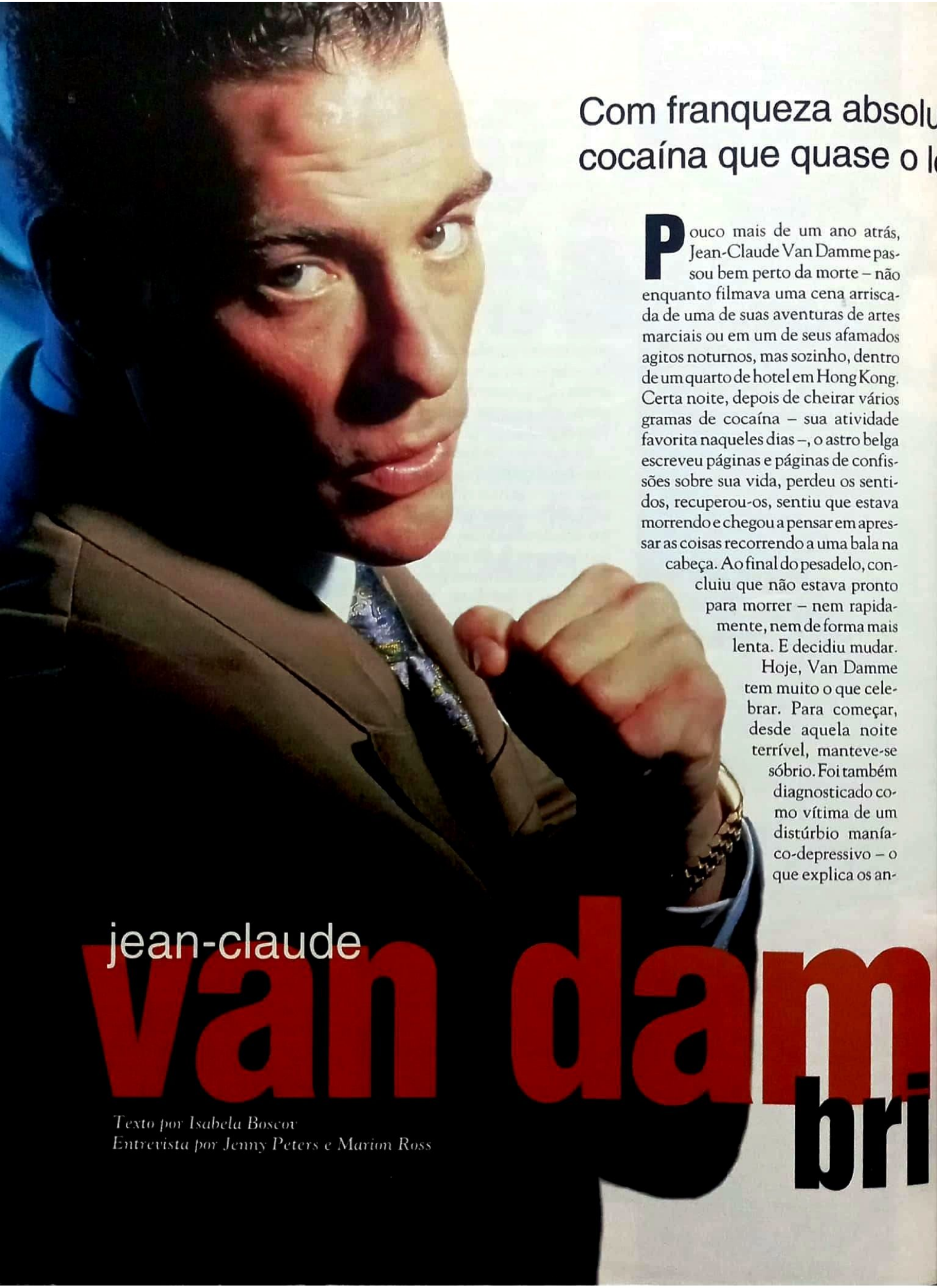
A primeira incursão a uma cabine, contudo, aconteceu durante uma viagem com a família a Dores de Campos, em Minas. Da porta de um andar intermediário do Cine São Luiz, onde também funcionava uma sinuca, ele espiava o vaivém dos operadores e pintores de cartazes, espécie de rito de passagem para o que viria a seguir.

"O Santo Afonso ficou fechado por um período, mas, quando reabriu, convidaram-me para trabalhar como operador. Mesmo contrariando meus pais – que se preocupavam com o risco de tuberculose, devido à fumaça insalubre da cabine a carvão –, treinei uma semana com outro operador e passei meu primeiro filme, *Kyra, a Escrava de Bagdá*, conta.

A partir da sala de Conservatória, Ivo montou numa casa anexa um *saloon* onde John Wayne beberia um uísque sem se sentir deslocado. "Nunca tive pretensões comerciais com a minha sala, mas não gostaria que ela morresse comigo", reflete Ivo, que cuida dela sozinho, apesar do apoio da segunda mulher, Regina, e das duas filhas – Iva, de dezesseis anos, e Isabela, de cinco. "No cinema, no escuro, a emoção brota. E por isso o cinema nunca vai morrer", prevê.

Projetores de qualidade, cartazes, poltronas para vinte pessoas: na pequena Conservatória, Ivo Raposo rememora o auge da MGM e seus bons tempos de projecionista com registro e carteira assinada (*detalhe acima*)

Cesar Garcia Lima



Com franqueza absolu
cocaína que quase o l

Pouco mais de um ano atrás, Jean-Claude Van Damme passou bem perto da morte – não enquanto filmava uma cena arriscada de uma de suas aventuras de artes marciais ou em um de seus afamados agitos noturnos, mas sozinho, dentro de um quarto de hotel em Hong Kong. Certa noite, depois de cheirar vários gramas de cocaína – sua atividade favorita naqueles dias –, o astro belga escreveu páginas e páginas de confissões sobre sua vida, perdeu os sentidos, recuperou-os, sentiu que estava morrendo e chegou a pensar em apressar as coisas recorrendo a uma bala na cabeça. Ao final do pesadelo, concluiu que não estava pronto para morrer – nem rapidamente, nem de forma mais lenta. E decidiu mudar. Hoje, Van Damme tem muito o que celebrar. Para começar, desde aquela noite terrível, manteve-se sóbrio. Foi também diagnosticado como vítima de um distúrbio maníaco-depressivo – o que explica os an-

jean-claude van damm bri

Texto por Isabela Boscov
Entrevista por Jenny Peters e Marion Ross

a, o astro belga conta como venceu a dependência da
vou à morte e diz quais são seus planos para o futuro

me gando pela vida

gustiantes altos e baixos a que se refere na entrevista a seguir, uma das mais francas que já concedeu – e tem experimentado uma estabilidade inédita graças aos medicamentos que lhe prescreveram. Reatou seu relacionamento com sua terceira mulher, a ex-fisioculturista Gladys Portugues, e vive tranqüilo numa mansão no Vale de San Fernando, na Grande Los Angeles, com ela, os dois filhos – Kristopher, de onze anos, e Bianca, de sete – e os quatro cachorros da família. E acabou de lançar mais um filme, *Golpe Fulminante*, que estreou no Brasil em setembro.

Nem tudo está resolvido na vida do musculoso astro, contudo. *Golpe Fulminante*, uma aventura burocrática rodada em Hong Kong, não é exatamente aquele tipo de produção capaz de sacudir a poeira de uma carreira desgastada pelas intempéries pessoais, e seus dois próximos filmes – o drama de ação *Inferno* e o épico *Legionnaire* – pelo jeito também não serão capazes de operar esse milagre. É um panorama incerto para o ator que, à época do sucesso *Soldado Universal*, lançado em 1992, parecia a aposta mais segura dos estúdios para suceder Stallone e Schwarzenegger.

"Van Damme precisa apenas de um filme realmente bom, que renda uma ótima bilheteria, e tudo isso muda", disse à *Entertainment Weekly* o agente Jim Berkus, que tem auxiliado o ator nos últimos anos. "Hollywood sabe desculpar problemas pessoais." Enquanto esse perdão não vem, ele tem também de resolver seu complicado divórcio de sua quarta mulher, Darcy La Pier, que envolve acusações de agressão física e o mantém longe de seu outro filho, Nicholas.

Apesar dessas incertezas, Van Damme mostra-se confiante – e, se depender de seus feitos passados, há mesmo razão para otimismo. Jean-Claude Van Varenberg tinha passado de garoto tímido e franzino a bem-sucedido dono de academia em Bruxelas, na Bélgica, quando decidiu abandonar a família e os negócios por uma chance no cinema americano. Foi motorista de táxi e de limusine, leão-de-chácara, entregador de pizza e instalador de carpetes antes de deixar o produtor Menahem Golan de queixo caído à porta de um restaurante em Beverly Hills, em 1986: sem aviso prévio, o rapaz que preferiu ser lutador a dançarino da Ópera de Paris girou 360 graus em pleno ar e desferiu um daqueles seus famosos chutes, fazendo com que ele passasse a poucos centímetros da cabeça do executivo – destreza que lhe valeu um emprego e uma carreira. Agora só falta mostrar a mesma habilidade em se esquivar dos maus roteiros e dos hábitos destrutivos.

Você superou uma fase ruim em sua vida pessoal e acaba de lançar um novo filme, *Golpe Fulminante*. Você chegou ao ponto em que gostaria?

Não. É meio difícil falar sobre isso. Rodei *Golpe Fulminante* em 1997, e desde então fiz mais dois filmes que ainda não foram lançados. Para mim, é um grande retorno – voltei para a minha ex-mulher Gladys, para os meus filhos e para o trabalho, o que é ótimo. Já aprontei bastante, já tive os meus altos e baixos, já fiz tudo o que tinha de fazer com as drogas. Agora estou sereno e estável.

Como você se envolveu com as drogas?

Neste ramo, as drogas cruzam o caminho da gente. Alguns admitem a verdade, outros não. É uma longa história, e já acabou. Foi uma experiência e tanto – não sei nem se negativa ou positiva. Na verdade, ela não teve a ver só com drogas. Era emocional, e envolvia relacionamentos, amizades, decepções. Até parei de treinar. Para sair dessa, é preciso se colocar em primeiro lugar e ter boas pessoas te apoiando.

O que você fez para deixar a cocaína?

Simplesmente disse "pare". Quando você está pronto, é fácil parar. Quando não está, não há clínica, medicação ou relacionamento capaz de ajudá-lo.

Em algum momento você chegou a achar que não sairia dessa?

Cheguei sim. A uma certa altura, eu queria morrer. Eu não tinha razões para viver. É duro dizer isso, mas nada me animava. Você tem de reencontrar sua →

van damme

autoestima e pouco a pouco dar valor a si mesmo novamente. Ou passa no teste, ou não. Não são as drogas: é um problema dentro de você que tem de ser curado.

Você hoje parece menos irrequieto que há alguns anos.

E estou. Antes eu vivia em ciclos – para cima, para baixo. Eu era sincero, mas parecia um ioiô. É uma questão química. Agora estou equilibrado, e demonstrarei minha energia quando for preciso.

Você disse que *Golpe Fulminante* é o seu retorno. Você acha que seus fãs o abandonaram?

De jeito nenhum. Ninguém está indo embora. Não é culpa das pessoas; eu é que levei cinco anos para entender a mim mesmo. Quando vim da Bélgica tentar a sorte no cinema, tive um início muito difícil, que exigia um esforço constante. E isso me deixou muito cansado. Exausto.

Bem, quem sabe hoje você não tenha mais a dizer do que naquela época?

Acho que acabo sendo um bom exemplo. Não há nada de errado em escorregar quando você consegue se pôr de pé de novo. Nunca feri ninguém a não ser eu mesmo. Agora que estou junto com minha família, ninguém vai me derrubar.

Você e Gladys pretendem se casar de novo?

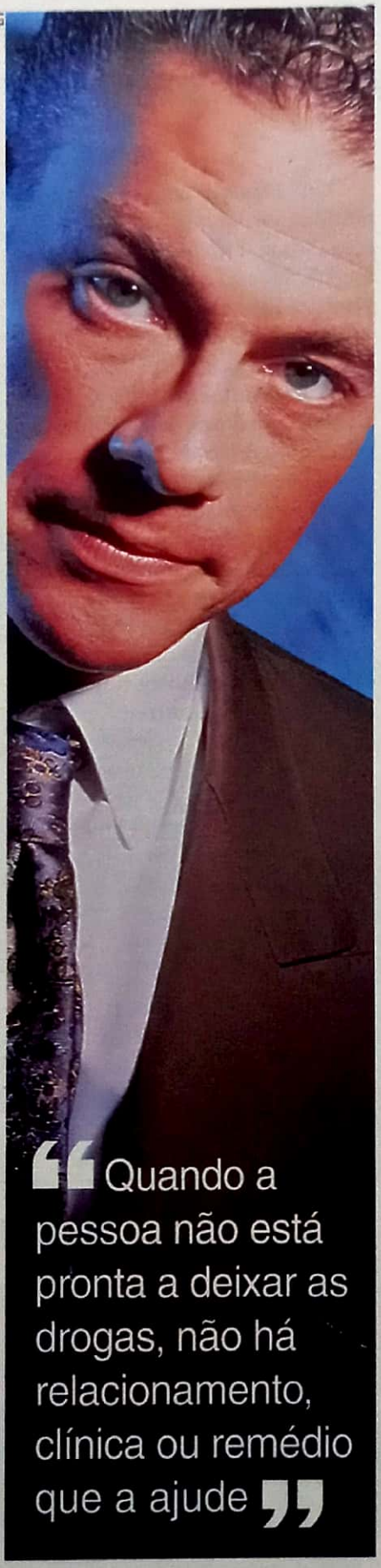
Não sabemos ainda. Mas quero me mudar para Nova York. É difícil ficar em Los Angeles – festas demais, agito demais.

Seus planos futuros incluem outros meios, como a televisão?

Minha maior ambição neste momento não se refere à minha carreira, e sim a encontrar paz de espírito. Fazer filmes é ótimo – mas fazer TV também, assim como construir aviões ou ser dono de confecção. Tudo é trabalho. O mais importante é estar feliz consigo mesmo quando você chega em casa à noite.

Um dos aspectos mais duros de sua profissão é que a sua vida se desenrola em público. Como a sua família reage a isso?

Gladys realmente não liga para isso. Ela está disposta a me ajudar e a me perdoar. E, quanto aos meus filhos, sou um herói para eles quando volto para casa. Minha família conhece o Van Damme de verdade.



"Quando a pessoa não está pronta a deixar as drogas, não há relacionamento, clínica ou remédio que a ajude"

E Hollywood, como reage? A impressão é que ela tende a olhar para o outro lado quando um astro está envolvido com drogas, mas continua faturando.

Se o sujeito dá lucro, o que ele faz consigo mesmo é problema dele. Por outro lado, esse sujeito provavelmente tem amigos e parentes que sofrem por ele. Imagino que todos possamos ser perdoados, e que Hollywood é capaz de perdoar. Mas, para uma pessoa que depende de drogas, isso não é muito importante. O que importa é que ele faça as pazes consigo mesmo.

O que mais o surpreendeu quando você chegou à América?

Los Angeles – que, aliás, é totalmente diferente do resto dos Estados Unidos, e parece mais a Disneylândia. Mas, depois de um tempo, você se dá conta... Desde pequeno sou um sonhador, e acho que nunca enxerguei a vida de forma realista. Isso me ajudou a encontrar o sucesso – sonhando, e ignorando as coisas ruins. Mas acabei preso nessa armadilha.

Que tipo de criança você foi?

Ei, isto é uma sessão de análise?

Sabe como é: o menino é o pai do homem.

Bem, eu não era um bom aluno, porque a escola me entediava. Nunca gostei da escola. Na Bélgica, é diferente. Tudo é cinza, não há muita luz no inverno – e eu vivia sonhando com céus azuis. Eu sonhava para escapar.

Você se lembra do primeiro filme americano que viu?

Lembro, claro. *Ben-Hur* – é o meu favorito. Na Bélgica, não íamos ao cinema todas as noites, como se fazia nos Estados Unidos. Ia-se uma vez por mês, no domingo, com os pais ou os avós. Era um evento: primeiro o jantar, depois a família toda entrava no carro e ia ao cinema. E, durante o intervalo, comíamos sorvete, e não pipoca. Pipoca faz muito barulho, e os belgas gostam de silêncio.■

por onde anda o filme que você tanto queria ver?

Fúria Inocente, ou melhor, *Nó na Garganta* será exibido nos cinemas

Títulos badalados, diretores e atores premiados: nada disso garante que *aquela* fita passará num cinema perto de sua casa

Parece uma variação da brincadeira "Onde Está Wally?": por onde será que anda o controvertido *The Game*, de David Fincher (o diretor de *Seven*), ou o aguardado *Kundun*, a visita à cultura tibetana realizada por Martin Scorsese? Quando será lançado, por exemplo, o elogiado drama *Tempestade na Neve*, dirigido pelo mesmo Ang Lee de *Razão e Sensibilidade*? Ou então o suspense *The Gingerbread Man*, que reúne o diretor Robert Altman e atores do calibre de Kenneth Branagh e Robert Duvall em torno de um best-seller de John Grisham, o autor de *A Firma*?

O cardápio de bons filmes ainda inéditos no Brasil é grande. O difícil é saber se o espectador ficará a ver navios, ou se esses títulos ainda aportarão por aqui.

No primeiro semestre deste ano, o número de lançamentos diminuiu por causa de *Titanic*, que ficou em cartaz muito além do previsto e adiou a chegada de vários filmes por absoluta falta de salas disponíveis. Mas *Titanic* já saiu do caminho, e muitas novidades ainda não viram a luz dos projetores. Por que não?

A falta de salas é mesmo um fantasma para as distribuidoras menores, mas a lei que rege o jogo é a da sobrevivência: ninguém lança um filme se achar que ele não vai dar lucro. E a operação é das mais caras: a publicidade na TV pode custar uma fortuna, o país é vasto e, para complicar, Norte e Sul têm gostos muito diferentes. E os exibidores precisam ser pagos, quer o público freqüente o cinema ou não.

DE OLHO NO PÚBLICO É claro que há filmes que estão acima de qualquer suspeita: ninguém pensa duas vezes antes de lançar nos cinemas um sucesso garantido como *Máquina Mortífera 4*. Mas como ficam os títulos de apelo menos evidente? Um caso curioso ocorreu com *Homens Armados*. A Columbia TriStar trouxe até o diretor da fita, John Sayles, para dar entrevistas à imprensa brasileira. Mas recuou ao constatar que o filme fora um fracasso total no México e na Argentina, apesar de ter paisagens mexicanas, um astro argentino e diálogos em castelhano. Resultado: *Homens Armados* seguiu direto para as videolocadoras brasileiras.

As distribuidoras vivem de olho no que a imprensa de outros países diz de seus filmes, mas isso não é garantia de que pisem em terreno firme. Veja-se o caso de *One Night Stand*. O astro Wesley Snipes ganhou o Leão de Prata no Festival de Veneza de 1997 pelo seu papel nesse drama romântico. O diretor é Mike Figgis, que assinou o elogiado *Despedida em Las Vegas*, pelo qual Nicolas Cage ganhou o Oscar. E Nastassja Kinski também está no elenco. Mas a Warner considerou o filme "deprimente demais" para o público brasileiro, e instalou-se a dúvida. Depois de meses de ponderações, decidiu-se que ele seria lançado em outubro último, com o título *Por uma Noite Apenas*.

É uma exceção. Quando as distribuidoras ficam indecisas, elas lançam o filme apenas em vídeo. O material promocional é mais barato, e as locadoras absorvem mais títulos do que os cinemas.

Nessa ciranda, quem fica na berlinda é o espectador. *Tempestade na Neve*, por exemplo, vai direto para a telinha: será exibido este mês na NET. *Kundun*, por sua vez, aguarda com paciência zen a sua hora – que, diz-se, pode chegar ainda este ano. Já *The Game* e *The Gingerbread Man* talvez nem sejam exibidos no Brasil: sua produtora é a PolyGram americana, que negocia seus lançamentos título a título – e esses dois, por azar, não estão no lote oferecido à Warner.

Como resolver esses impasses? Uma solução inédita é a gritaria. Quando a Warner anunciou que iria mandar direto para vídeo o magnífico *The Butcher Boy* (que tem a griffe de Neil Jordan, diretor de *Entrevista com o Vampiro*), a imprensa caiu matando. Deu certo: o filme perdeu o equivocado título *Fúria Inocente*, com o qual chegaria às locadoras, foi rebatizado *Nó na Garganta* (como o livro no qual se inspira) e, até o final do ano, poderá ser visto no Rio e em São Paulo. Se tudo se decidisse na base do grito... ■

O QUE É E QUANDO CHEGA AQUI O IMAX?

Pode estar certo de que já virá sua vez de entrar em um filme: o Imax, com toda a sua tecnologia de ponta, deve desembarcar logo no país

Você se lembra da desconcertante cena de *A Rosa Púrpura do Cairo* em que o galã Tom Baxter, interpretado por Jeff Daniels, escapa da tela e, como se nada estivesse acontecendo, desce à platéia ao encontro da insegura Cecilia, vivida pela atriz Mia Farrow? Pois é. Se o filme mostrado ali fosse feito com tecnologia Imax, a jovem teria muitos motivos mais para arregalar os olhos de surpresa.

Em um exercício de imaginação, vemos Cecilia rodeada pelo filme. O som a envolve. A imagem, gigantesca, recheia seu campo visual. Cercada de ficção por todos os lados, ela mal perceberia que Baxter fugira da tela. Essa sensação de imersão é o que o cinema Imax, que deve chegar aqui nos próximos dois anos, proporciona.

Com pompa e parafernália, o Imax faz o espectador viver a experiência de um filme como se ele próprio estivesse lá. Não se trata só de misturar ficção e realidade, mas de uma tecnologia inovadora que permite sensações incríveis. Quem viu garante. Os felizardos andaram passeando por Nova York, Paris ou Toronto, algumas das cidades em que já existem cinemas desse tipo.

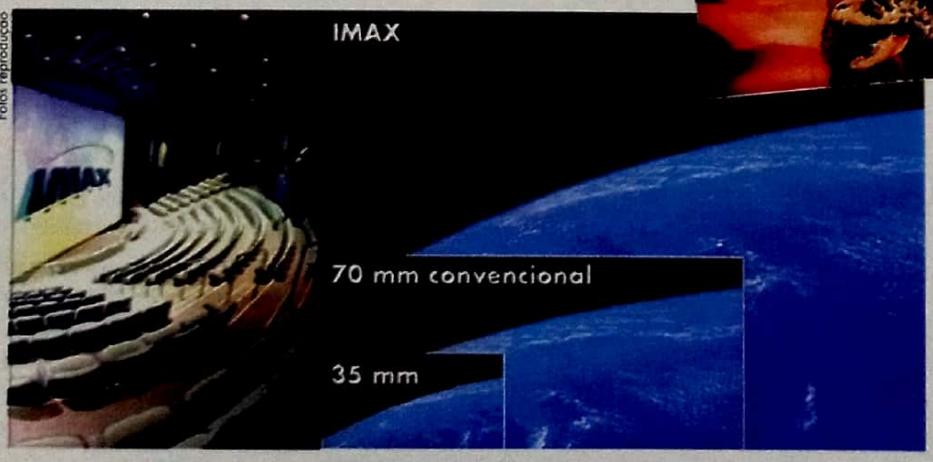
A primeira diferença entre os filmes Imax e os convencionais está no tamanho do *frame*, ou a seqüência das imagens. Enquanto os comuns são feitos com *frames* de 35 milímetros, os do Imax têm 70 milímetros. O dobro do tamanho dá à imagem maior definição. A tela, assustadora, tem 24 metros de altura – o equivalente a um prédio de seis andares – por trinta metros de largura. Isso tudo somado ao som *surround*, com caixas atrás da tela e no fundo da sala. Há salas com caixas de som acopladas à cadeira do espectador. Produções mais ousadas investem no formato em três dimensões. Aí, então, está pronta a festa do entretenimento.

Por conta desses recursos, os efeitos especiais têm ganhado prioridade. Já saíram filmes como o aplaudido *Everest*, ou o assustador *T-Rex – Back to the Cretaceous*. O Brasil também entrou na parada. Como assunto. O documentário *Amazon*, que concorreu ao Oscar deste ano, andou levando os encantos da Amazônia às salas do Imax. Geralmente, os filmes não ultrapassam quarenta minutos – tempo suficiente para perder o fôlego.

O sistema Imax nasceu no Canadá, que ganhou sua primeira sala em 1971. De lá para cá, surgiram outras 160, em 22 países. A Imax Corporation, que detém os direitos sobre essa tecnologia, calcula que até o final deste ano sejam duzentas salas no mundo. A boa notícia é que Brasil e Argentina estão na fila para os próximos dois anos.

Em tempo: é pouco provável que *A Rosa Púrpura do Cairo* seja adaptado ao Imax – ou *imaxed*, como já se diz em inglês. Não que isso seja impossível. Mas prevê-se que esse sistema beneficie as produções com grandes efeitos especiais. Melhor. Assim poupamos a inocente Cecilia de mais confusões.

Com sua tela gigante *(veja a comparação)*, a sala de Imax é ideal para viver emoções como as de *T-Rex*



Fotos reprodução

Gabriela Aguerre é repórter da revista Superinteressante, da Editora Abril.

A BRIGA PELO CORTE FINAL

Em 1980, Michael Cimino teve o direito de decidir como seria a versão final do ambicioso *O Portal do Paraíso* – mas levou um estúdio à falência

Corte Final é o título de um livro de 1985 que narra o desastre da produção de *O Portal do Paraíso*, o filme que Michael Cimino dirigiu em 1980 e que terminou por desagregar a United Artists, a famosa empresa fundada em 1919 por Douglas Fairbanks, Mary Pickford, D.W. Griffith e Charlie Chaplin. Em 1978, Cimino realizara o clássico *O Franco-Atirador*, que recebeu cinco Oscar – incluindo direção e melhor filme. Esse sucesso lhe permitiu fazer o épico *O Portal do Paraíso*. Mas a produção foi um desastre (seu orçamento milionário cresceu em cinco vezes), transformando-se num fracasso sem precedentes e levando à falência a United.

E, assim, o estúdio que produzira filmes de Buster Keaton, Rudolph Valentino e Billy Wilder, além de aventuras de James Bond e vencedores do Oscar, como *Um Estranho no Ninho*, *Rocky* e *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, veio a ser vendido para a Metro Goldwyn Mayer – que ficou com seu enorme acervo e virou MGM/UA Entertainment. E, com a posterior venda da MGM para o banco francês Credit Lyonnais em 1992, desapareceu em definitivo o que foi um dia a United Artists. Histórias da indústria cinematográfica...

Mas "corte final" é também a expressão usada para indicar a quem, por contrato, cabe o direito de decidir como será a versão final de um filme. Em geral, esse direito é do produtor; outras vezes, cabe ao diretor, quando ele tem também a função de produtor ou é um autor reconhecido. E o prestígio de Cimino permitiu a ele ter o corte final de *O Portal do Paraíso*. Sua primeira versão, de 219 minutos, foi retirada de cartaz devido ao grande fracasso. Reeditada para 149 minutos, fracassou igualmente num segundo lançamento, arruinando a United e a carreira promissora de Cimino, que hoje tenta dirigir um filme... brasileiro!

***Portal*: ambição demais arruinou a United Artists**

Alguns sábios dizem que os filmes têm alma, e com ela se comunicam com os espectadores. Evidentemente, as almas frágeis não se comunicam em nenhuma versão que seja apresentada ao espectador. O célebre diretor europeu Michelangelo Antonioni, não satisfeito com a versão final de *Passageiro – Profissão Repórter*, produzido por Carlo Ponti para a Metro Goldwyn Mayer (ah, aquela Metro!) em 1975, sempre confidenciava ao astro do filme, Jack Nicholson, que gostaria de reeditar seu filme. Certo dia, Jack deu a Antonioni os meios para fazer essa reedição – e, para sua surpresa, o filme permaneceu praticamente inalterado, ganhando não mais do que dois minutos! Histórias de artistas...

Há também atores que conseguem em seus contratos o direito do "corte final". Há pouco, Jessica Lange fez com que se alterasse a montagem final de *Segredo de Sangue*, obrigando até a que novas cenas fossem filmadas. Mas a nova edição ficou com alma frágil demais – ou seja, foi um grande fracasso.

E, como tudo se transforma em lenda, há uma sobre um dos maiores sucessos da história do Brasil, *O Cangaceiro*, produzido pela Vera Cruz em 1953. Conta-se que seu autor, Lima Barreto, chegando do Nordeste depois de rodá-lo, disse: "Após nove meses de filmagem, o tempo de gestação de um ser perfeito, voltamos". No corte final de seu diretor, esse "ser perfeito" fez sucesso mundial e se transformou num marco do cinema brasileiro. Infelizmente, Lima Barreto rodaria apenas mais um filme – *A Primeira Missa*, de 1961 – e viria a falecer na miséria, 21 anos depois, com muitos roteiros no baú. Histórias do cinema brasileiro...

Francisco Ramalho dirigiu e escreveu, entre outros, **Besame Mucho**, **O Cortiço** e **À Flor da Pele**. *É associado de Hector Babenco, de quem produziu, entre outros,* **O Beijo da Mulher Aranha** e **Coração Iluminado**.

10 FILMES LEGAIS QUE POUCA GENTE VIU

A crítica esnobou, o público ignorou, eles fracassaram. Um tremendo engano: estes filmes têm muito a oferecer

1 ED WOOD Obrigatório para todos aqueles que amam o cinema. O diretor Tim Burton introduz com paixão e bom humor a figura de Ed Wood, o pior cineasta de todos os tempos. Em belíssimo preto-e-branco, o filme brinca com a falta de senso de ridículo do homenageado e transforma o espectador em cúmplice. Martin Landau está impagável como Bela Lugosi.

2 EM BUSCA DA FELICIDADE Humor inglês em sua melhor forma: o diretor John Schlesinger recupera o vigor que havia perdido há vinte anos e tece um espetáculo excêntrico e impiedoso. Na década de 30, uma jovem mimada fica órfã e sem dinheiro. Decide ir morar com primos distantes em uma fazenda que é o fim do mundo. O choque cultural rende momentos inspirados.

3 ESTRANHOS PRAZERES O ano 2000 está chegando, e a humanidade experimenta a saturação dos sentidos: o fino é adquirir, no mercado negro, disquetes que possibilitam a uma pessoa compartilhar sensações vividas por uma outra. James Cameron concebeu um futuro caótico, e a diretora Kathryn Bigelow o transformou em cenário de uma agitada aventura.

4 O INVENTOR DE ILUSÕES Eis um pequeno grande filme, perfeito em todos seus pormenores. A Depressão americana é vista aqui pelos olhos de um garoto de doze anos, que descobre sozinho a arte da sobrevivência. Sua imaginação fértil o ajuda a maquiar a triste realidade. Um trabalho arrebatador do diretor Steven Soderbergh.

5 NA RODA DA FORTUNA Esta fantasia extravagante é uma festa para os olhos: os irmãos Coen convidam o espectador a uma luxuosa brincadeira ambientada na Nova York dos anos 50. O caipirão Tim Robbins é uma marionete nas mãos de Paul Newman, que quer levar sua corporação à falência. Há no mínimo uma cena antológica: o primeiro contato entre um garoto e um bambolê.

6 O PENTELHO Jim Carrey é o instalador de TV a cabo que transforma a vida de Matthew Broderick em um verdadeiro pesadelo. Muitos fãs do comediante não pegaram o espírito da coisa: o filme, mais inteligente do que se poderia supor, faz da alienação e da solidão temas perfeitos para uma comédia negra e insana.

7 TE AMAREI ATÉ TE MATAR O diretor Lawrence Kasdan tem tanto senso de humor que transformou até William Hurt num ator engraçado. Kevin Kline se esbalda como um pizzaiolo mulherengo que é jurado de morte por sua própria esposa. Todas as tentativas fracassam de forma retumbante. Inspirado em um caso real, o filme sugere uma maneira nada ortodoxa de salvar um casamento.

8 A TETA E A LUA Bigas Luna investigou o machão latino nos filmes *Jamón Jamón* e *Ovos de Ouro*. A trilogia se fecha com o belíssimo *A Teta e a Lua*, o filme mais poético e sedutor do cineasta catalão. É impossível não se encantar com a busca de um garoto pelo seio perfeito, que ele encontra no corpo de uma bailarina.

9 TUCKER – UM HOMEM E SEU SONHO Francis Coppola identificou-se com a saga de Preston Tucker, que, na década de 40, desafiou a tudo e a todos para construir o carro do futuro. O diretor faz seu elogio à livre iniciativa em um filme com sabor de época: a reconstituição do estilo de vida dos americanos é perfeita. Ótima trilha de Joe Jackson.

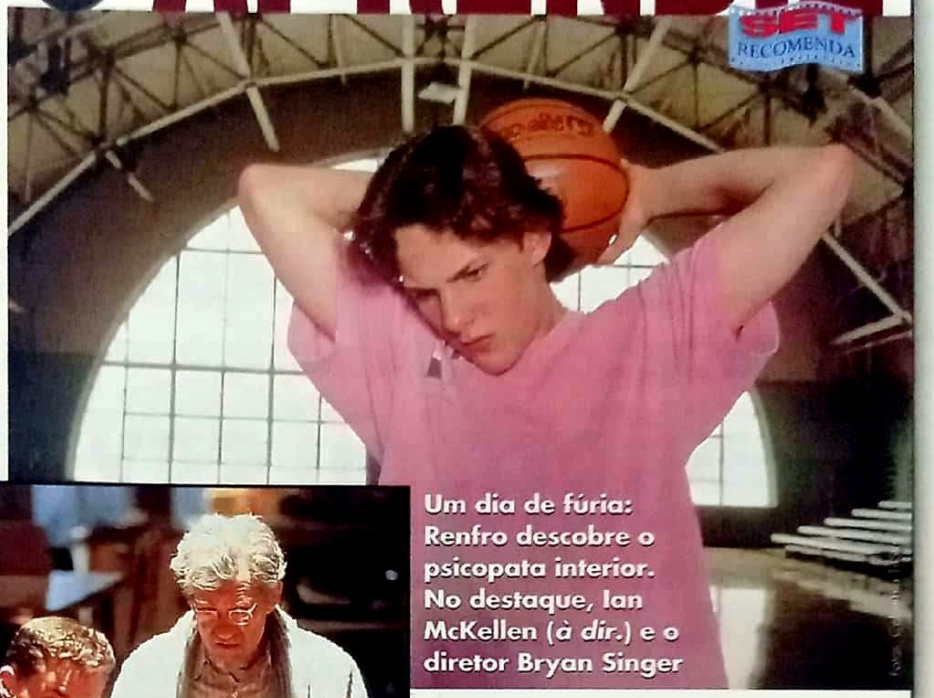
10 A SOMBRA E A ESCURIDÃO Tornados, meteoros e os Godzillas da vida são fichinha perto dos dois leões que chacinaram os operários que, na África do fim do século passado, tentavam construir uma ponte. O diretor Stephen Hopkins demonstra um incrível domínio de câmera e alimenta esta bela aventura com dois dos mais aterradores assassinos do cinema.

CIC

O APRENDIZ

O ator Brad Renfro rouba a cena no novo filme do diretor de *Os Suspeitos*

O filme era pequeno, barato, não tinha astros famosos e estreou de mansinho, sem alarde. Mas todo mundo que saía do cinema tinha a mesma estranha expressão: o queixo caído, a boca aberta e um olhar de espanto. Por isso o barulho foi crescendo: em todo lugar, falava-se de *Os Suspeitos* como um dos lançamentos mais surpreendentes de 1995. O enredo era complicadíssimo, mas ninguém desgrudava os olhos da tela; os atores eram ótimos (um tal de Kevin Spacey até ganhou o Oscar de coadjuvante); a ação dependia só do cérebro, não dos músculos, mas era de tirar o fôlego. E o autor da façanha era um garotão de 29 anos, o diretor Bryan Singer – que, até então, só tinha um filme no currículo, o desconhecido *Public Access*.



Um dia de fúria: Renfro descobre o psicopata interior. No destaque, Ian McKellen (*à dir.*) e o diretor Bryan Singer

Nesses três anos que se passaram desde *Os Suspeitos*, o que todos os fãs do filme se perguntavam era se Bryan tinha tirado a sorte dos principiantes, ou se era talentoso mesmo. Agora a resposta está aí: o nome dela é *O Aprendiz*. E é um arraso.

O pessoal que gosta das tramas do escritor Stephen King vai babar com esta adaptação de seu conto *Apt Pupil*, que mostra a estranha amizade entre um garoto e um ex-carrasco nazista. Em *O Aprendiz*, o garoto é Todd Bowden (o excelente Brad Renfro), que descobre a verdadeira identidade de um senhor idoso que mora em sua cidade: Kurt Dussander (Ian McKellen), um comandante de campos de extermínio alemães durante a Segunda Guerra que chegou à América na década de 50, mudou de identidade e escapou dos tribunais que julgaram os autores das atrocidades nazistas.

Mas se engana quem pensa que Todd se assusta com sua descoberta. Na verdade, entregar o criminoso para as autoridades nem passa por sua cabeça: fascinado pelas terríveis histórias da guerra, ele quer saber a verdade sobre os campos de concentração, entender como eram feitas as experiências com os judeus e o que sentia um homem com tanto poder sobre a vida e a morte de milhões. Ele quer *aprender* – mesmo sem saber por quê.

O diretor Bryan Singer construiu um filme apavorante, no qual a mente dos protagonistas aos poucos se abre para a platéia – que, por sua vez, descobre horrorizada todo o mal que se esconde nas pessoas de aparência mais inofensiva. Singer é meticuloso: nada é mostrado ao acaso, nenhum diálogo é desperdiçado e não existe espaço para soluções vulgares. Quando o clímax se aproxima, o diretor não poupa a platéia e, num clima cada vez mais sufocante, revela camadas ainda mais sombrias da personalidade dos personagens.

Nada disso seria possível sem o talento da dupla de protagonistas. Ian McKellen, no papel do ex-carrasco nazista, garante seu nome na lista dos indicados ao Oscar do ano que vem com uma atuação excepcional. Seu Kurt Dussander deve fazer por ele o mesmo que um certo canibal fez por Anthony Hopkins em *O Silêncio dos Inocentes*: apresentá-lo ao grande público.

Mas é Brad Renfro quem domina o filme. Em *O Cliente* e em *Sleepers*, o jovem ator se impôs mesmo ao lado de pesos pesados como Tommy Lee Jones e Robert De Niro. Em *O Aprendiz*, contudo, Renfro dá credibilidade a um personagem complexo, transmitindo em pequenos gestos e olhares toda a inteligência, a sagacidade e a maldade de um verdadeiro assassino em formação, que se assusta com seus atos, mas que aos poucos descobre seu poder. Se você não acredita na existência do mais puro mal, *O Aprendiz* está aí para abalar a crença de qualquer um.

(Apt Pupil, EUA, 1998) **Direção**: *Bryan Singer.* **Com** *Ian McKellen, Brad Renfro, David Schwimmer, Elias Koteas, Bruce Davison, Joe Morton, Michael Byrne, Heather McComb, Ann Dowd. 111 min.*

Jamie Lee Curtis enfrenta um psicopata mascarado no assustador Halloween: H20

Terror: Jamie Lee e seu algoz

HALLOWEEN: H20

Jamie Lee Curtis está de volta ao papel que a lançou no cinema há vinte anos. *Halloween: H20* é uma retomada digna de uma das mais tradicionais séries de terror. Depois de escapar do assassino mascarado Michael Myers, Laurie Strode (Curtis) reconstruiu sua vida da maneira que pôde, mudando de nome e cidade. Mas Michael – ou alguém que se faz passar por ele – a descobre e passa a atormentar sua vida e a de seu filho. Mais assustador do que a série *Pânico*, o novo *Halloween* prova que uma idéia batida, quando bem aproveitada, ainda pode render bons sustos.

(EUA, 1998) **Direção**: *Steve Miner.* **Com** *Jamie Lee Curtis, Adam Arkin, Josh Hartnett, Michelle Williams, Adam Hann-Byrd, Jodi Lyn O'Keefe, Janet Leigh, L.L. Cool J. 85 min.*

SANTO HOMEM

Eddie Murphy já deveria saber escolher melhor seus roteiros. Aqui ele faz um televangelista contratado por um executivo (Jeff Goldblum) para aumentar as vendas pela TV. Mas o filme se concentra no romance entre Goldblum e a bela Kelly Preston, deixando as risadas em segundo plano.

(Holy Man, EUA, 1998) **Direção**: *Stephen Herek.* **Com** *Eddie Murphy, Jeff Goldblum, Kelly Preston, Robert Loggia.*

O OPOSTO DO SEXO

Christina Ricci e Lisa Kudrow roubam o show nesta comédia despudorada

Quem estiver cansado da irritante onda da correção política deve experimentar *O Oposto do Sexo*, estréia na direção de Don Roos, roteirista de *Mulher Solteira Procura*. O filme é desbocado, desavergonhado e deliciosamente irreverente. A ótima Christina Ricci é a jovem Dedee Truitt. É ela quem narra o filme em *off*, dando o tom do humor: Dedee é alienada, egoísta, preconceituosa, manipuladora e mentirosa – ela engana inclusive o próprio espectador.

Pois bem: Dedee foge da casa da mãe depois da morte do padrasto e pede asilo a Bill, seu meio-irmão homossexual. Ela põe a vida de todos de pernas para o ar, principalmente depois de roubar o namorado de Bill e engravidar. Uma personagem crucial é Lucia, a irmã da grande paixão de Bill, que morreu vítima de Aids. Interpretada magnificamente por Lisa Kudrow (da série *Friends*), ela é uma figura que transita entre o cômico e o trágico, o patético e o heróico: apesar de quase ninguém gostar dela, é Lucia quem reúne todos esses tipos loucos e tenta pôr ordem no caos. O espectador, enquanto isso, se diverte aos montes.

(The Opposite of Sex, EUA, 1998) **Direção**: *Don Roos.* **Com** *Christina Ricci, Martin Donovan, Lisa Kudrow, Ivan Sergei, Lyle Lovett, Johnny Galecki. 105 min.*

Vida mansa: Christina Ricci se entrega à preguiça ao lado do ex-namorado de seu irmão (Ivan Sergei)

CIDADE DAS SOMBRAS

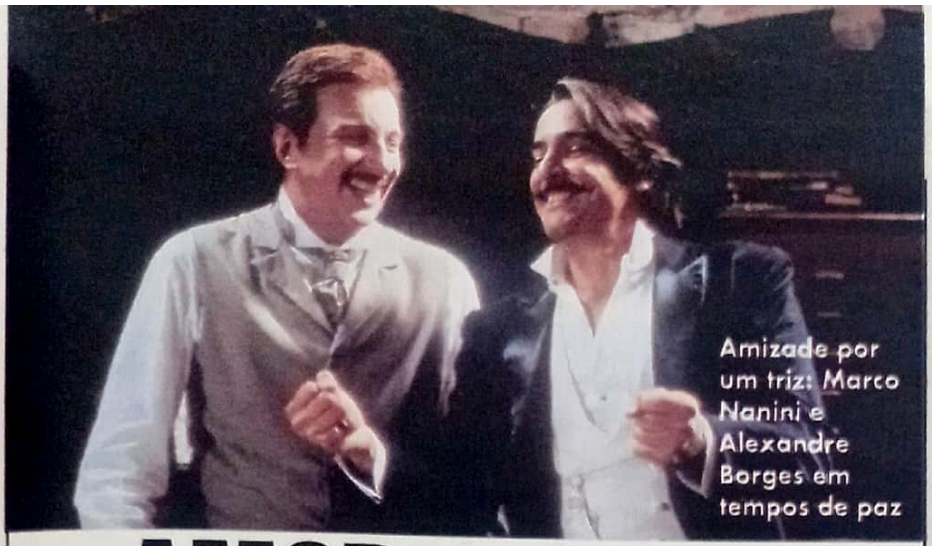
Alex Proyas, diretor de *O Corvo*, prova com este *Cidade das Sombras* que continua sendo um excelente arquiteto visual, mas ainda não encontrou o tom certo para narrar uma história. Nesta trama que mistura sonhos, assassinato e criaturas misteriosas, ele criou um espetáculo visual exuberante para acompanhar um homem sem memória determinado a descobrir seu passado numa cidade eternamente nas trevas. *Cidade das Sombras* é, desde já, candidato a *cult movie* do ano.

(Dark City, EUA, 1998) **Direção**: *Alex Proyas.* **Com** *Rufus Sewell, Kiefer Sutherland, Jennifer Connelly, William Hurt, Richard O'Brien, Ian Richardson, Bruce Spence, Colin Friels, John Bluthal, Melissa George. 100 min.*

TIRO E QUEDA

É difícil entender por que o ator Mark Wahlberg, depois de um trabalho primoroso em *Boogie Nights*, aceitou fazer este filme de ação que lembra as antigas aventuras dos Trapalhões. Neste *Tiro e Queda*, Wahlberg faz um assassino completamente submisso a suas mulheres (sim, ele tem mais de uma!) e que é traído por um de seus parceiros. Diversão ligeira e absolutamente descerebrada.

(The Big Hit, EUA, 1998) **Direção**: *Kirk Wong.* **Com** *Mark Wahlberg, Lou Diamond Phillips, Christina Applegate, Avery Brooks, Bokeem Woodbine, Antonio Sabato Jr., Elliott Gould. 91 min.*



Amizade por um triz: Marco Nanini e Alexandre Borges em tempos de paz

AMOR & CIA.

SET RECOMENDA

Helvécio Ratton surpreende ao contar com leveza uma história de amor e traição

O espectador comprará o ingresso para assistir a *Amor & Cia.* provavelmente motivado pelo apelo do trio central de atores globais – que, aliás, está muito bem, com destaque para Marco Nanini. Esse mesmo espectador, porém, será seduzido quase que de imediato pelo evidente carinho que o diretor Helvécio Ratton imprimiu ao filme.

Seu irmão, Carlos Alberto Ratton, adaptou o romance *Alves & Cia.*, do escritor português Eça de Queirós, transportando a ação para São João del Rey, cidade mineira em que a dupla cresceu. Essa história de amor, traição e orgulho, ambientada no final do século passado, envolve o espectador com uma narrativa bem-humorada, que flui de forma suave.

Marco Nanini é Godofredo Alves, um rico comerciante que vê seu mundo cair ao flagrar sua bela e jovem mulher, Ludovina (uma Patrícia Pillar luminosa), nos braços de seu sócio, Machado (Alexandre Borges). O que alimenta a comicidade refinada do filme é a dúvida que paira no ar: será que a traição chegou a ser consumada ou não? *Amor & Cia.* é como um bom romance: assiste-se com prazer, e a vontade é de revê-lo para melhor reparar em cada delicioso detalhe.

(Brasil/Portugal, 1998) **Direção**: *Helvécio Ratton.* **Com** *Marco Nanini, Patrícia Pillar, Alexandre Borges, Rogério Cardoso, Claudio Mamberti, Maria Silvia, Ary França, Nelson Dantas. 100 min.*

CORAÇÃO ILUMINADO

SET RECOMENDA

Depois de mais de sete anos sem dirigir um filme e já recuperado do câncer que o tirou de circulação, Hector Babenco retorna à ativa com *Coração Iluminado*, um trabalho de fortes traços autobiográficos. Ele conta a história do jovem Juan Ludz, um judeu argentino que, nos anos 60, descobre a paixão pelo cinema e por uma mulher emocionalmente instável. O filme reconstitui com irresistível nostalgia os primeiros passos de um homem. Na segunda metade, Babenco pula vinte anos e apresenta Juan já cineasta, retornando à cidade natal. O desfecho é metafórico, o que poderá confundir muitos espectadores quanto à intenção do diretor. O filme, porém, é o inegável desabafo de um artista que reencontrou sua voz. Destaque especial para o ator Walter Quiróz, que interpreta Juan quando jovem.

(Brasil/Argentina/França, 1998) **Direção**: *Hector Babenco.* **Com** *Miguel Angel Solá, Walter Quiróz, Maria Luisa Mendonça, Xuxa Lopes, Norma Aleandro. 132 min.*

O TOQUE DO OBOÉ

Paulo Betti é o protagonista deste drama do diretor brasileiro Claudio Mac Dowell, uma das primeiras produções em conjunto de países do Mercosul. Betti interpreta um músico, vítima de uma doença terminal, que vai até uma cidade do interior do Paraguai para morrer. Mas ele é chamado para tocar no antigo cinema da cidade, sonorizando filmes mudos e dando uma nova vida aos moradores. A intenção do diretor era criar uma obra lírica e surreal, mas os diálogos infantis e o ritmo lento comprometem o resultado.

Betti: lentidão

(Brasil/Paraguai, 1998) **Direção**: *Claudio Mac Dowell.* **Com** *Paulo Betti, Letícia Vota, Mario Lozano, Arturo Fleitas, Graciela Cánepa, Fernando Mièles, Mirthita Mazó. 119 min.*

Linha de montagem: Kurt Russell vai à guerra

SOLDADO DO FUTURO

Depois de *Breakdown*, Kurt Russell ganhou moral para protagonizar esta ficção científica do mesmo autor de *Blade Runner*. Ele faz um soldado alterado geneticamente que se rebela contra seus mestres, iniciando uma revolução em outro planeta. O filme, do diretor de *O Enigma do Horizonte*, traz dezenas de referências a *Blade Runner*. A única surpresa é Jason Scott Lee, de *Dragão*, careca e ameaçador como o inimigo de Russell.

(Soldier, EUA, 1998) **Direção**: *Paul Anderson.* **Com** *Kurt Russell, Jason Scott Lee, Jason Isaacs, Connie Nielsen, Gary Busey, Sean Pertwee, Danny Turner.*

O diretor Hector Babenco volta ao passado no drama autobiográfico Coração Iluminado

O Rio de Janeiro é palco das tramas de Traição

Felizes: Sandra e Connick Jr.

QUANDO O AMOR ACONTECE

Quando o Amor Acontece começa bem: Sandra Bullock é chamada para um programa tipo *Márcia* e descobre, ao vivo, que sua melhor amiga está transando com seu marido. Chocada, ela faz as malas e, com a filha, retorna à casa da mãe, de onde saíra com pompa e circunstância. A partir desse momento, o filme trata do xaroposo reencontro de Sandra com a felicidade. Em meio a muita música country e à presença providencial do galã Harry Connick Jr., a atriz consegue dar credibilidade a esta fábula feminina e feminista. Palmas para o diretor Forest Whitaker, que, depois de *Falando de Amor*, provou que entende mesmo as mulheres.

(Hope Floats, EUA, 1998) ***Direção****: Forest Whitaker.* ***Com*** *Sandra Bullock, Gena Rowlands, Harry Connick Jr., Mae Whitman, Michael Paré, Kathy Najimy, Rosanna Arquette. 114 min.*

TRAIÇÃO

SET RECOMENDA

A estréia da Conspiração Filmes marca a chegada de uma nova geração de diretores

O longa de estréia da Conspiração Filmes é um belo cartão de visitas para o talento dos diretores Arthur Fontes, José Henrique Fonseca e Claudio Torres, sócios na produtora e donos de um vasto currículo na publicidade e em vídeo. *Traição* é uma coletânea de três curtas baseados em Nélson Rodrigues.

O episódio de abertura, "O Primeiro Pecado", é o mais leve deles. Dirigido por Fontes, mostra um sujeito (Pedro Cardoso) que é amante de uma mulher casada (Fernanda Torres) – até que o primeiro encontro sexual dos dois termina em surpresa e frustração. Já Claudio Torres assina "Diabólica". Geraldo (Daniel Dantas) é seduzido por Alice (a ótima Ludmila Dayer), a irmãzinha de sua noiva, em uma história que termina em tragédia. Lembra *Lolita* mas, apesar da trama batida, tem um grande trunfo no visual arrebatador.

Traição se encerra com "Cachorro!", de Fonseca, que aborda o clichê "minha mulher me traiu com meu melhor amigo". O diretor aposta na violência para causar impacto, já que a história é a mais fraquinha das três. Ao final, a platéia respira aliviada em saber que o futuro do cinema brasileiro está assegurado – ao menos no quesito talento.

(Brasil, 1998) ***Direção****: Arthur Fontes, Claudio Torres, José Henrique Fonseca.* ***Com*** *Fernanda Montenegro, Fernanda Torres, Pedro Cardoso, Daniel Dantas, Alexandre Borges, Drica Moraes, Francisco Cuoco.*

Doce pecado: Fernanda Torres e Pedro Cardoso no primeiro episódio

CANNE'S VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!

CONFIRA!

• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA

Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

PATY'S HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
E GANHE TODAS AS PRATELEIRAS E BRINDES ESPECIAIS.

TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE
• ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)

Disk Vendas
(011)
298-1899
NOVO TELEFONE

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

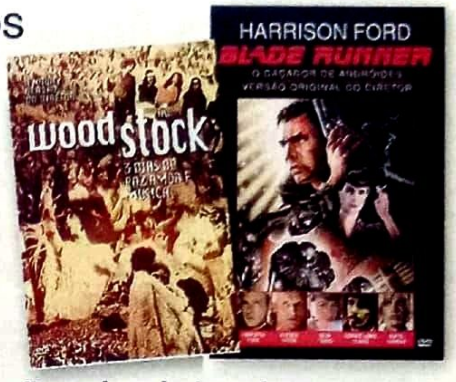
60 razões para se animar com o DVD

Depois da Columbia TriStar, a Warner entra com tudo no mercado lançando um pacotaço inicial de sessenta títulos

Agora parece que a coisa vai: o DVD promete engatar a primeira e virar uma boa opção de lazer no Brasil. Em agosto, a Columbia TriStar deu o exemplo lançando vinte títulos. Agora é a vez de a Warner entrar na parada – e de forma agressiva. Em uma parceria comercial com a Sharp, a Warner entregará, nos primeiros dias de novembro, nada menos que sessenta filmes. É uma injeção de ânimo considerável para uma tecnologia que está apenas engatinhando no país.

Omar Jundi, diretor geral da Warner Home Video, explica que o pacotaço é fruto de uma ótima relação com o Brasil – considerado o terceiro melhor mercado de vídeo no mundo, depois apenas dos EUA e do Japão. Além disso, a decisão de pôr muitos lançamentos à venda é estratégica: com uma boa variedade de filmes e desenhos especialmente preparados para a Zona 4 (o mundo foi dividido em seis regiões, com codificação diferenciada, para combater a pirataria), evita-se a comercialização de aparelhos e discos da Zona 1, que engloba os Estados Unidos.

Em breve não haverá mais razão para cobiçar o DVD do país vizinho. O Brasil contará, já em 1999, com um acervo considerável – a previsão é que superemos a Europa em número de filmes disponíveis. A Columbia está lançando quatro títulos por mês, e a Warner promete, a partir de dezembro, entregar às lojas uma média de dez a doze novas opções. A Flashstar, que lançou o primeiro DVD em português, *Era Uma Vez na América*, retomará o ritmo no final deste ano com filmes famosos, como *Stargate* e *Diário de um Adolescente*. Como se não bastasse, a Europa Filmes entra na parada em dezembro com *O Paciente Inglês* e quatro obras do cineasta Arnaldo Jabor. Já a Paramount (representada pela CIC) e a Disney (pela Abril Vídeo) comercializarão seus filmes por aqui já no primeiro semestre do ano que vem.



Itens de colecionador: o pacote inclui o documentário sobre Woodstock e a versão do diretor de *Blade Runner*

SUCESSOS DE PÚBLICO A Warner também está lançando títulos simultaneamente em vídeo e DVD. Entre as opções quentíssimas estão *O Mensageiro*, *Esfera*, *U.S. Marshals – Os Federais* e *Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal*. Além disso, a distribuidora colocará gêneros variados em cada novo pacote. Estão chegando às lojas clássicos como *Bullitt* e *Um Estranho no Ninho*, sucessos de crítica como *Os Bons Companheiros* e *Ligações Perigosas*, arrasa-quarteirões como os quatro filmes da série *Batman*, filmes infantis de qualidade como *A Princesinha*, hits protagonizados por Sylvester Stallone (*Rocky* e *Assassinos*) e Mel Gibson (*Maverick* e os três primeiros *Máquina Mortífera*) e ainda comédias extravagantes (*As Bruxas de Eastwick* e *Marte Ataca!*). Cada DVD será vendido a um preço médio de 25 reais. É para agradar a gregos e troianos.

Se muitos consumidores ainda estão inseguros em trocar o vídeo por um aparelho de DVD, as boas novas podem transformar essa tecnologia de última geração em um bom presente de Natal. Ainda mais porque os aparelhos estão com preços cada vez mais competitivos. Feliz ano-novo para o DVD.

Christian Petermann

Fotos: Divulgação

Sucessos recentes para cativar o consumidor: *Teoria da Conspiração* e *Batman & Robin* estão entre os destaques

JÁ NÃO SE FAZEM ÍDOLOS COMO ANTIGAMENTE

O que Lana Turner tinha que Kim Basinger não tem? Para começar, um grande estúdio por trás – é o que demonstra a história

Ano: 1957. Sentados na platéia do Chinese Theater, aguardamos a *première* de *Tarde Demais para Esquecer*, com Deborah Kerr e Cary Grant. De repente, um rumor com "ohs" e "ahs" de admiração, e todos se voltam para ver a causa do frisson: é a loiríssima Lana Turner, em entrada triunfal, passando pelo corredor envolta num casaco de arminho e um espetacular vestido de cetim branco. Ninguém presta atenção ao seu acompanhante – aliás, o gângster Johnny Stompanato, que, mais tarde, seria assassinado pela filha da estrela.

Ano: 1997. Mesmo cinema. *Première* de *Los Angeles – Cidade Proibida*. Entra outra loira: a estrela do filme, Kim Basinger, acompanhada do marido, Alec Baldwin. Nenhum frisson, nenhuma manifestação da platéia.

Esses dois eventos bem demonstram a diferença entre a Hollywood em que vivi e a Hollywood atual. Naqueles anos dourados, até nós, profissionais da imprensa, ficávamos deslumbrados diante de exponentes do glamour como Marilyn Monroe, Rita Hayworth, Audrey Hepburn e Kim Novak. Hoje, estrelas como Julia Roberts, Jodie Foster, Demi Moore, Meryl Streep, Glenn Close ou Winona Ryder já não provocam emoção. E, embora não façam filmes há algum tempo, Elizabeth Taylor e Sophia Loren ainda causam furor e admiração sempre que aparecem em público. Qual o segredo?

Bem, por mais que os críticos condenem o chamado *star system*, o fato é que, no tempo dos contratados pelos grandes estúdios, os astros e estrelas eram colocados em pedestais e idolatrados pelos fãs. Atualmente – apesar dos cachês milionários –, Bruce Willis ou Mel Gibson só registram sucessos na bilheteria se os filmes forem bons.

Reprodução

Warner

Com o amparo de um grande estúdio, Lana causava sensação; sem ele, Kim não chega a ser uma "deusa"

O popularíssimo John Travolta, apesar da beleza e talento, pastou alguns anos em produções medíocres até ser ressuscitado por Quentin Tarantino em *Pulp Fiction*. Se o charmoso George Clooney tivesse aparecido nos anos 50, certamente a Metro ou a Fox o teriam contratado e preparado para ser um verdadeiro ídolo, como Robert Taylor ou Tyrone Power.

O que faz lembrar o caso de Richard Chamberlain. Como Clooney, o belo Chamberlain consagrou-se na televisão antes de tentar o cinema. Lançado em 1961, aos 26 anos, no seriado *O Jovem Dr. Kildare*, Richard recebia 20 mil cartas de fãs por semana – o dobro do que era enviado a Clark Gable no apogeu da carreira. Mas o sucesso subiu à cabeça do rapaz: ele abandonou a TV e se mandou para a Inglaterra para se tornar um ator "sério". Chegou a representar Shakespeare nos palcos londrinos e estrelou filmes biográficos interessantes, como *Delírio do Amor*, fazendo o compositor Tchaikovsky, e *Os Amantes de Lady Caroline*, como o poeta Lord Byron. Mas, por motivos inexplicáveis, não emplacou como galã de cinema e precisou voltar à desprezada TV, em que se tornou especialista em minisséries como *Shogun* e *Pássaros Feridos*, ou a filmes de terceira linha, como *As Minas do Rei Salomão* e *Allan Quatermain e a Cidade do Ouro Perdido*. Nesses dois últimos, ele contracenou com uma bela loira que também tentava o cinema: Sharon Stone, então com 27 anos.

E Sharon é outro bom exemplo de como já não se fazem ídolos como antigamente. Lembrando fisicamente a inesquecível Ava Gardner, ela nunca atingiu o status de deusa de sua antecessora, que levou o grande escritor Ernest Hemingway a declarar entusiasmado: "Ava Gardner é o mais belo espécime animal da terra!".

Dulce Damasceno de Brito foi correspondente em Hollywood dos Diários Associados e de O Cruzeiro de 1952 a 1968.

Meg Ryan admira o descanso de Nicolas Cage, agora já um mero mortal

Nicolas Cage e Meg Ryan descobrem os prazeres da vida em

cidade dos anjos

Para desfrutar as não poucas qualidades de *Cidade dos Anjos*, é preciso fazer duas ressalvas: o filme do diretor Brad Silberling *não* é uma refilmagem de *Asas do Desejo*, que Wim Wenders realizou em 1987; e também *não* é um mero xarope romântico com a sempre doce Meg Ryan. Em primeiro lugar, o roteiro rearranja algumas das melhores idéias do texto original, transformando o que era uma fábula existencial em um drama romântico de lirismo ímpar. Além disso, Meg Ryan interpreta uma personagem de dimensões realistas, que não sabe se obedece à razão ou à emoção. E, por fim: alguns xaropes fazem muito bem à saúde.

Era quase impossível supor que o cineasta que dirigiu a modesta aventura infantil *Gasparzinho* alcançasse um feito raro: fazer um filme solidamente comercial e, ao mesmo tempo, intimista, com jeito de produção de arte européia. Está certo que o desfecho lembra o choroso *Ghost*, promovendo uma catarse emocional nada sutil. Mas a hora e meia que antecede o final eleva o espírito do espectador a alturas invejáveis.

Nicolas Cage explora bem seu olhar tristonho para interpretar Seth, um anjo que se apaixona pela cardiologista Maggie (Meg Ryan). Com o tempo, ele se torna visível aos olhos da amada, que está em crise por ter perdido pela primeira vez um paciente durante uma cirurgia. O coração de Maggie estremece ao tomar contato com aquele estranho homem sem passado, que parece compreendê-la como ninguém. Seth, porém, desconhece as delícias humanas, como a maravilhosa sensação tátil provocada por um beijo ou um carinho. Ele precisaria se tornar um mortal para finalmente consumar o amor partilhado por ambos.

A química que rola entre os atores é irrepreensível, e Silberling conduz o filme com serenidade. Assim como Wenders explorou a arquitetura de Berlim, a câmera aqui descortina Los Angeles do ponto de vista dos anjos. Os vastos horizontes, os prédios de design arrojado, as largas avenidas – em suma, a noção particular de espaço que caracteriza a cidade – servem de cenário para uma poética divagação sobre os limites do espírito e da matéria. As lentes do fotógrafo John Seale são sensíveis, em especial, à luminosidade típica de Los Angeles.

Nessa paisagem metropolitana, porém idílica, os personagens passeiam em busca de calor humano. Quando Seth finalmente se torna mortal, o filme traduz em imagens o imenso prazer que ele sente ao descobrir, por exemplo, o que são as cores que embelezam o mundo. Uma cena ideal é a de seu primeiro banho: o vapor que o envolve e a sugestão do perfume do sabonete levam o espectador, agora cúmplice, a uma verdadeira celebração dos sentidos.

Cidade dos Anjos trata da brevidade da existência, do poder dos pequenos gestos, do confronto entre a ciência e a fé e da dependência emotiva entre os homens. Mesmo com temas tão sérios, é um espetáculo otimista e sedutor: o espectador mais cético termina o filme propenso a acreditar tanto em destino quanto no fato de não estarmos sós. É um pensamento reconfortante.

Christian Petermann

★★★★

(City of Angels, EUA, 1998) Direção: Brad Silberling. Com Nicolas Cage, Meg Ryan, Dennis Franz, Andre Braugher. 117 min. Warner.

América

Marisa e Lima são rivais na concentração

BOLEIROS – ERA UMA VEZ O FUTEBOL...

drama ★★★

A maior qualidade do quinto filme de Ugo Giorgetti é o prazer com que revela o lado humano do futebol: entre as várias histórias que são contadas, há a do jogador aposentado que está em dificuldades financeiras, a do juiz corrupto e a do garoto de rua com talento na ponta dos pés. Com esses "causos" quase triviais, Giorgetti aproxima o espectador do universo do filme. O esporte mais amado do país serve de catalisador para um retrato agridoce da realidade brasileira, cuja banalidade vai do cômico ao trágico. A lamentar, apenas, o tom derrotista dos veteranos que se reúnem em uma mesa de bar e desfilam suas lembranças: esse fio condutor destoa da abordagem carinhosa que predomina no resto do filme.

Christian Petermann

(Brasil, 1998) ***Direção****: Ugo Giorgetti.* ***Com*** *Adriano Stuart, Flávio Migliaccio, Rogério Cardoso, Lima Duarte, Otávio Augusto, Marisa Orth, Denise Fraga. 93 min. América.*

CÓDIGO PARA O INFERNO

ação ★★★

Desde *Duro de Matar*, Hollywood não pára de usar e abusar de Bruce Willis, o eterno herói solitário que concilia raciocínio e agilidade física. Ele repete a dose neste filme movimentado, que foi dirigido com habilidade por Harold Becker, o realizador de *Vítimas de uma Paixão*. Willis é Art, um agente do FBI que precisa localizar Simon (Miko Hughes, em impressionante atuação), um menino autista cujos pais foram mortos à queima-roupa. O garoto descobriu, involuntariamente, o principal código de segurança de uma suspeita organização secreta. Com um roteiro bem estruturado nas mãos, o diretor mantém a tensão, só perdendo fôlego na meia hora final, quando o vilão Kudrow (Alec Baldwin), que até então tinha uma postura fria e cerebral, se expõe de forma ingênua.

Alfredo Sternheim

CIC

Willis na linha de fogo

(Mercury Rising, EUA, 1998) ***Direção****: Harold Becker.* ***Com*** *Bruce Willis, Alec Baldwin, Miko Hughes, Chi McBride, Kim Dickens, Robert Stanton. 110 min. CIC.*

O OURO DE ULISSES

drama ★★★

Esta é a volta triunfal do ator Peter Fonda. No papel de um viúvo que se divide entre a apicultura e a família em crise, ele é a grande razão de ser do filme, cuja lentidão, porém, pode incomodar. A história explora o paradoxo entre o trato com as abelhas e com os parentes: ambos demandam o mesmo trabalho artesanal, cuidadoso e ponderado.

(Ulee's Gold, EUA, 1997) ***Direção****: Victor Nunez.* ***Com*** *Peter Fonda, Patricia Richardson, Jessica Biel, J. Kenneth Campbell, Christine Dunford, Steven Flynn. 111 min. PlayArte.*

MEU GIGANTE FAVORITO

comédia ★★ INÉDITO NO CINEMA

O comediante Billy Crystal é um falido agente de talentos que tenta transformar um gigante solitário e culto (Gheorghe Muresan, um jogador de basquete que mede 2m15) em um astro de Hollywood. A aventura do duo fanfarrão tem bons momentos – até que uma revelação muda o rumo da história, e o filme se transforma em um dramalhão sem graça.

(My Giant, EUA, 1998) ***Direção****: Michael Lehmann.* ***Com*** *Billy Crystal, Gheorghe Muresan, Kathleen Quinlan, Joanna Pacula, Steven Seagal, Heather Thomas. 105 min. Columbia TriStar.*

UMA PAIXÃO PARA DUAS

drama ★★ INÉDITO NO CINEMA

Blake diz a Carla que a ama e jura fidelidade eterna; só que ele diz a mesma coisa a Lou. Quando elas descobrem a traição, invadem o apartamento do sem-vergonha e aguardam sua chegada. No começo, o bate-boca é divertido; logo, porém, vira uma aborrecida sessão de psicoterapia que nem os ótimos atores conseguem animar.

(Two Girls and a Guy, EUA, 1998) ***Direção****: James Toback.* ***Com*** *Robert Downey Jr., Heather Graham, Natasha Gregson Wagner. 92 min. Top Tape.*

O ENCANTADOR DE CAVALOS ★★★

drama Robert Redford queria fazer um filmaço – mas acabou foi fazendo um filmão de quase três horas. Não é chato, e não é ruim: o pecado é mesmo o excesso de água no feijão, que diluiu o tempero caprichado do ator/diretor. O início é intrigante, até porque lembra muito o primeiro (e oscarizado) trabalho de Redford atrás das câmeras, *Gente como a Gente*. A menina Grace sai para uma cavalgada com sua melhor amiga, Judith. Elas riem e se divertem tanto que, distraídas, envolvem-se num terrível acidente, do qual Grace e seu cavalo, Pilgrim, saem mutilados. A tragédia evidencia os conflitos familiares: Annie, a mãe de Grace, é uma viciada em trabalho que se impacienta com a demora da filha em superar o trauma, enquanto seu pai assiste impotente à desagregação. Entra em cena Tom Booker, um caubói de Montana que tem fama de saber "conversar" com cavalos – e que, ao ajudar Pilgrim, ajudará também às duas mulheres, promovendo uma comunhão com a natureza capaz de curar até as feridas mais profundas. Era essa elegia que Redford pretendia desde o início – mas ganharia mais se não a fizesse de forma tão romantizada e a um ritmo tão lento quanto o das estações.

Isabela Boscov

Abril

Kristin e Redford curam suas feridas

(The Horse Whisperer, EUA, 1998) ***Direção****: Robert Redford.* ***Com*** *Redford, Kristin Scott Thomas, Scarlett Johansson, Sam Neill, Dianne Wiest, Chris Cooper. 168 min. Abril.*

TUDO AOS DOMINGOS

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

No mesmo espírito de *A Grande Noite*, o filme prega a união familiar pela comida – no caso, um farto e tradicional jantar de domingo. Um menino vê a vida de três irmãs desmoronar quando a matriarca adoece. Apesar de certos personagens beirarem a caricatura, a fita vale pela interpretação de Brandon Hammond, um garoto que ainda vai dar o que falar.

(Soul Food, EUA, 1997) ***Direção****: George Tillman Jr.* ***Com*** *Vanessa L. Williams, Vivica A. Fox, Nia Long, Michael Beach, Mekhi Phifer, Brandon Hammond. 107 min. Abril/Fox.*

ASSASSINOS SUBSTITUTOS

Columbia TriStar

ação ★★

Um assassino profissional chinês desiste de cumprir sua última missão nos EUA e atrai a ira de um lorde do crime. O diretor estreante Antoine Fuqua tentou fazer um filme de ação no estilo de Hong Kong, mas esqueceu-se de que, além de muitos tiros, os similares asiáticos têm lutas fantásticas. O resultado é estático e corriqueiro.

(The Replacement Killers, EUA, 1998) **Direção**: *Antoine Fuqua.* **Com** *Chow Yun-Fat, Mira Sorvino. 86 min. Columbia TriStar.*

O ACORDO

drama ★★★

Um doente terminal torna-se amigo de um jovem que tentara o suicídio depois do acidente de carro que tirou a vida de sua mulher. A trama não deve intimidar o espectador: este é um filme bem-humorado e luminoso. A dupla central de atores é carismática, e o filme prega a importância da amizade e do prazer de viver. Co-produzido por David Arquette.

(Dream with the Fishes, EUA, 1997) **Direção**: *Finn Taylor.* **Com** *David Arquette, Brad Hunt, Cathy Moriarty. 97 min. PlayArte.*

INTRIGA MORTAL

policial ★★★ **INÉDITO NO CINEMA**

Philip Marlowe (James Caan), quem diria, casou-se com uma jovem ricaça (Dina Meyer). O velho detetive, porém, não sossega e arrisca o pescoço envolvendo-se em negócios escusos. O interessante roteiro deste filme feito para TV a cabo é uma adaptação da última história de Marlowe escrita por Raymond Chandler. A direção do veterano Bob Rafelson, porém, é frouxa.

Warner

(Poodle Springs, EUA, 1998) **Direção**: *Bob Rafelson.* **Com** *James Caan, Dina Meyer, David Keith, Tom Bower. 100 min. Warner.*

TEMPOS DE REBELDIA

comédia ★★★ **INÉDITO NO CINEMA**

Irlanda, 1977: Frankie prestou o exame do colegial e agora só lhe resta esperar pelo tão temido resultado, conquistar uma única garota que seja e se entender com sua excêntrica família, liderada por uma mãe fervilhante. O fim da adolescência ganha aqui um tom bem-humorado, graças ao elenco cativante.

Paris/Lumiere

(The Last of the High Kings, Irlanda/Reino Unido/Dinamarca, 1996) **Direção**: *David Keating.* **Com** *Jared Leto, Catherine O'Hara, Gabriel Byrne, Christina Ricci, Colm Meaney. 103 min. Paris/Lumiere.*

MÁQUINA MORTÍFERA 4 ★★★

ação **Só alguns executivos desesperados da Warner acreditavam que a série *Máquina Mortífera* ainda teria fôlego para segurar um quarto episódio. Mas a nova aventura dos policiais Martin Riggs (Mel Gibson) e Roger Murtaugh (Danny Glover) prova que o público não está nem um pouco cansado da mistura de ação e humor que parecia ter atingido a exaustão nos anos 80 – que o diga a bilheteria mundial de 250 milhões de dólares. Apesar dos rostos familiares (elenco e equipe técnica são os mesmos desde o primeiro filme), *Máquina Mortífera 4* oferece novidades. A trama rala – Riggs e Murtaugh enfrentam a máfia japonesa – é uma desculpa para reunir a gangue e apresentar às platéias ocidentais o mestre das artes marciais Jet Li, desde já candidato a melhor vilão do ano. Veloz como ele só, Li rouba o show cada vez que entra em cena – e ainda tem moral para enfrentar a dupla de uma vez. Descontando alguns sentimentalismos difíceis de engolir (como a paternidade do personagem de Gibson), uma Rene Russo mal aproveitada e a presença do sempre irritante Chris Rock (que se junta à dupla central no combate ao crime), *Máquina Mortífera 4* mostra que a velha fórmula, quando usada por gente de talento, ainda pode render boa diversão.**

Roberto Sadovski

Warner

Mel Gibson sofre nas mãos hábeis do vilão Jet Li

(Lethal Weapon 4, EUA, 1998) **Direção**: *Richard Donner.* **Com** *Mel Gibson, Danny Glover, Joe Pesci, Rene Russo, Chris Rock, Jet Li, Steve Kahan, Darlene Love, Traci Wolfe. 127 min. Warner.*

NEWTON BOYS – IRMÃOS FORA-DA-LEI

aventura ★★★

De 1919 a 1924, os irmãos Newton foram os quatro ladrões mais bem-sucedidos da América. Eles limparam mais de oitenta bancos sem nunca ferir alguém. O diretor Richard Linklater gostou da história: contratou como roteirista Claude Stanush, autor do livro no qual o filme é baseado, e reuniu um elenco de atores badalados – sendo que Matthew McConaughey e Ethan Hawke já haviam trabalhado com ele, em *Jovens, Loucos e Rebeldes* e *Antes do Amanhecer*, respectivamente. Linklater esmerou-se nas cenas de ação e mostrou a decadência do Velho Oeste, no qual os cavalos vão dando lugar a Fords ruidosos. Híbrido de comédia, aventura e faroeste, o filme é charmoso e divertido. Assim como seus heróis.

Fátima Gighotti

(The Newton Boys, EUA, 1998) **Direção**: *Richard Linklater.* **Com** *Matthew McConaughey, Ethan Hawke, Skeet Ulrich, Vincent D'Onofrio, Julianna Margulies, Dwight Yoakam. 118 min. Abril/Fox.*

Abril/Fox

Ladrões charmosos

Warner/MGM

Gere tenta salvar a própria pele

JUSTIÇA VERMELHA

drama ★★

Richard Gere expressou aqui sua revolta contra o governo chinês, que o declarou persona non grata por sua postura contrária à invasão do Tibete. O tiro, porém, saiu pela culatra. Dirigida por um Jon Avnet (de *Tomates Verdes Fritos*) apenas correto, a trama traz Gere como um executivo que vai a Pequim para fechar um negócio. Depois de passar a noite com uma chinesa, ele é acordado por policiais e acusado pela morte da jovem. Sua advogada de defesa percebe a armação. A história explora os absurdos do sistema penal chinês. Sem nunca atingir a ferida para valer, o filme se resume a uma boa cena de ação e a raros momentos de romantismo.

Suzana Uchôa Itiberê

(Red Corner, EUA, 1997) **Direção**: *Jon Avnet.* **Com** *Richard Gere, Bai Ling, Bradley Whitford, Byron Mann, Peter Donat, Robert Stanton. 120 min. Warner/MGM.*

GRANDES ESPERANÇAS ★★

romance Se até Shakespeare foi atualizado em filmes recentes, por que não fazer o mesmo com Charles Dickens? Pois então seria melhor que *Grandes Esperanças* se inspirasse na inteligência transgressora do *Ricardo 3º* de Richard Loncraine do que na fórmula comodista do *Romeu e Julieta* de Baz Luhrmann. O filme opta pelo respeito à trama original – como se, deslocada no tempo e no espaço, ela continuasse a fazer sentido. Adaptado outras duas vezes para o cinema – com destaque para a versão de David Lean, de 1946 – e mais duas para a TV, o romance de Dickens ambienta-se na Inglaterra, na segunda metade do século passado. Aqui, o personagem principal é um órfão da Flórida com vocação para artista plástico. Apaixonado pela sobrinha de uma excêntrica milionária, ele leva a vida como pescador até que um padrinho anônimo lhe pavimenta o caminho para a fama e a fortuna em Nova York. O diretor Alfonso Cuarón (de *A Princesinha*) ensaia ingressar no território da fábula. Ao mesmo tempo, mantém o outro pé no realismo. O final canhestro força a pergunta: aonde é que o filme queria mesmo chegar?

Sérgio Rizzo

Abril/Fox

Hawke comemora com um beijo o reencontro com Gwyneth

(Great Expectations, EUA, 1998) **Direção**: *Alfonso Cuarón.* **Com** *Ethan Hawke, Gwyneth Paltrow, Anne Bancroft, Robert De Niro, Hank Azaria, Chris Cooper, Josh Mostel. 111 min. Abril/Fox.*

O DOCE AMANHÃ

drama ★★★★

Baseado em um fato verídico, o romance de Russell Banks que inspira *O Doce Amanhã* tem quatro diferentes narradores. Cada um acrescenta seu ponto de vista à reconstituição de uma tragédia – a morte de crianças num acidente com um ônibus escolar – e de seus desdobramentos na vida de uma pequena comunidade na fronteira dos EUA com o Canadá. Na adaptação, o diretor e roteirista Atom Egoyan (de *Exotica*) vai e volta no tempo, acompanhando um advogado que tenta convencer as famílias das vítimas a responsabilizar alguém pelas mortes. Ao reabrir a ferida, desencadeia emoções represadas e desenterra fatos surpreendentes. Prêmio da Crítica no Festival de Cannes de 1997, o filme ilumina alguns cantos escuros da natureza humana.

Sérgio Rizzo

Alpha

Personagens em busca de paz

(The Sweet Hereafter, Canadá, 1997) **Direção**: *Atom Egoyan.* **Com** *Ian Holm, Sarah Polley, Bruce Greenwood, Arsinée Khanjian, Maury Chaykin, Alberta Watson. 111 min. Alpha.*

A TRÉGUA

drama ★★★

Ao adaptar o romance homônimo e autobiográfico de Primo Levi, o italiano Francesco Rosi construiu um retrato mais ameno – mas não menos pungente – dos horrores do Holocausto durante a Segunda Guerra. Depois de sair do campo de concentração de Auschwitz, um grupo de europeus (que inclui o italiano Levi) perambula pela Rússia devastada até finalmente encontrar o longo caminho de volta à Itália. De início flertando apenas com o realismo, o cineasta desvia o curso da história e passa a comentar a saga com momentos cômicos. Nesse aspecto, o filme lembra um pouco *Mediterrâneo*, de Gabriele Salvatores, que também tinha o humor na retaguarda. John Turturro adequa-se bem ao papel, e o filme é todo falado em inglês.

Miguel Barbieri Jr.

Europa

Turturro retoma a vida

(La Tregua/The Truce, Itália, 1997) **Direção**: *Francesco Rosi.* **Com** *John Turturro, Massimo Ghini, Rade Serbedzija, Stefano Dionisi, Teco Celio, Roberto Citran. 125 min. Europa.*

INFERNO NA ESTRADA

ficção ★★ **INÉDITO NO CINEMA**

Uma psicóloga pega carona com um caipira e sua mulher. Descontrolado, ele mata a esposa e persegue a médica, que vai parar em um galpão no qual um cientista realiza experiências com deslocamento temporal. Ela volta no tempo repetidas vezes para tentar impedir o assassinato. Uma idéia interessante, desperdiçada por uma direção pouco inspirada.

(Retroactive, EUA, 1997) **Direção**: *Louis Morneau.* **Com** *James Belushi, Kylie Travis, Frank Whaley. 89 min. Flashstar.*

MORTE CERTA

Top Tape

suspense ★★★ **INÉDITO NO CINEMA**

Este filme é uma espécie de *Festim Diabólico* para a geração *Pânico*. Dois universitários planejam simular o suicídio de um colega de quarto – já que, como forma de apoio psicológico, os amigos próximos da vítima seriam automaticamente aprovados no semestre. Nada é, porém, o que aparenta ser. As mortes são comentadas pela música "Bela Lugosi's Dead", do Bauhaus.

(Dead Man's Curve, EUA, 1998) **Direção**: *Dan Rosen.* **Com** *Matthew Lillard, Michael Vartan, Dana Delany. 90 min. Top Tape.*

THE TANGO LESSON - UMA LIÇÃO DE TANGO

drama musical ★★★ **INÉDITO NO CINEMA**

Sally Potter (de *Orlando*) redescobre o desejo ao tomar contato com a sensualidade do tango. O filme alterna imagens em cores e em preto-e-branco. Se há cenas marcantes – como a dança ao som de "Libertango", de Astor Piazzolla, interpretado pelo violoncelista Yo-Yo Ma –, o drama da protagonista é auto-indulgente e enfadonho.

(The Tango Lesson, Inglaterra, 1997) **Direção**: *Sally Potter.* **Com** *Potter, Pablo Veron, Gustavo Naveira. 102 min. Filmark.*

PÉ NA ESTRADA

aventura ★★★ **INÉDITO NO CINEMA**

Um guitarrista talentoso se une a três músicos de uma cidadezinha americana para formar uma banda de rock. Em busca do sucesso, o quarteto sai em turnê acompanhado de um empresário misterioso. Eles terão de decidir entre preservar sua arte ou assinar contrato com uma gravadora inescrupulosa. Sem maiores pretensões, o filme diverte misturando drama e bom humor.

(Bandwagon, EUA, 1995) **Direção**: *John Schultz.* **Com** *Kevin Corrigan, Lee Holmes, Steve Parlavecchio. 103 min. CIC.*

ESCOLA DE ASSASSINOS

drama ★★★

É 1936, e a Guerra Civil Espanhola arrasa o país. Rafael é arrancado por seu pai – um militar favorável ao ditador Franco – do colégio para lutar. Antes, porém, cumprirá estágio num pelotão de fuzilamento, sob as ordens de um cínico coronel. Belo drama que mostra o pior da guerra longe do *front*, apoiando-se na excelente dupla central de protagonistas.

(Fiesta, França, 1995) **Direção**: *Pierre Boutron.* **Com** *Jean-Louis Trintignant, Gregoire Colin, Laurent Terzieff. 108 min. Europa.*

SEM LIMITES PARA SONHAR

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

A história de uma jovem dona de casa vítima de esclerose múltipla pode não parecer convidativa à primeira vista. Mas o filme deixa a doença de lado para explorar outros temas, como as viagens astrais. A idéia de que a tragédia física é insignificante se comparada à dor interna é tratada com sensibilidade. O elenco é afinado.

(Eden, EUA, 1997) **Direção**: *Howard Goldberg.* **Com** *Joanna Going, Dylan Walsh, Sean Patrick Flanery. 107 min. CIC.*

CÓDIGO DE TRAIÇÃO

ação ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Bret Michaels, vocalista do grupo Poison, estréia como diretor neste filme nada original. Dois policiais perseguem uma gangue de traficantes de heroína. Funciona, mas é um clichê só: tiras com problemas, empresários envolvidos com o tráfico e policiais corruptos. Pelo jeito, Charles Bronson está fazendo escola.

(No Code of Conduct, EUA, 1998) **Direção**: *Bret Michaels.* **Com** *Charlie Sheen, Mark Dacascos, Martin Sheen, Meredith Salenger, Joe Lando. 100 min. Califórnia.*

FUGINDO DO INFERNO

aventura ★★★ INÉDITO NO CINEMA

A honra era mais importante que a liberdade para vários italianos aprisionados durante a Segunda Guerra – esse é o conflito que conduz esta produção para TV a cabo, que relata fatos verídicos ocorridos na África em 1942. O filme tem belas imagens – como as da disputa de alpinismo no Monte Kenya –, bom ritmo e uma trilha sonora empolgante, que inclui árias de óperas.

(The Ascent, EUA, 1994) **Direção**: *Donald Shebib.* **Com** *Vincent Spano, Ben Cross, Rachel Ward. 96 min. Alpha.*

O MENSAGEIRO

aventura ★★

Alguém poderia imaginar que um carteiro seria a última esperança da humanidade num futuro pós-apocalíptico? Kevin Costner pensou que sim e pagou para ver com este *O Mensageiro*, que mostra o planeta devastado e tomado por guerreiros nômades, que encontram resistência no carteiro interpretado pelo astro. A história lembra *Mad Max* e repete os erros de *Waterworld*: em vez de fazer uma aventura cheia de ação, Costner (que também dirige o filme) realizou um épico monumental pontuado por considerações filosóficas. O resultado é um dramalhão arrastado e cansativo, com um mocinho antipático e um vilão bobão. Costner já provou que pode fazer mais do que isso. Mas, para voltar a fazer sucesso, é bom que ele deixe o ego de lado.

Roberto Sadovski

(The Postman, EUA, 1997) **Direção**: *Kevin Costner.* **Com** *Costner, Will Patton, Larenz Tate, Olivia Williams, James Russo, Daniel von Bargen, Tom Petty. 177 min. Warner.*

Warner

O carteiro não está só

PlayArte

Kyra e Spader ignoram a ética

O IMPACIENTE

drama ★★ INÉDITO NO CINEMA

O diretor Sidney Lumet costuma atacar instituições, como a televisão (*Rede de Intrigas*) e a polícia (*O Príncipe da Cidade*). Agora chegou a vez da ética médica e dos planos de saúde. O cineasta realizou um trabalho farsesco, que se sustenta pelo empenho do bom elenco. James Spader é o médico-residente que se vê no meio de uma batalha judicial: duas meio-irmãs não chegam a um acordo sobre desligar ou não os aparelhos que mantêm vivo seu pai, vítima de coma profundo. A pendenga está relacionada com a herança e com cláusulas do seguro de vida. Ao mesmo tempo em que há momentos inspirados, o filme deixa a desejar: Lumet já foi muito mais crítico e certeiro em trabalhos anteriores.

Christian Petermann

(Critical Care, EUA, 1997) **Direção**: *Sidney Lumet.* **Com** *James Spader, Kyra Sedgwick, Helen Mirren, Margo Martindale, Albert Brooks, Jeffrey Wright, Anne Bancroft. 105 min. PlayArte.*

PERDIDOS NO ESPAÇO ★★★

ficção **A família Robinson, estrela de um dos mais cultuados seriados de TV dos anos 60, volta ao espaço em uma superprodução de 75 milhões de dólares. Má notícia para os antigos fãs: o humor ingênuo da série sumiu. Boa notícia para os jovens de hoje: o ritmo do filme lembra um videogame. Com todos os problemas que teve durante as filmagens, o diretor Stephen Hopkins até que realizou um trabalho visualmente interessante e divertido. O sarcasmo do dr. Smith (um Gary Oldman inspirado) é o que há de melhor. O espião que tenta sabotar a missão dos Robinson – salvar a humanidade – encontra adversários à altura também em Judy (Heather Graham) e no major West (Matt LeBlanc). Mas o roteiro de Akiva Goldsman (de *Batman & Robin*) desregula a bússola da nave Júpiter 2 na segunda metade do filme. As crianças e adolescentes vão se divertir a valer. Já para os fãs da série restam apenas a voz do velho robô (agora anabolizado) e pontas de alguns dos atores originais. Os tempos mudaram também para os Robinsons. Como diria o velho dr. Smith: "Oh, dor!"**

Marcos Smirkoff

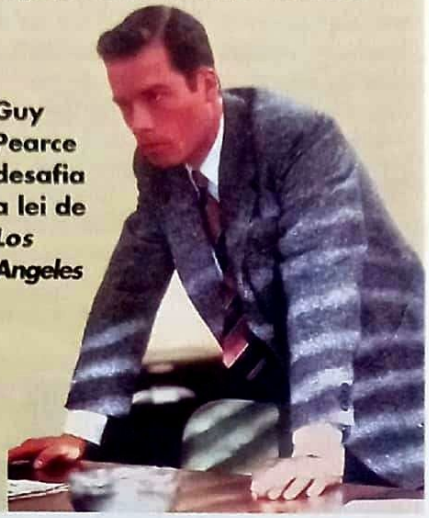
Tripulação pronta para se perder no mundo

(Lost in Space, EUA, 1998) **Direção**: *Stephen Hopkins.* **Com** *William Hurt, Mimi Rogers, Gary Oldman, Heather Graham, Matt LeBlanc, Lacey Chabert, Jack Johnson. 131 min. Warner.*

Chega finalmente em vídeo o clássico do suspense *O Dia do Chacal*

PARA TODOS OS GOSTOS

venda direta Estarão chegando às lojas, neste mês, dois filmes que nunca haviam sido lançados em vídeo no Brasil: ***O Dia do Chacal***, o eletrizante suspense de Fred Zinnemann, e ***A Morte num Beijo***, o *noir* de Robert Aldrich inspirado no romance de Mickey Spillane – a fita inclui ainda o trailer original. Além disso, também será possível comprar dois sucessos recentes do cinema, o arrasa-quarteirão ***O Mundo Perdido***, de Steven Spielberg, e o aclamado ***Los Angeles – Cidade Proibida*** (*foto*), o filme que recuperou a carreira de Kim Basinger. Já os fãs que se interessam pelo começo de carreira dos grandes astros podem adquirir ***Gigolô Americano***, com Richard Gere, e ***Negócio Arriscado***, com Tom Cruise, filmes que os lançaram como símbolos sexuais. Preço sugerido: entre 17 reais e 23 reais.



Guy Pearce desafia a lei de *Los Angeles*

A VERDADE ESTÁ POR PERTO

game Os fãs da série *Arquivo X* contam com um novo instrumento para decifrar a conspiração que se alastra pelo mundo. Trata-se de ***Arquivo X – O Jogo***, que pode ser usado em PC ou Mac. Com manual em português, mas todo produzido em inglês, o jogo testa a astúcia do desafiante, que faz as vezes do agente Craig Willmore, encarregado de encontrar Mulder e Scully, ambos desaparecidos. O game é todo filmado, recriando à perfeição o clima intrigante e sombrio da série. E lembre-se: nunca confie em ninguém! Preço do jogo: 89 reais.

PRIMEIROS PASSOS

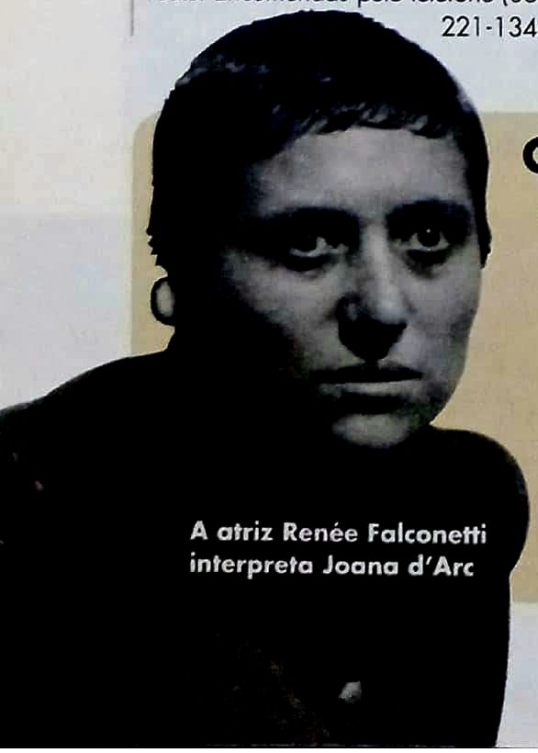
guia Paulo Sérgio do Espírito Santo já foi desenhista da Hanna-Barbera e da Disney. Em parceria com Antonio Enrique Valdez, ele lança ***Como Fazer Desenhos Animados***, que revela o bê-à-bá da animação e faz um resumo histórico do gênero. A apresentação gráfica deixa a desejar, mas vale pelo aspecto didático. Custa 25 reais. Encomendas pelo telefone (033) 221-1346.

AUMENTANDO O ACERVO

dvd A Columbia TriStar lança uma preciosidade: será possível, pela primeira vez no Brasil, adquirir uma cópia de qualidade de uma das obras-primas do cineasta Martin Scorsese, ***Taxi Driver***. O pacote ainda inclui, entre outros, a comédia ***Eu, Minha Mulher e Minhas Cópias*** (*foto*), com Michael Keaton em quatro papéis. Preço sugerido: 25 reais.

OS BASTIDORES DO SHOW

roteiro A Editora Manole está lançando o roteiro de ***O Show de Truman***, de Andrew Niccol, que também assina o prefácio. O livro inclui uma introdução do diretor Peter Weir, além dos bastidores das filmagens e 24 páginas de fotos coloridas. Aviso: se você não assistiu ao filme, compre o livro, mas *não* o folheie para não estragar a surpresa. Preço tabelado: 19 reais.



A atriz Renée Falconetti interpreta Joana d'Arc

O MESTRE DO CINEMA DINAMARQUÊS

venda direta A Continental lança um pacote com três dos filmes mais representativos do diretor Carl H. Dreyer, uma oportunidade única para tomar contato com um cineasta conhecido por sua rigorosa plasticidade e pelo gestual calculado de seus personagens. ***Páginas do Livro de Satã***, de 1920, inspirou-se no épico *Intolerância*, de D.W. Griffith, e é lembrado em especial por uma belíssima seqüência ambientada na Inquisição Espanhola. Já ***A Paixão de Joana d'Arc***, de 1928, é seu trabalho mais famoso e também um dos filmes mais respeitados da história, praticamente todo construído com closes dramáticos da atriz Renée Falconetti. Por fim, ***Dias de Ira***, de 1943, é uma história sobre feitiçaria, com imagens inspiradas na pintura flamenga, em especial de Rembrandt. Preço do pacote: 90 reais (40 reais cada fita).

Fotos: Divulgação

UMA RAJADA DE BALAS

Um filme transgressor que rimou juventude, amor e assassinato

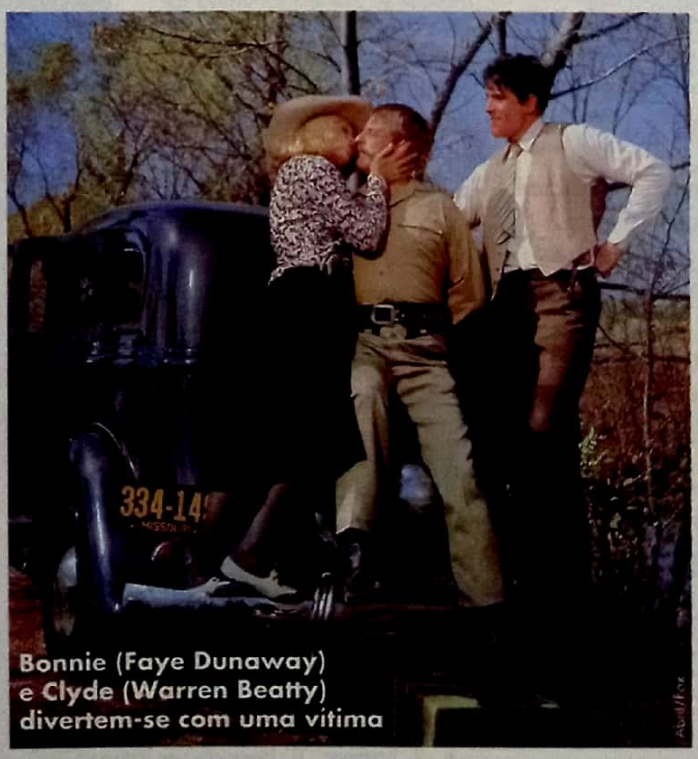
Por Sérgio Rizzo

Responda rápido: *Fargo* é comédia, drama, policial ou um pouco disso tudo? Nos anos 60, quando os irmãos Coen ainda não complicavam a vida de quem separa as fitas nas locadoras, Hollywood levava muito a sério a questão do gênero. Se, por exemplo, um filme era classificado como suspense, era bom que não transgredisse esse formato: o público não podia ser confundido.

Uma Rajada de Balas foi um dos primeiros a remar contra a maré. A frase publicitária que marcou seu lançamento, em 1967, já entregava a bagunça: "Eles são jovens. Eles se amam. E eles matam pessoas". Em Hollywood, juventude e amor não costumavam rimar com assassinato. Mas, aqui, esses elementos não só se conjugavam, como o humor leve era às vezes interrompido por uma bala na cabeça de um inocente. O sucesso mostrou que o público jovem, ao menos, queria ser confundido.

Inspirados pela *nouvelle vague* francesa, e em especial pelo *Acossado* de Jean-Luc Godard, os roteiristas David Newman e Robert Benton entregaram a François Truffaut a sinopse do argumento, baseado no casal de foras-da-lei que movimentou o Texas nos anos 30. Mais tarde, o roteiro chegou também às mãos de Godard, que até se mostrou disposto a rodar o filme... em Tóquio! Mas o projeto só andou mesmo quando Truffaut indicou o roteiro ao astro Warren Beatty – que, por sua vez, teria se ajoelhado diante do chefão Jack Warner para implorar que o estúdio bancasse a produção.

Foi a essa altura que o diretor Arthur Penn, com quem Beatty trabalhara em *Mickey One*, entrou no barco, para também lhe imprimir seu toque e contribuir com sua experiência de retratista dos perdedores do sonho americano. De olho nesse apelo, Penn convidou o roteirista Robert Towne para "acertar" diálogos, situações e personagens. O filme emergiu de um empreendimento coletivo, e muito do que se vê na tela reflete esse espírito de grupo.



Bonnie (Faye Dunaway) e Clyde (Warren Beatty) divertem-se com uma vítima

Bonnie Parker (Faye Dunaway) e Clyde Barrow (Beatty) atravessam um país nocauteado pelos efeitos da Depressão, e a opção pela aventura – mais do que pelo crime – lhes parece a única possível numa sociedade sem luzes no fim do túnel. Os outros integrantes da gangue – Buck Barrow (Gene Hackman), sua mulher Blanche (Estelle Parsons, vencedora do Oscar de atriz coadjuvante) e o baixinho C.W. Moss (Michael J. Pollard) – reforçam essa perspectiva social.

É da gangorra humor-drama, porém, que mais se alimenta o fascínio de *Uma Rajada de Balas*. Bom exemplo dessa mistura fina é a revelação bombástica (a qual, lógico, não podemos contar) que Gene Wilder faz ao bando após ter sido "seqüestrado" de pura farra – e que faz a gangorra pender sem escalas da zoeira para a tragédia. Também é curioso notar que Bonnie e Clyde preocupam-se mais com a versão que a imprensa constrói de suas aventuras do que com as implicações legais dos crimes que cometem. São personagens dos anos 30 que pensam como mitos dos anos 60: eles sabem que o que vale é a imagem.

(Bonnie and Clyde, EUA, 1967) ***Direção***: *Arthur Penn.* ***Com*** *Warren Beatty, Faye Dunaway, Gene Hackman, Michael J. Pollard, Estelle Parsons, Gene Wilder. 111 min.*

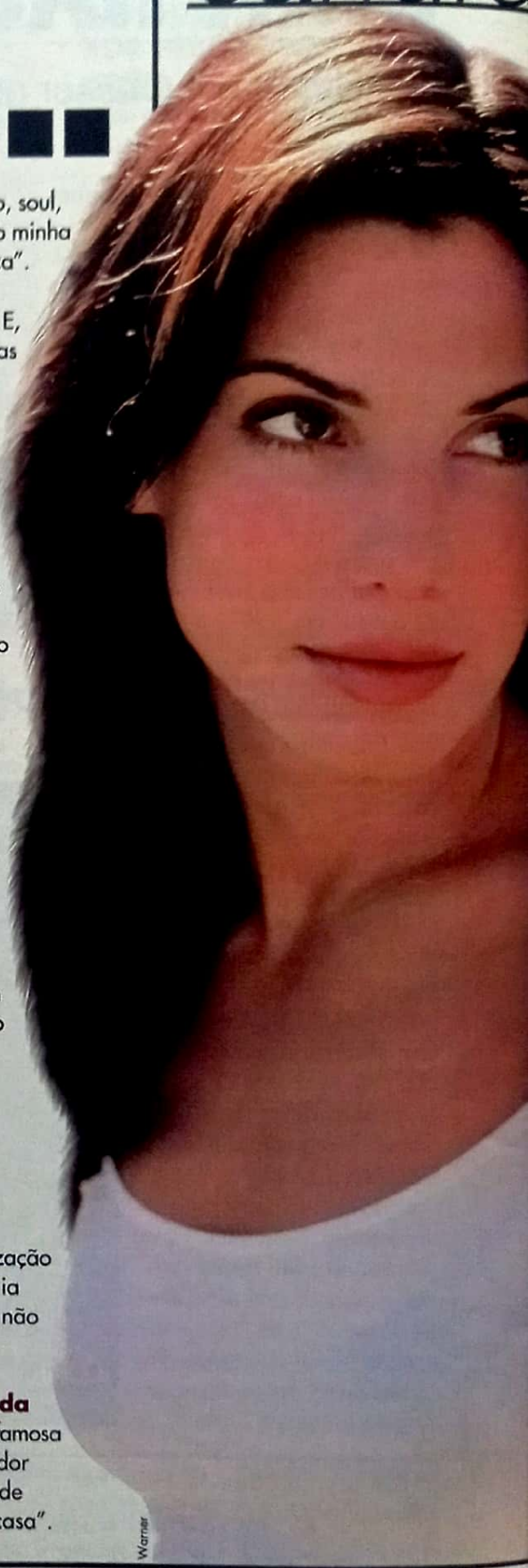
Na **FOX** 16 de novembro, à 0h

FIQUE LIGADO TAMBÉM EM...

• ***Os Cowboys***, com John Wayne e um bando de pequenos vaqueiros, na **TNT**, dia 7, às 10h • ***Doutor Jivago***, o grande romance do diretor David Lean, com Omar Sharif, na **TNT**, dia 17, às 6h • ***Os Homens Preferem as Loiras***, grande comédia de Howard Hawks, com Marilyn Monroe e Jane Russell, na **FOX**, dia 18, às 8h e às 14h • ***Cleópatra***, a superprodução com Elizabeth Taylor e Richard Burton, na **FOX**, dia 19, às 8h e às 14h

TUDO o que eu AMO...

sandra



1 Minha família: "Família é o que há de mais importante para mim. Sou muito ligada a meus pais, John e Helga, e a minha irmã, Gesine. Como minha mãe era cantora de ópera e meu pai era professor de voz, nossa casa estava sempre cheia de música. Fui criada nos bastidores da Ópera de Viena. Era uma ambiente alegre e extravagante. Hoje, meu pai e Gesine trabalham comigo. Isto é o que vale: cercar-se de quem você ama".

2 Austin, no Texas: "Eu estava viajando pelo Texas uns dois anos atrás quando me apaixonei por Austin. É uma cidade que tem um ritmo todo próprio – ela é até chamada de 'a Terceira Costa da América', por causa da forma como une cinema, música e vida universitária. Me mudei para lá para construir minha casa e criar minhas próprias raízes. É lá que eu quero morar, casar, ter filhos e netos. E é lá também que vou dar uma festa enorme na noite da virada do século".

3 Minha casa: "Comprei uma casa de pedra dos anos 30 que mistura os estilos texano e provençal. Quero que ela seja um lugar descontraído, em que os cachorros possam entrar e ninguém tenha medo de sujar o sofá. E vou fazer uma cozinha bem grande, com piso de madeira, lareira e uma mesa para vinte pessoas".

4 Matthew McConaughey (*com quem sandra contracenou em Tempo de Matar*): "Matthew é o ser humano mais original que já encontrei e um dos melhores homens que conheço. É uma bênção gostarmos tanto um do outro. Sei que ele sempre vai estar cuidando de mim, mesmo que esteja a milhares de quilômetros de distância".

5 Dançar: "Nada me faz sentir tão bem quanto dançar. Estudei balé, mas adoro flamenco, jazz, afro, soul, funk, música latina... Considero minha sala uma grande pista de dança".

6 Comida: "Adoro comer. E, no departamento das coisas que engordam, as minhas favoritas são massa crua de biscoito e marshmallow".

7 O biquíni fio-dental que comprei no Brasil: "Mal pude acreditar, mas as brasileiras têm quadris bem generosos e usam esses biquínis – então agora eu acho que também posso!"

8 Perfumes: "Adoro velas de eucalipto – ou, na verdade, qualquer coisa que cheire a eucalipto, além de lavanda e gardênia. Minha casa cheira como um *pot-pourri* de flores".

9 Batom: "Se vou sair com alguém, tudo o que preciso é um daqueles sutiãs que põem tudo no lugar e um batom. E estou pronta para ir embora".

10 Escaladas: "O que me faz gostar de escalar pedras é o perigo e o medo – e a sensação de realização quando, depois de achar que ia morrer, você chega ao topo e não há nada em que se agarrar".

11 As compensações da fama: "O bom de ser famosa é que, quando o seu computador quebra, o técnico dá um jeito de aparecer bem rápido na sua casa".

Warner

bullock

...E ODEIO!

1 **Discutir minha vida romântica**: "Simplesmente não faço nem farei isso. Estou namorando de verdade pela primeira vez na vida – quem sabe até venha a me casar, uma possibilidade que nunca considerei antes – e tenho medo que, se eu falar a respeito, acabe estragando tudo".

2 **Arrogância**: "A maior fraqueza que existe é achar que você sabe tudo".

3 **Falar de mim mesma**: "Dei uma entrevista para a *Rolling Stone* e um leitor escreveu para a revista dizendo: 'Existe alguém mais entediante que Sandra Bullock em Hollywood?'. Sou uma pessoa normal e bem ajustada, e isso é meio chato para o público, não é?"

4 **Passar muito tempo em Hollywood**: "Hollywood é como o colegial: há a rainha do baile, as pessoas da hora e os canastrões. É tudo muito cínico, baseado só em gostos, modas e juventude. Depois de passar algum tempo lá, senti que meus valores estavam empalidecendo. É um lugar realmente sufocante".

5 **Problemas financeiros**: "Já me preparei para viver bem até os cem anos – só não contratei a enfermeira que vai cuidar de mim quando eu ficar velha, porque ela provavelmente nem nasceu ainda. Acho que as pessoas deveriam planejar para a hipótese de o dinheiro parar de entrar. Do bem-estar da minha família, eu já tratei".

6 **Superexposição**: "Não há nada pior que ser fotografada por um *paparazzo* no aeroporto, bem quando você acabou de desembarcar de um vôo estafante e está com uma aparência horrorosa. Hoje eu sei como os peixes se sentem dentro de um aquário".

7 **Dar autógrafos**: "Se há uma criança no meio da multidão, espero que ela chegue até mim para que eu dê um autógrafo. Pelo menos ela não vai ganhar dinheiro em cima de mim, vendendo minha assinatura – como a maioria faz".

8 **Lembrar do meu baile de formatura**: "Meu namorado e eu brigamos duas semanas antes, mas ainda assim fomos juntos ao baile. Foi horrível. Além do mais, eu tinha engordado, e as mangas do vestido ficaram tão apertadas que cortaram a circulação e deixaram meus braços inchados e vermelhos. Pela primeira vez eu podia voltar depois da meia-noite, mas às onze já estava em casa – aos prantos".

9 ***No Amor e na Guerra***: "O maior desastre desse filme foi o estúdio ter escalado a mim e ao Chris O'Donnell como protagonistas, achando que isso seria o suficiente para atrair público. Enquanto isso (*o diretor*), Richard Attenborough lutava com unhas e dentes para manter alguma integridade em relação à história do escritor Ernest Hemingway. Por que contratar um cineasta como ele se a idéia é tirar da trama tudo o que ela tem de brutal? A única coisa boa é que posso dizer que trabalhei com Attenborough e aprendi muito com ele".

10 ***Velocidade Máxima 2***: "Keanu Reeves é que estava certo ao recusar fazer a continuação de *Velocidade Máxima*. Me dei conta da besteira que tinha feito no minuto em que vi o filme na tela. O pior é que convenci um amigo – Jason Patric – a entrar nessa, e espero que ele não me culpe por isso para o resto da vida".

11 **Qualquer menção a fazer *Velocidade Máxima 3***: "Mesmo que me oferecessem 20 milhões de dólares e ameaçassem espetar agulhas nos meus olhos, a resposta a um convite desses ainda seria não".

Susan Granger

Cartas

ESTAVA NA HORA!

Muito boa a idéia de incluir o pôster do novo filme de Spielberg na edição de setembro. Seria bom se isso acontecesse novamente. Elogiáveis também a matéria com as novas atrizes de Hollywood – ultimamente só estava dando homem na revista! – e a nova seção *Cinema para Guardar*. A revista está cada vez melhor, apesar de mais fina.

Álvaro Cézar Bragança
(Brasília – DF)

VIVA AS GORDINHAS

Parabéns pela brilhante idéia de nos presentear com o belo pôster de *O Resgate do Soldado Ryan*. O único problema é que SET "emagreceu" – sem falar nas *Fichas de Cine & Vídeo*.

Pedro Dantas
(Campina Grande – PB)

Vocês estão de parabéns por todas as mudanças que fizeram em SET. Ficou esplêndida! A matéria *Moças de Futuro* estava muito boa – espero que apareçam outras como ela. A única reclamação é a diminuição no número de páginas.

Marcelo Miranda da Silva
(Ubá – MG)

SUCESSO NACIONAL

Finalmente o cinema nacional está recebendo a devida atenção, em matérias com Carla Camurati, Matheus Nachtergaele e outros grandes talentos que fazem a diferença na produção cinematográfica brasileira. Outra boa surpresa foi o pôster de *O Resgate do Soldado Ryan*. Se vocês puderem repetir a dose, cartazes de outros filmes serão sempre muito bem-vindos.

Lorena Grissi
(Salvador – BA)

As seções *Atrás da Câmera* com Carla Camurati e *Papo Rápido* com Matheus Nachtergaele estavam muito boas. É bom termos esse intercâmbio entre leitores-fãs e atores-criadores. Quanto maior for o investimento na divulgação dos trabalhos nacionais, maiores as chances de nosso cinema ter seu valor reconhecido.

Edna Rocha Ramos
(Xique-Xique – BA)

PONTOS DE VISTA

Coppola, George Lucas, Scorsese são dez em matéria de talento e criatividade, mas zero em matéria de responsabilidade e humildade. Sei que Hollywood nunca foi a cidade das virtudes, e também nunca esperei que os grandes astros dos anos 70 tivessem caráter imaculado. Mas confesso que me surpreendi com os relatos da reportagem *Os Melhores Anos de Nossas Vidas*.

Silvia de Paula
(São Paulo – SP)

Nada justifica a matéria sobre *Os Vingadores*, que foi um fracasso nos EUA. Também me nego a acreditar que *Tropas Estelares* tenha recebido quatro estrelas em *Videolançamentos*. Prefiro acreditar que foi erro de impressão. Com quatro estrelas ele fica no mesmo patamar de *Mera Coincidência* e *Jackie Brown*, o que é impossível!

Charles
(Internet)

TESTE DO ALUGUEL

A matéria *O Teste do Aluguel*, na edição de outubro, traz um box no qual cita-se que os lançamentos quentíssimos não foram encontrados nas locadoras nos prazos informados pelas distribuidoras. Gostaríamos de informar que a Columbia TriStar Home Video cumpre rigorosamente as datas previstas de entrega de seus produtos.

Patrícia Ribeiro – Coordenadora de Marketing e Imprensa da Columbia TriStar Home Video

OPS!

O vencedor do Oscar de melhor roteiro em 1996 foi Christopher McQuarrie, por *Os Suspeitos*, e não Randall Wallace, por *Coração Valente*, como publicamos na edição 135.

"Os fanáticos que vão ao cinema e ficam "babando" para o pôster do filme em cartaz sabem o que senti quando recebi a edição 136. Parabéns ao responsável pela brilhante idéia de nos presentear com o pôster do último e magnífico filme de Spielberg, *O Resgate do Soldado Ryan*. No mesmo dia em que o recebi mandei enquadrá-lo. Fiquei muito feliz por SET ter se lembrado de nós, os fanáticos por cinema."

William Tokuhiro Tanida (Internet)

entre leitores

- Vendo as edições 77 e 110 a 133 de SET, todas em bom estado e com as *Fichas de Cine & Vídeo*.
  Everaldo Matias
  R. Itainópolis, 302,
  CEP 54090-400 (Jaboatão – PE)

- Se você é fã de Demi Moore, Neve Campbell e principalmente de Sandra Bullock, escreva-me.
  Rodrigo Ferreira Alves
  R. dos Dourados, 164,
  CEP 13403-370 (Piracicaba – SP)

- Compro qualquer material da super Sharon Stone.
  Douglas Ferreira da Costa
  R. 6A, 123 – Setor Norte,
  CEP 38300-000 (Ituiutaba – MG)

- Quero me corresponder com admiradores de Jim Carrey para formarmos um fã-clube. Tenho vídeos, fotos, entrevistas, reportagens e muito mais.
  Carlos C. Afonso
  R. Alfaia Rodrigues, 79,
  CEP 11025-150 (Santos – SP)

- Vendo sessenta edições de SET e 270 *Fichas de Cine & Vídeo*, todas em bom estado de conservação.
  Ronaldo Severino dos Santos
  R. Pres. Getúlio Vargas, 517,
  CEP 53410-310 (Paulista – PE)

- Adoro *Arquivo X* e gostaria de me corresponder com fãs da série. Também compro qualquer episódio em fitas VHS.
  Emanusa S. S. Lessa
  R. Martagão Gesteira, 42B/201,
  CEP 40150-390 (Salvador – BA)

- Se você é fã de Tarzan ou possui algum material dele para vender, escreva-me.
  Ademir Gomes Ferreira
  R. Maria Glória de Campos, 133,
  CEP 17511-470 (Marília – SP)

- Troco material de alguns artistas por qualquer material de John Goodman e compro gravações do Oscar de 1985 a 1990.
  Marlon Vasconcelos
  R. Francisco Maria de Oliveira, 223,
  CEP 58102-313
  (Campina Grande – PB)

- Vendo, com urgência, materiais de vários astros: Arnold Schwarzenneger, Bruce Willis, Richard Gere, Tom Cruise e outros.
  Carla Manila Ribeiro Marques
  Av. Dr. Deusdete Ferreira de Moura,
  Qd. 07, Lote 07, CEP 76600-000
  (Goiânia – GO)

últimas edições

nº 131 maio 98

nº 132 junho 98

nº 133 julho 98

nº 134 agosto 98

nº 135 setembro 98

nº 136 outubro 98

Escreva para a SET, Avenida Nações Unidas, 7221, CEP 05425-902, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 3037-4706 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/868-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 5,70 por exemplar (mais despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-4800.

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

SET

Diretor Superintendente: Carlos R. Berlinck

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editores: Christian Petermann, Roberto Sadovski
Editor Contribuinte: Francisco Ramalho
Coordenador de Produção: Miguel Gama Francisco
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboraram Nesta Edição: Alfredo Sternheim, André Barcinski, Cesar Garcia Lima, Deborah Peleias, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Gabriela Aguerre, Marcos Smirkoff, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê (texto), Graziella Iacocca, Hani Alves (arte), Paulo Sérgio Roberto (ilustração)

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza; **Paris:** Pedro de Souza

Comercial
Gerente: Silvia Campos
Gerente de Produto de Assinatura: Luciene Lauriano

Comunicação
Gerente de Promoção e Propaganda: Sandra Galli Ponsoni

Publicidade
Diretora: Ana Serra
Gerentes: Ana Maria Lobo, Maria Luisa Marot
Executivas de Negócios: Andréa Madri, Maria Rosaria Pires
Executivas de Contas: Marília Hindi, Mônica Nicolau, Nilda Sperandeo (agências), Alessandra Alves, Marlene S. de Araújo (diretos)
Coordenação: Igor Ismael Assan (supervisor), Tieko Kuniyuki (coordenadora), Cláudio J. da Silva (coordenador jr.)

Marketing
Gerente: Eduardo Rodrigues

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Regionais: Marcos Venturoso
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, Geraldo Nogueira de Aguiar, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

PRÓXIMAS atrações

o que você vai ver na SET de dezembro

MEET JOE BLACK

O astro Brad Pitt volta ao cinema interpretando seu papel mais estranho: ele faz a Morte, que toma o corpo de um jovem recém-falecido para descobrir o que significa estar vivo. De quebra, ele se apaixona pela bela Claire Forlani, filha do empresário interpretado por Anthony Hopkins

Editora Abril

SET

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 5º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (011) 3037-2000, fax: (011) 3037-4706

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tels.: (061) 223-21347 / 321-0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tels.: (085) 254-1666 / 6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte MG - CEP 30110-907 - Tels.: (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE
Economia e Negócios
EXAME • VOCÊ S.A.
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA
ANA MARIA • HORÓSCOPO • CARÍCIA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
Entretenimento
CONTIGO • SHOWBIZZ • SET

SET edição 137 (ISSN 0104-1592), novembro de 1998, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. **Assinatura:** sua satisfação é a sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. **Números atrasados** (as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque): ao preço da última edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco - SP, tel.: (011) 810-4800, fax: (011) 868-3018, dinap.na@email.abril.com.br. Horário de atendimento: de 2ª a 6ª, das 8h às 19h. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Solo.

Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **SET** não admite publicidade redacional.

ANER **Central de Atendimento ao Assinante:** IVC
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

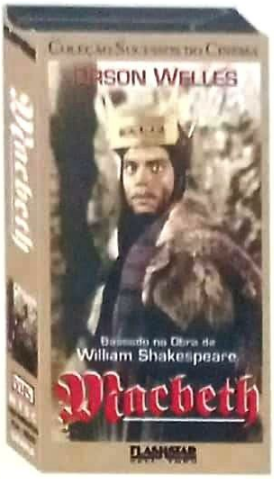
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

OS CAMINHOS VIOLENTOS DA JUVENTUDE

Corria a década de 30, e os Estados Unidos testemunhavam a miséria em larga escala provocada pela Depressão. Em um bairro pobre de Nova York, jovens lutavam para levar uma vida decente em meio à criminalidade descontrolada. Esse foi o quadro que serviu de pano de fundo para o drama social *Beco Sem Saída*. Para o espectador dos anos 90, que se depara com a alienação retratada em uma obra como *Kids*, o clássico de William Wyler, indicado ao Oscar de melhor filme em 1938, chega a ser pueril. Quando foi lançado, porém, incomodou – e muito – a sociedade americana. A escritora de esquerda Lillian Hellman foi bastante fiel à peça teatral de Sidney Kingsley e desenvolveu uma trama árida sobre a redenção na sarjeta. Baby Face Martin, o personagem de Humphrey Bogart (*na foto, à direita*), faz uma plástica facial para poder retornar à sua vizinhança e, assim, rever a mãe. Sua influência, porém, será maligna. *Beco Sem Saída* notabilizou o grupo de jovens atores Dead End Kids, que já havia participado da montagem original do texto e faria outros filmes em seguida. O que mais chama a atenção, porém, é a esplêndida fotografia em preto-e-branco do veterano Gregg Toland. Também indicada ao Oscar, ela explora em minúcias os cenários sombrios e sufocantes das ruelas nova-iorquinas.

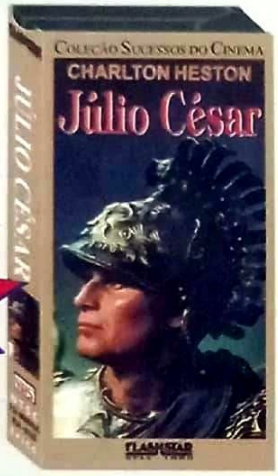
COMPLETE SUA VIDEOTECA

COLEÇÃO SUCESSOS DO CINEMA



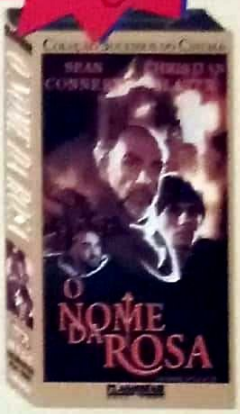
LANÇAMENTOS IMPERDÍVEIS

R$ 14,90 CADA



SUPER OFERTA

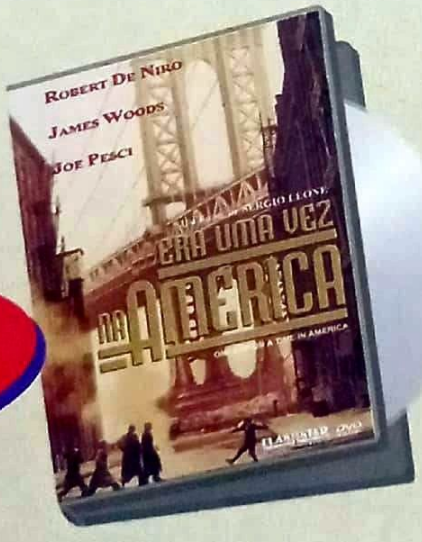
R$ 9,90 CADA



TENHA O FUTURO!

DVD VIDEO

R$ 25,50 CADA



Características especiais deste Dvd:

- ✓ MENUS INTERATIVOS
- ✓ TRAILLER ORIGINAL DE CINEMA
- ✓ LEGENDAS EM PORTUGUÊS E INGLÊS
- ✓ DUBLADO EM PORTUGUÊS
- ✓ FILMOGRAFIA DOS ATORES
- ✓ ACESSO DIRETO AOS CAPÍTULOS
- ✓ SEM RESTRIÇÃO DE REGIÃO, ASSISTA EM QUALQUER APARELHO DE DVD

* SEDEX NÃO INCLUSO - PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ TERMINAR OS ESTOQUES

***NÃO PERCA TEMPO LIGUE JÁ, FAÇA SEU PEDIDO E RECEBA EM CASA**

videoteca

0800 - 11 - 2001

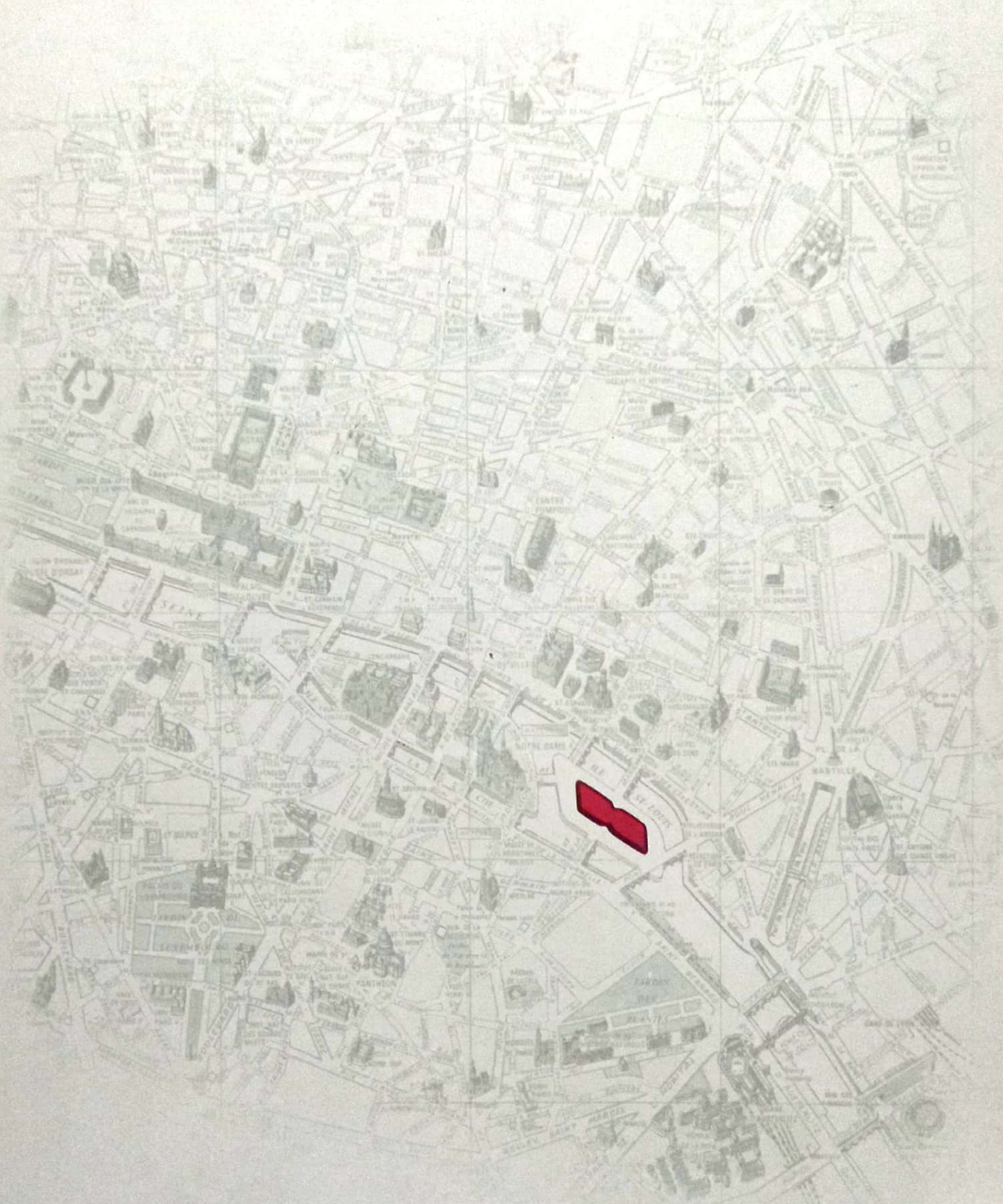
100% VIDEO

(019) 234 - 0709

DISTRIBUIÇÃO

FLASHSTAR HOME VIDEO

carlton *um raro prazer*



**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR PROVOCA DIVERSOS
MALES À SUA SAÚDE.**

alcatrão: 10 mg
nicotina: 0,8 mg
monóxido de
carbono: 12 mg

DPZ